

PABLO NUNES RIBEIRO

**A ALTERNÂNCIA CAUSATIVA NO PORTUGUÊS DO
BRASIL: A DISTRIBUIÇÃO DO CLÍTICO *SE***

PORTO ALEGRE

2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: GRAMÁTICA, SEMÂNTICA E LÉXICO**

**A ALTERNÂNCIA CAUSATIVA NO PORTUGUÊS DO
BRASIL: A DISTRIBUIÇÃO DO CLÍTICO *SE***

PABLO NUNES RIBEIRO

ORIENTADOR: PROF. DR. SERGIO DE MOURA MENUZZI

Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise Linguística, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2010

Dedicado à Daniele e à minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

Ao meu orientador, Sergio Menuzzi, por toda a confiança em mim depositada e por tudo que me ensinou durante este curso de mestrado.

Aos meus amigos e colegas de pós-graduação – Roisenberg, Laura, João Paulo, Eduardo e Othero –, pelas conversas animadas, que tornaram tão agradável nossa convivência acadêmica.

À Profa. Dra. Sabrina Pereira de Abreu, pelo apoio no início de meus estudos e por ter me incentivado a ingressar neste curso de mestrado.

Aos membros da banca de Mestrado, composta por Márcia Maria Cançado Lima, Marcos Goldnadel e Sabrina Pereira de Abreu, pelas valiosas sugestões e críticas feitas durante a arguição.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, por me aceitar como aluno e pela assistência durante a realização do curso.

À CAPES, pelo concessão da bolsa de estudos, que foi essencial para a realização deste trabalho.

À Daniele, por tudo que representa para mim. E pela paciência e compreensão durante este período.

Por fim, aos meus pais, pelo apoio incondicional.

RESUMO

A presente dissertação investiga a distribuição do clítico *se* na alternância causativa no português do Brasil (PB). No que diz respeito à utilização deste clítico, os verbos alternantes no PB podem ser classificados em três categorias: (i) verbos que formam a variante incoativa somente com o clítico *se* (cf. *A discussão aborreceu Ana./Ana *(se) aborreceu.*); (ii) verbos que formam a incoativa sem o *se* (cf. *O governo aumentou a arrecadação./A arrecadação *(se) aumentou.*); e (iii) verbos que permitem as duas possibilidades de alternância (cf. *Paulo quebrou o vaso./O vaso (se) quebrou.*). Nosso intuito é demonstrar que determinadas características semânticas dos verbos alternantes definem a necessidade ou não de utilização do *se* na forma incoativa destes verbos. Mais especificamente, com base no trabalho de Souza (1999), investigamos a hipótese de que a principal função do clítico *se* nas incoativas é evitar a ambiguidade entre as diáteses do verbo, indicando que o argumento na forma intransitiva é o afetado no evento. No primeiro capítulo, realizamos uma breve revisão teórica acerca das restrições semânticas que determinam a participação dos verbos na alternância causativa. Estabelecidas estas restrições, no segundo capítulo, analisamos algumas propostas que discutem a utilização do clítico nesta alternância. Primeiramente, são analisados os trabalhos de Chierchia (2004) e de Koontz-Garboden (2009), que propõem que as sentenças incoativas são derivadas por meio de uma operação de reflexivização. Com base nos dados do PB, argumentamos contra uma análise desta natureza para explicar de um modo geral a formação das incoativas em nossa língua. Na segunda parte do capítulo, examinamos o trabalho de Souza (1999), que estuda as diferentes formas de manifestação da alternância causativa no PB, e propõe algumas hipóteses para explicar a utilização do clítico *se*, as quais fundamentam nossa análise. Finalmente, no terceiro capítulo, realizamos um estudo descritivo sobre a utilização do clítico *se* na alternância causativa no PB, com base em um *corpus* composto por 132 verbos alternantes. Considerando-se a hipótese da ambiguidade, este estudo possibilitou a identificação de fatores semânticos que determinam a utilização ou não do clítico nas incoativas, entre eles a diátese básica dos verbos, a seleção de afetados animados e o nível de especificação do estado resultante do evento no significado dos verbos.

ABSTRACT

This dissertation investigates the distribution of the clitic *se* in the causative alternation in Brazilian Portuguese (BP). With regard to the use of this clitic, the alternating verbs in BP may be classified into three categories: (i) verbs that form the inchoative variant only with the clitic *se* (cf. *A discussão aborreceu Ana./Ana *(se) aborreceu.*); (ii) verbs that form the inchoative variant without *se* (cf. *O governo aumentou a arrecadação./A arrecadação *(se) aumentou.*); and (iii) verbs that allow both possibilities (cf. *Paulo quebrou o vaso./O vaso (se) quebrou.*). The aim of this study is to show that certain semantic characteristics of the alternating verbs define the necessity (or not) of using the clitic *se* in their inchoative variant. More precisely, based on work by Souza (1999), we investigate the hypothesis that the main role of the clitic *se* in inchoative sentences is that of avoiding the ambiguity between the two diathesis of the verb, indicating that the argument in the intransitive form is affected by the event. In the first chapter, we present a brief review of the literature about the semantic constraints that determine the participation of the verbs in the causative alternation. After establishing these constraints, in the second chapter, we analyze some works that discuss the use of the clitic in this alternation. First, we analyze the works by Chierchia (2004) and Koontz-Garboden (2009), who argue that the inchoative sentences are derived by means of a reflexivization operation. On the basis of BP data, we argue against an analysis of that nature to explain the formation of all inchoative sentences in our language. In the second part of the chapter, we examine the work by Souza (1999), who study the different forms of manifestation of the causative alternation in BP. The author formulates some hypothesis to explain the use of the clitic *se*, which serve as a foundation for our analysis. Finally, in the third chapter, we develop a descriptive study of the use of the clitic *se* in the causative alternation in BP, based on a *corpus* composed of 132 alternating verbs. Considering the ambiguity hypothesis, this study allowed the identification of semantic factors which determine the use (or not) of the clitic in inchoative sentences, such as the basic diathesis of the verbs, the selection of animated affected arguments and the level of specification of the result state of the event in the meaning of the verbs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. RESTRIÇÕES SEMÂNTICAS NA REALIZAÇÃO DA ALTERNÂNCIA	
CAUSATIVA: ALGUMAS ANÁLISES EM SEMÂNTICA LEXICAL	13
1.1 Introdução	13
1.2 Uma análise baseada na decomposição lexical.....	13
1.2.1 Levin e Rappaport-Hovav (1995)	13
1.2.2 Discussão	23
1.3 Uma análise baseada em papéis temáticos como conjuntos de	
acarretamentos.....	25
1.3.1 Ciríaco (2007)	25
1.3.2 Discussão	34
1.4 O papel da noção de “raiz” na análise da alternância causativa.....	37
1.4.1 Rappaport-Hovav e Levin (no prelo)	37
1.4.2 Cançado e Godoy (a sair).....	40
1.4.3 Discussão	43
1.5 Resumo e conclusões	47
2. O PAPEL DO CLÍTICO SE NA ALTERNÂNCIA CAUSATIVA:	
ALGUMAS ANÁLISES.....	53
2.1 Introdução	53
2.2 Análises das sentenças incoativas como resultado de uma operação de	
reflexivização.....	54
2.2.1 Chierchia (2004).....	54
2.2.2 Koontz-Garboden (2009).....	59
2.2.3 Discussão	62

2.3 Uma análise das diferentes manifestações da alternância causativa no português do Brasil	66
2.3.1 Souza (1999)	66
2.3.2 Discussão	74
2.4 Resumo e conclusões	79
3. A ALTERNÂNCIA CAUSATIVA NO PB SEGUNDO AS POSSIBILIDADES EM RELAÇÃO AO CLÍTICO SE	82
3.1 Introdução	82
3.1.1 Metodologia	83
3.2 Incoativas que ocorrem sem o se	84
3.2.1 Verbos de modo de movimento	85
3.2.2 Verbos de emissão	87
3.2.3 Verbos de mudança de estado	88
3.2.3.1 <i>Verbos de mudança de estado por meio de calor</i>	88
3.2.3.2 <i>Verbos de mudança de proporção e verbos de detonação</i>	91
3.2.3.3 <i>Verbos de mudança de estado relacionados a adjetivo</i>	92
3.2.4 Conclusões	93
3.3 Incoativas que ocorrem somente com o se	95
3.3.1 Verbos de mudança de estado psicológico	95
3.3.2 Verbos de mudança inespecificada e verbos de manutenção de estado	96
3.3.3 Verbos de composição e verbos de decomposição	97
3.3.4 Verbos de “machucar” e verbos de “alojar”	98
3.3.5 Verbos de mudança na relação espacial	99
3.3.6 Verbos de mudança de estado	100
3.3.7 Conclusões	101
3.4 Verbos que permitem incoativas com e sem o se	103
3.4.1 Verbos de mudança de estado	103
3.4.1.1 <i>Verbos de “quebrar”</i>	103
3.4.1.2 <i>Verbos de mudança de cor</i>	104
3.4.1.3 <i>Verbos de mudança de estado material</i>	104
3.4.1.4 <i>Outros verbos</i>	105
3.4.2 Verbos de mudança de estado psicológico com o prefixo <i>en-</i>	106
3.4.3 Conclusões	106
3.5 Resumo e conclusões	109

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
ANEXO	119

INTRODUÇÃO

A presente dissertação se propõe a investigar a distribuição do clítico *se* na alternância causativa no português do Brasil (PB). O interesse por este tema surgiu da constatação de que, apesar de a alternância causativa ter sido um fenômeno intensamente estudado nas últimas décadas por linguistas de diferentes linhas teóricas, há poucos estudos na literatura sobre a função do clítico *se* na variante incoativa dos verbos alternantes, especialmente no PB. Nosso intuito será mostrar que determinadas características semânticas dos verbos alternantes no PB podem determinar a necessidade ou não de utilização do clítico *se* na forma incoativa destes verbos.

A alternância causativa nas línguas naturais caracteriza-se por envolver verbos que apresentam tanto um uso transitivo como um uso intransitivo, conforme ilustram os exemplos abaixo com o verbo *abrir*, em (1), e os verbos equivalentes em inglês e francês, em (2) e (3):¹

(1) a. João abriu a porta.

b. A porta (se) abriu.

(2) a. John opened the door.

b. The door opened.

(3) a. Jean a ouvert la porte.

b. La porte s'est ouverte.

Como podemos observar nos exemplos acima, a variante intransitiva dos verbos alternantes denota a entrada em um determinado estado, ao passo que a variante transitiva significa aproximadamente “causar V-intransitivo” (cf. Levin e Rappaport-Hovav, 1995).²

¹ Esta alternância verbal também é conhecida como “alternância causativo-incoativa” (Levin e Rappaport-Hovav, 1995) ou “causativo-ergativa” (Whitaker-Franchi, 1989; Ciríaco, 2007). Neste trabalho, utilizaremos preferencialmente o termo “alternância causativa”; no entanto, nas seções dedicadas à resenha de autores específicos, manteremos o termo utilizado pelo autor em questão.

² A variante intransitiva dos verbos alternantes também é chamada na literatura de “incoativa”, “anticausativa” ou “inacusativa”. Em nosso trabalho, utilizaremos preferencialmente o termo “incoativa”, por ser mais neutro em

Uma característica crucial desta alternância é o fato de que o objeto da forma transitiva possui a mesma relação semântica com o verbo que o sujeito da forma intransitiva. Devido a esta relação, a alternância causativa foi amplamente estudada na tradição gerativista como um instrumento para a investigação das propriedades semânticas dos verbos inacusativos (cf. Burzio, 1986; Levin e Rappaport-Hovav, 1995; entre outros.).

Os verbos que participam da alternância causativa no PB podem ser classificados em três categorias, no que diz respeito à utilização do clítico *se*: (i) verbos que formam a variante incoativa somente com o clítico *se*; (ii) verbos que formam a incoativa sem o *se*; e (iii) verbos que permitem as duas possibilidades de alternância. Os exemplos abaixo ilustram estas três categorias:³

- (4) a. A queda da árvore machucou João.
b. *João machucou./João se machucou.
- (5) a. Os terroristas detonaram a bomba.
b. A bomba detonou./*A bomba se detonou.
- (6) a. Maria quebrou o vaso.
b. O vaso quebrou./O vaso se quebrou.

No presente trabalho, investigaremos a distribuição do clítico *se* na alternância causativa no PB, com o objetivo de identificar as características semânticas dos verbos alternantes que determinam seu comportamento em relação à utilização do *se* em suas formas incoativas. Com esta proposta, assumimos – na mesma linha de autores como Levin (1993), Levin e Rappaport-Hovav (1995, 1998) e Jackendoff (1983, 1990), entre outros – que o comportamento dos verbos em relação à expressão sintática de seus argumentos é em grande parte influenciado pelo seu significado. O estudo que realizaremos será de natureza descritiva, e buscará identificar os componentes relevantes do significado dos verbos para a determinação da forma como participam da alternância.

Mais especificamente, com base no trabalho de Souza (1999), exploraremos a hipótese de que a principal função do clítico *se* nas incoativas no PB é a de evitar a ambiguidade entre as diáteses dos verbos. Pretendemos mostrar que, quando os verbos possuem determinadas

relação aos outros termos – a utilização do termo “anticausativa” pressupõe que a forma intransitiva é derivada de uma forma básica causativa, enquanto o uso do termo “inacusativo” está relacionado à uma abordagem gerativa do fenômeno da inacusatividade. Contudo, nas seções em que serão analisados os trabalhos de autores específicos, manteremos o termo utilizado pelo autor em questão.

³ Os dados utilizados neste trabalho referem-se à variante do PB falada na região de Porto Alegre. Diversos estudos mostram que os julgamentos em relação à utilização do clítico *se* nas incoativas podem variar de acordo com a região do país (cf. Cirfaco, 2007; Caçado, 1995; Whitaker-Franchi, 1989).

características que reduzem a possibilidade de ambiguidade em relação ao papel semântico do argumento na forma incoativa, o clítico *se* não é utilizado. Por outro lado, se os verbos possuem propriedades semânticas que contribuem para esta ambiguidade, a tendência é a utilização do clítico *se* em suas formas incoativas. Discutiremos também a hipótese de a regra relacionada à utilização do clítico *se* em incoativas no PB ter sofrido uma alteração na história da língua – da obrigatoriedade para a não utilização do clítico *se* –, como sugere Souza (1999), o que explicaria especialmente o caso dos verbos que alternam com e sem o clítico *se* na forma incoativa.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira. No capítulo 1, será feita uma breve resenha de algumas das principais propostas existentes na literatura em semântica lexical sobre a alternância causativa, tanto no PB como em outras línguas. A escolha deste quadro teórico – com autores como Levin e Rappaport-Hovav (1995), Ciríaco (2007) e Caçado e Godoy (a sair) – evidencia nosso pressuposto básico de que restrições de natureza semântica determinam os verbos que participam ou não da alternância causativa. Após traçarmos este breve panorama das análises da alternância causativa, estabelecendo as restrições semânticas propostas pelos autores para a participação dos verbos nesta alternância, mudaremos nosso foco para o tema principal de nossa dissertação: o clítico *se*. No capítulo 2, apresentaremos algumas análises que tratam em certa medida do papel do clítico *se* na alternância causativa. Na primeira parte do capítulo, discutiremos as propostas de Chierchia (2004) e Koontz-Garboden (2009), que consideram a formação das variantes incoativas como um processo de reflexivização. Em nossa discussão do trabalho dos autores, argumentaremos contra uma análise desta natureza para explicar a formação das incoativas como um todo no PB. Já na segunda parte, apresentaremos o trabalho realizado por Souza (1999) sobre a alternância causativa no PB, no qual o autor classifica os verbos de acordo com seu comportamento em relação à utilização do clítico *se*, bem como propõe algumas generalizações a respeito deste comportamento, as quais fundamentam nossa análise. No capítulo 3, realizaremos nosso estudo descritivo, com base em um *corpus* composto por 132 verbos que participam da alternância causativa no PB. Além da divisão dos verbos nas três categorias citadas acima, de acordo com seu comportamento em relação ao clítico *se*, será feita uma classificação destes verbos conforme suas características semânticas, na tentativa de separá-los em classes de verbos com elementos do seu significado em comum. A partir desta classificação, procuraremos definir algumas propriedades semânticas que determinam a utilização do clítico *se* pelas classes verbais.

1. RESTRIÇÕES SEMÂNTICAS NA REALIZAÇÃO DA ALTERNÂNCIA CAUSATIVA: ALGUMAS ANÁLISES EM SEMÂNTICA LEXICAL

1.1 Introdução

Neste capítulo, faremos uma breve revisão teórica a respeito das restrições semânticas que determinam a participação dos verbos na alternância causativa. Serão analisados alguns dos principais trabalhos disponíveis na literatura sobre o tema na área da semântica lexical, incluindo algumas propostas de pesquisadores brasileiros sobre a alternância causativa em nossa língua.

O capítulo está organizado da seguinte forma. Na seção 1.2, discutiremos a proposta de Levin e Rappaport-Hovav (1995), que realizam um dos trabalhos mais detalhados sobre a natureza da alternância causativa. Por sua vez, na seção 1.3, analisaremos a proposta de Ciríaco (2007) para a alternância causativo-ergativa no PB, baseada na teoria de Cançado (2005) sobre os papéis temáticos. Na seção 1.4, estudaremos dois trabalhos que levam em conta a noção de “raiz” na análise da alternância causativa: o de Rappaport-Hovav e Levin (no prelo) e o de Cançado e Godoy (a sair). Por fim, na seção 1.5, faremos um resumo das propostas estudadas e apresentaremos algumas conclusões a respeito das restrições semânticas que determinam a participação dos verbos na alternância causativa.

1.2 Uma análise baseada na decomposição lexical

1.2.1 Levin e Rappaport-Hovav (1995)

Levin e Rappaport-Hovav (1995) utilizam a alternância causativa como um instrumento para identificar as propriedades lexicais dos verbos inacusativos, especialmente sua diátese básica e sua representação léxico-semântica. Conforme as autoras, verbos que participam da alternância causativa apresentam uma forma transitiva e uma forma intransitiva,

sendo que a forma intransitiva significa, *grosso modo*, ‘causar V-intransitivo’, como mostram os exemplos abaixo:

- (7) a. Pat broke the window./The window broke.
 ‘Pat quebrou a janela./A janela (se) quebrou’
 b. Antonia opened the door./The door opened.
 ‘Antonia abriu a porta./A porta (se) abriu’
 c. Tracy sank the ship./The ship sank.⁴
 ‘Tracy afundou o barco./O barco afundou’

Levin e Rappaport-Hovav destacam o fato de que a alternância causativa é considerada por diversos autores como um diagnóstico de inacusatividade – em grande parte, devido ao relacionamento semântico entre as formas transitiva e intransitiva, revelado pelo compartilhamento do mesmo papel semântico entre o sujeito da forma intransitiva e o objeto da forma transitiva. Autores como Burzio (1986), entre outros, consideram este relacionamento como uma evidência de que o sujeito de um verbo inacusativo, na forma intransitiva, seria seu objeto na estrutura profunda.⁵

De fato, verbos considerados inacusativos prototípicos – em geral, verbos de mudança de estado, como os verbos em (7a, b) – participam da alternância causativa, ao passo que verbos considerados inergativos prototípicos geralmente não participam (cf. (8) e (9), abaixo), o que parece ser um bom argumento, conforme Levin e Rappaport-Hovav, para que a alternância causativa seja realmente um diagnóstico para a inacusatividade.

- (8) a. The children played.
 ‘As crianças brincaram’
 b. *The teacher played the children.
 ‘*A professora brincou as crianças’
 (cf. The teacher made the children play.)
 ‘A professora fez as crianças brincarem’
 (9) a. The actor spoke.
 ‘O ator falou’
 b. *The director spoke the actor.
 ‘*O diretor falou o ator’

⁴ Exemplos de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, p. 79, (1).

⁵ Na tradição da gramática gerativa, a estrutura profunda (*deep structure*) é o nível de representação subjacente no qual os predicados atribuem estruturalmente os papéis temáticos a seus argumentos.

(cf. The director made the actor speak.)⁶

‘O diretor fez o ator falar’

A questão fundamental, para as autoras, seria justamente identificar quais os elementos de significado que separam os verbos que permitem dos verbos que não permitem a alternância causativa. Utilizando-se da técnica da decomposição lexical para elaborar as representações léxico-semânticas dos verbos, Levin e Rappaport-Hovav argumentam a favor de uma análise léxico-semântica causativa para os verbos que participam da alternância; ou seja, os verbos alternantes seriam basicamente causativos – e, assim, diádicos em sua representação lexical básica –, e a representação intransitiva seria derivada da causativa. Esta análise, entretanto, não se aplica a todos os verbos inacusativos, já que nem todos possuem uma forma causativa correspondente, o que as leva a sugerirem uma divisão na classe dos inacusativos, como veremos adiante.

Mais especificamente, as autoras assumem que os verbos inacusativos alternantes possuem uma única representação léxico-semântica causativa associada tanto à forma transitiva como à intransitiva do verbo, enquanto os verbos intransitivos que não participam da alternância causativa são considerados basicamente monádicos, conforme as representações em (10) e (11):

(10) *break*: [[*x* DO-SOMETHING] CAUSE [*y* BECOME *BROKEN*]]

(11) *laugh*: [*x* *LAUGH*]

Os verbos que participam da alternância causativa possuem, portanto, uma estrutura léxico-semântica complexa, envolvendo o predicado CAUSE (cf. (10)), o qual toma como argumentos dois subeventos – um subevento causador e um subevento central, associado ao participante passivo do evento e ao componente inerente, idiossincrático, da raiz verbal (em (10), ao estado de “estar quebrado”, expresso por *BROKEN*). Por outro lado, os verbos intransitivos que não participam da alternância não envolvem, segundo Levin e Rappaport-Hovav, o predicado CAUSE, sendo basicamente monádicos, com apenas um subevento em sua representação léxico-semântica (cf. (11)). Para as autoras, a falta de uma variante causativa nestes verbos decorre justamente da ausência do predicado CAUSE e, conseqüentemente, do subevento causador em sua representação.

A representação léxico-semântica de um verbo, para Levin e Rappaport-Hovav, é um nível distinto da estrutura de argumentos, a qual é responsável pela projeção dos argumentos

⁶ Exemplos de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, p. 80, (2), (3).

na sintaxe; ou seja, a forma intransitiva de um verbo como *quebrar* é considerada pelas autoras como sendo monádica na estrutura de argumentos, porém diádica em sua representação léxico-semântica. Desse modo, na forma intransitiva de um verbo causativo, ocorre a vinculação (*lexical binding*) do argumento causador em sua representação léxico-semântica, sendo que esta vinculação passa a ser interpretada como quantificação existencial. Isto faz com que o argumento causador não seja projetado na sintaxe, como ilustra o esquema abaixo, proposto pelas autoras:

(12) *Intransitive break*

LSR	[[x DO-SOMETHING] CAUSE [y BECOME <i>BROKEN</i>]]	
	↓	
Lexical binding	∅	
Linking rules		↓
Argument structure		<y>

(13) *Transitive break*

LSR	[[x DO-SOMETHING] CAUSE [y BECOME <i>BROKEN</i>]]	
Linking rules	↓	↓
Argument structure	x	<y>

Levin e Rappaport-Hovav apresentam diversos argumentos para sustentar sua análise de que a forma básica dos verbos inacusativos alternantes é a forma causativa. O primeiro deles diz respeito às restrições seletivas dos verbos. As autoras ressaltam que as restrições seletivas do sujeito da forma intransitiva de diversos verbos não são iguais às do objeto da forma transitiva, conforme mostram os exemplos abaixo:

(14) a. He broke his promise/the contract/the world record.

‘Ele quebrou sua promessa/o contrato/o recorde mundial’

b. *His promise/The contract/The world record broke.⁷

‘*Sua promessa/O contrato/O recorde mundial quebrou.’

(15) a. The wind cleared the sky./ The sky cleared.

‘O vento limpou o céu’/ ‘O céu limpou’

b. The waiter cleared the table./ *The table cleared.⁸

‘O garçom limpou a mesa’/ ‘*A mesa limpou’

⁷ Exemplos de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, p. 85, (9a, b), baseados em Brousseau e Ritter, 1991.

⁸ Exemplos de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, pp. 85-86, (12a, b), (13a, b).

Em (14), podemos notar que o verbo *break*, quando utilizado em um sentido metafórico, impõe mais restrições ao sujeito da forma intransitiva do que ao objeto da forma transitiva. Segundo as autoras, este fenômeno é mais geral, já que alguns verbos, mesmo não sendo utilizados de forma metafórica, comportam-se de maneira semelhante, como é o caso do verbo *clear*, em (15), que permite como sujeito da forma intransitiva *the sky*, porém não *the table*. A generalização que Levin e Rappaport-Hovav encontram nestes exemplos é a de que o conjunto de sujeitos possíveis na forma intransitiva de um verbo é um subconjunto dos objetos possíveis na forma transitiva. Presumindo-se que a variante básica de um verbo é aquela que impõe menos restrições aos seus argumentos, a assimetria mostrada em (14) e (15) indicaria, conforme a análise das autoras, que a forma transitiva de um verbo alternante seria a forma básica.

O segundo argumento utilizado em favor de uma análise causativa é retirado por Levin e Rappaport-Hovav de Chierchia (2004).¹⁰ O autor sugere que os verbos inacusativos que não apresentam uma variante transitiva estão mesmo assim relacionados a um verbo causativo, o qual pode não ser lexicalizado ou ser marcado como lexicalizado por um verbo não-relacionado morfologicamente com a forma intransitiva. Por exemplo, o verbo *cair*, conforme a proposta de Chierchia (2004), mesmo não possuindo uma variante causativa, seria basicamente diádico, sendo relacionado no léxico a um verbo causativo como *derrubar*. Isto causaria certa instabilidade na transitividade dos verbos inacusativos, o que abriria espaço para a variação tanto entre dialetos como entre as línguas. O mesmo não é esperado dos verbos inergativos, que são basicamente monádicos, e em geral não apresentam instabilidade em sua transitividade (para mais detalhes da proposta de Chierchia (2004), ver seção 2.2.1). Levin e Rappaport-Hovav (1995) não assumem esta análise de Chierchia, como veremos adiante, pois procuram mostrar que há outros princípios envolvidos na falta de uma forma causativa relacionada a determinados verbos intransitivos. Contudo, aceitam como argumento a favor de sua análise a constatação sobre a valência instável dos verbos inacusativos.

Por fim, Levin e Rappaport-Hovav apresentam como argumento um teste envolvendo o adjunto adverbial *da sé* ('por si mesmo') do italiano – segundo as autoras, com o sentido de

¹⁰ Este artigo de Chierchia foi originalmente escrito em 1989 e circulou como manuscrito até sua data de publicação, em 2004. Por motivos de simplicidade, ao fazermos referência a este texto utilizaremos somente a data de publicação, embora isso resulte em aparente paradoxo temporal com a obra de Levin e Rappaport-Hovav, publicada em 1995.

“sem ajuda externa” –, também retirado de Chierchia (2004). Conforme Levin e Rappaport-Hovav, seguindo Chierchia, este adjunto é compatível com a forma intransitiva dos verbos alternantes, e não aparece com verbos intransitivos que não participam da alternância causativa. Este comportamento seria devido ao fato de o adjunto *da sé* ser sensível ao operador CAUSE, presente na forma intransitiva de verbos alternantes, ao contrário dos verbos intransitivos que não alternam, o que explicaria a impossibilidade de uso do adjunto com estes verbos.

Tendo estabelecido a proposta de uma análise causativa para os verbos alternantes, as autoras introduzem a distinção entre “eventualidades causadas internamente” e “eventualidades causadas externamente” para explicar quais verbos são basicamente diádicos. O objetivo da distinção é explicar o fato de que, como veremos adiante, nem todos os verbos intransitivos de mudança de estado possuem uma variante causativa, assim como nem todos os verbos causativos transitivos apresentam uma forma intransitiva. Além disso, como destacam Levin e Rappaport-Hovav, alguns verbos intransitivos que não são de mudança de estado possuem uma variante causativa.

Conforme as autoras, em um verbo intransitivo que descreve uma eventualidade causada internamente, alguma propriedade inerente do argumento do verbo é responsável pela realização da eventualidade. Por exemplo, em um verbo como *falar*, é a volição do agente que realiza a atividade; já em um verbo como *enrubescer*, que seleciona argumentos animados, mas não agentivos, a eventualidade é realizada por alguma outra propriedade interna – neste caso, tipicamente uma reação emocional, como sugerem Levin e Rappaport-Hovav. As autoras defendem também que os “verbos de emissão” – tais como os verbos do inglês *roar* (‘rugir’), *glitter* (‘brilhar’) e *sparkle* (‘cintilar’), entre outros – denotam eventualidades causadas internamente. De acordo com as autoras, os verbos intransitivos que denotam eventualidades causadas internamente não apresentam uma variante causativa, como ilustram os seguintes exemplos:

- (16) a. Mary shuddered.
 ‘Mary tremeu’
 b. *The green monster shuddered Mary.
 ‘*O monstro verde tremeu Mary’
 c. The green monster made Mary shudder.¹¹
 ‘O monstro verde fez Mary tremer’

¹¹ Exemplos de Smith, 1970, p. 107, *apud* Levin e Rappaport-Hovav, 1995, p. 90, (18a, b, c).

(17) a. The jewels glittered/sparkled.

‘As jóias brilharam/cintilaram’

b. *The queen glittered/sparkled the jewels.¹²

‘*A rainha brilhou/cintilou as jóias’

Os verbos que denotam eventualidades causadas externamente, por outro lado, participam da alternância causativa justamente por implicarem a existência de uma “causa externa” com controle imediato sobre a realização da eventualidade, podendo esta ser um agente, um instrumento, uma força natural ou uma circunstância, como sugerem as autoras. Segundo elas, a eventualidade denotada por um verbo como *break* é necessariamente realizada por uma causa externa, pois algo não quebra simplesmente por suas propriedades.¹³

As representações léxico-semânticas dos verbos sugeridas por Levin e Rappaport-Hovav em (10) e (11) refletem tanto a proposta das autoras para a adicidade básica dos verbos quanto o fato de que verbos causativos são verbos que denotam eventualidades causadas externamente, o que se expressa pela relação de causação entre dois subeventos. Assim, verbos causados externamente possuiriam uma representação como em (18a) abaixo, e verbos causados internamente, uma representação como a proposta em (18b). Conforme as autoras, a adicidade básica de um verbo seria um reflexo direto do número de posições abertas em sua representação léxico-semântica:

(18) a. [[x DO-SOMETHING] CAUSE [y BECOME *STATE*]]

b. [x *PREDICATE*]

A representação em (18a) tem o intuito de refletir o fato de que, conforme a análise das autoras, verbos que denotam eventualidades causadas externamente são basicamente transitivos. Por outro lado, verbos que denotam eventualidades causadas internamente são basicamente intransitivos, conforme (18b). A análise das autoras prediz que não deve haver verbos causados externamente sem uma variante causativa, o que, conforme Levin (1993), parece ser o caso. Contudo, nem todos estes verbos apresentam uma variante intransitiva, como mostram os exemplos:

(19) a. The baker cut the bread.

‘O padeiro cortou o pão’

¹² Exemplos de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, p. 92, (20a, b).

¹³ Esta afirmação não parece ser tão óbvia, pois não é claro qual seria a causa externa em uma sentença como *Aquele vaso se quebrou de velho*.

- b. *The bread cut.
 ‘*O pão cortou’
- (20) a. Anita Brookner just wrote a new novel.
 ‘Anita Brookner escreveu um novo romance’
- b. *A new novel wrote.
 ‘*Um novo romance escreveu’
- (21) a. The assassin murdered the senator.
 ‘O homicida assassinou o senador’
- b. *The senator murdered.¹⁴
 ‘*O senador assassinou’

Levin e Rappaport-Hovav também salientam que, apesar de grande parte dos verbos que participam da alternância causativa serem caracterizados como verbos de mudança de estado, esta propriedade não pode ser equiparada com causação externa, devido à existência de verbos de mudança de estado que não possuem uma variante causativa, classificados pelas autoras como “verbos de mudança de estado causados internamente”:

- (22) a. The cactus bloomed/blossomed/flowered early.
 ‘O cacto floresceu/desabrochou/floriu’
- b. *The gardener bloomed/blossomed/flowered the cactus early.
 ‘*O jardineiro floresceu/desabrochou/floriu o cacto cedo’
- c. *The warm weather bloomed/blossomed/flowered the cactus early.
 ‘*A alta temperatura floresceu/desabrochou/floriu o cacto cedo’
- (23) a. The logs decayed.
 ‘Os troncos apodreceram’
- b. *The rangers decayed the logs.
 ‘*Os guardas florestais apodreceram os troncos’
- c. *The bad weather decayed the logs.¹⁵
 ‘*O tempo ruim apodreceu os troncos’¹⁶

Para lidar com o fato de que apenas um subconjunto dos verbos causados externamente apresenta a variante intransitiva, conforme vemos em (19), (20) e (21), Levin e Rappaport-Hovav exploram a questão de quando os verbos causados externamente podem se

¹⁴ Exemplos de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, p. 95, (28a, b), (30a, b), (31a, b).

¹⁵ Exemplos de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, p. 97, (33a, b, c), (34a, b, c).

¹⁶ Em PB, esta sentença é agramatical com *o tempo ruim* como sujeito; porém, parece ser aceitável com um sujeito como *a umidade* (cf. *A umidade apodreceu os troncos*).

“destransitivizar”. Com base no estudo de Smith (1970, *apud* Levin e Rappaport-Hovav, 1995), as autoras sugerem que os verbos transitivos causativos que apresentam uma variante intransitiva, ou seja, participam da alternância causativa, são aqueles que denotam uma eventualidade que pode ocorrer sem a intervenção direta de um agente volicional. A possibilidade de a eventualidade denotada por um verbo causativo se realizar sem a intervenção de um agente volicional possibilita, portanto, segundo Levin e Rappaport-Hovav, que a causa externa não seja expressa na sintaxe. As autoras consideram como evidência para isto o fato de que os verbos que nunca se “destransitivizam” requerem necessariamente um agente como sujeito, como nos exemplos em (24) e (25), ao contrário dos verbos alternantes, como mostra (26):¹⁷

(24) a. The terrorist assassinated/murdered the senator.

‘O terrorista assassinou o senador’

b. *The explosion assassinated/murdered the senator.

‘*A explosão assassinou o senador’

(25) a. Pat wrote a letter to the editor of the local newspaper.

‘Pat escreveu uma carta para o editor do jornal local’

b. *My anger wrote a letter to the editor of the local newspaper.

‘*Minha raiva escreveu uma carta para o editor do jornal local’

(26) The vandals/The rocks/The storm broke the windows.¹⁸

‘Os vândalos/As pedras/A tempestade quebrou as janelas’

Levin e Rappaport-Hovav (1995) refinam esta restrição posteriormente, afirmando que a causa externa de um verbo causativo pode deixar de ser expressa na sintaxe somente se a natureza do evento causador é subespecificada pelo verbo. As autoras sugerem que:

[...] the intransitive form of externally caused verbs arises from binding the external cause within the lexical semantic representation, where this binding is interpreted as existential quantification. The intransitive form will then be interpreted as asserting that the central subevent came about via some causing subevent, without any specification of its nature. Suppose, however, that if the verb lexically specifies something about the nature of the external cause, then it

¹⁷ Levin e Rappaport-Hovav (1995) sustentam que o comportamento do verbo *cut*, que não possui a variante intransitiva, pode ser explicado por esta restrição, à medida que o sentido do verbo implica a existência de um objeto afiado que necessita ser usado por um agente volicional para que ocorra a mudança de estado descrita pelo verbo.

¹⁸ Levin e Rappaport-Hovav, 1995, pp. 102-103, (45a, b), (46a, b), (48).

cannot be lexically bound, and the intransitive form of the verb would not be attested (Levin e Rappaport-Hovav, 1995, p. 108).¹⁹

Esta vinculação se realizaria no mapeamento da representação léxico-semântica com a estrutura de argumentos, como mostrado anteriormente nos esquemas em (12) e (13).

Por fim, Levin e Rappaport-Hovav (1995) tratam dos verbos de existência – tais como *exist* (‘existir’), *flourish* (‘florescer’) e *thrive* (‘crescer’) – e de aparecimento – como *appear* (‘aparecer’), *emerge* (‘emergir’) e *arise* (‘surgir’) –, que apesar de serem considerados inacusativos, não participam da alternância causativa, o que leva as autoras a defenderem uma divisão na classe dos inacusativos.

- (27) a. My mother lived in Boston.
 ‘Minha mãe viveu em Boston’
 b. *Her job lived my mother in Boston.
 ‘*Seu trabalho viveu minha mãe em Boston’
- (28) a. A picture appeared (on the screen).
 ‘Uma figura apareceu (na tela)’
 b. *The programmer appeared a picture (on the screen).
 ‘*O programador apareceu uma figura (na tela).’
- (29) a. The bicycle disappeared (from the garage).
 ‘A bicicleta desapareceu (da garagem)’
 b. *The thief disappeared the bicycle (from the garage).²⁰
 ‘*O ladrão desapareceu a bicicleta (da garagem).’

Levin e Rappaport-Hovav consideram que os verbos de existência e aparecimento são basicamente diádicos, assim como os outros verbos inacusativos. A diferença é que possuem dois argumentos internos, um descrevendo a entidade que existe e outro descrevendo a locação desta entidade, e não um argumento externo e um interno, como os verbos causados externamente. Deste modo, estes verbos não participam da alternância causativa, já que a própria noção de causação interna ou externa parece não se aplicar a esta classe de verbos,

¹⁹ Tradução: “a forma intransitiva de verbos causados externamente surge da vinculação da causa externa na representação léxico-semântica, onde esta vinculação é interpretada como quantificação existencial. A forma intransitiva, então, será interpretada como uma afirmação de que o subevento central se deu através de algum subevento causador, sem qualquer especificação de sua natureza. Caso contrário, se o verbo especifica lexicalmente algo sobre a natureza da causa externa, então ela não pode ser vinculada lexicalmente, e a forma intransitiva do verbo não pode ser licenciada”.

²⁰ Exemplos de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, p. 121, (96a, b), (97a, b), (98a, b).

segundo as autoras. Isso as faz postular uma regra de *linking* específica para este tipo de verbos.

Em resumo, Levin e Rappaport-Hovav isolam, com sua proposta, três classes de verbos, definidas de acordo com sua representação léxico-semântica e sua associação com a estrutura de argumentos. A primeira classe pode ser caracterizada como verbos causados externamente, basicamente diádicos: estes podem não expressar seu argumento causador na sintaxe, participando, portanto, da alternância causativa. A segunda classe inclui os verbos causados internamente, que são basicamente monádicos, podendo eventualmente sofrer um processo de causativização. Por fim, a terceira classe contém os verbos de existência e aparecimento, que também seriam diádicos, porém possuiriam dois argumentos internos, ao contrário dos outros verbos inacusativos, não participando da alternância causativa.

1.2.2 Discussão

Apesar de o objetivo principal do trabalho de Levin e Rappaport-Hovav (1995) ser o de determinar as propriedades lexicais dos verbos inacusativos, sua proposta para as restrições semânticas que determinam a realização da alternância causativa é, possivelmente, a mais completa encontrada na literatura. A distinção proposta pelas autoras entre eventualidades causadas interna e externamente parece ser, de fato, relevante na determinação da maior parte dos verbos que participam da alternância causativa. Contudo, acreditamos que os argumentos utilizados pelas autoras para defender sua análise de que a forma causativa é a forma básica dos verbos alternantes não são tão conclusivos.

Levin e Rappaport-Hovav utilizam algumas evidências sobre as restrições seletivas dos verbos como argumento em favor de uma análise léxico-semântica causativa, como vimos na seção anterior. Segundo as autoras, a variante básica de um verbo seria aquela que impõe menos restrições aos seus argumentos e, portanto, a forma causativa de um verbo alternante seria a forma básica, pois restringe menos a seleção de seu objeto direto, conforme os exemplos (14) e (15). Entretanto, como um argumento independente, esta conclusão parece estranha, uma vez que o mais natural seria acreditarmos que a forma que menos restringe a seleção dos argumentos é aquela com a representação léxico-semântica mais simples, sendo que restrições adicionais surgiriam com a adição de novos elementos de significado. Na análise das autoras, contudo, é a forma causativa, mais complexa semanticamente, que é considerada básica.

Nos exemplos em (14), parece haver outros fatores envolvidos na impossibilidade de alternância com a utilização de *quebrar* (*break*) em um sentido metafórico. Ao contrário de “quebrar um vaso”, que se caracteriza como um evento que, como vimos na seção anterior, pode ser causado externamente por um agente, uma causa, um instrumento, etc., “quebrar um contrato, uma promessa ou um recorde” são eventos que parecem exigir uma ação volicional e, portanto, seriam eventos que necessitam de um agente, como o evento denotado por *assassinar*, por exemplo. Isto estaria influenciando a não realização da alternância com o sentido metafórico de *quebrar*. Já o caso do verbo limpar (*clear*) parece ser um pouco mais complexo, já que, aparentemente, a alternância só é possível com elementos da natureza, como *o céu* ou *o rio*, com causas igualmente naturais. De qualquer maneira, uma análise um pouco mais detalhada destes exemplos mostra que este argumento utilizado por Levin e Rappaport-Hovav não parece dar indícios, como sugerem as autoras, de que a forma causativa é a forma básica.

Um segundo problema diz respeito à utilização do teste com o modificador *da sé* como evidência de que a variante intransitiva de verbos que participam da alternância causativa possui, em sua representação léxico-semântica, um elemento causativo (o operador CAUSE). Levin e Rappaport-Hovav assumem que todos os verbos inacusativos que possuem uma variante transitiva são derivados desta, sendo basicamente diádicos. Segundo as autoras, verbos que não participam da alternância não aparecem com este modificador; porém, no PB isto não parece se manter. O adjunto *por si mesmo*, possível equivalente de *da sé* em PB, pode ser utilizado em sentenças com verbos que não são causativos, como *funcionar* ou *caminhar* (cf. *Este relógio funciona por si mesmo, não precisa dar corda*; ou *O bebê finalmente caminhou por si mesmo*). Este não parece ser, portanto, um teste conclusivo sobre a presença de CAUSE na representação da forma incoativa dos verbos alternantes, não ao menos no PB (para uma crítica mais detalhada deste teste, ver seção 2.2.3).

Além disto, conforme veremos na seção 1.4.1, ao discutirmos um artigo recente das autoras, acreditamos que a análise de Levin e Rappaport-Hovav (1995) falha em fornecer uma explicação mais precisa para a não alternância de algumas classes de verbos, como os verbos que implicam o uso de um instrumento (p. ex., *cortar*, *serrar*, *martelar*, etc.), bem como os verbos de colocação em um recipiente (p. ex., *engarrafar*, *empacotar*, etc.). Estes verbos são tratados de forma mais precisa em estudos posteriores, a partir do momento que as autoras aprimoram sua análise das alternâncias verbais com a noção de raiz, a qual discutiremos adiante.

Por fim, no que diz respeito ao assunto principal de nosso trabalho, ou seja, a possibilidade de ocorrência do clítico *se* na alternância causativa, o trabalho de Levin e Rappaport-Hovav (1995) acaba não sendo muito esclarecedor. Isto era esperado, afinal o trabalho das autoras é amplamente baseado na língua inglesa, e a utilização de um clítico na alternância causativa não é uma opção nesta língua. Apesar disto, discutiremos no capítulo 3 até que ponto a distinção entre eventualidades causadas externamente e internamente, proposta por Levin e Rappaport-Hovav, pode ser útil na discussão sobre o papel do clítico *se* na alternância causativa no PB.

1.3 Uma análise baseada em papéis temáticos como conjuntos de acarretamentos

1.3.1 Ciríaco (2007)

Ciríaco (2007) desenvolve sua análise da alternância causativa, ou causativo-ergativa, como prefere a autora, especialmente a partir do trabalho de Whitaker-Franchi (1989), reformulando as restrições propostas por esta autora para a ocorrência da alternância no PB. Ciríaco assume que um dos principais fatores semânticos envolvidos na alternância causativo-ergativa é a função semântica exercida pelos argumentos dos predicados, ou seja, seus papéis temáticos. Diferentemente de Levin e Rappaport-Hovav (1995), que adotam a técnica da decomposição lexical para a representação léxico-semântica dos eventos, Ciríaco adota como referencial teórico para sua análise a proposta de Cançado (2005) para os papéis temáticos. Antes de discutirmos mais especificamente as restrições propostas por Ciríaco para a alternância causativo-ergativa, apresentaremos brevemente a proposta de Cançado (2005).

Com base na proposta de Dowty (1991), Cançado (2005) sustenta que a noção de papel temático deve ser derivada de determinadas propriedades semânticas dos argumentos. Para identificar estas propriedades semânticas, a autora utiliza a noção de “acarretamento lexical”, proposta por Dowty. O autor estende a noção de acarretamento lógico (que se aplica a fórmulas) para os itens lexicais, definindo como acarretamento lexical qualquer propriedade semântica que pode ser inferida sobre um item lexical, considerando-se que a proposição da qual este item lexical faz parte seja verdadeira. Assim, o papel temático de um argumento é constituído pelo conjunto de propriedades acarretadas lexicalmente por um predicador para este argumento, além das propriedades que a proposição como um todo acarreta para o

argumento em questão. Sob esta perspectiva, os papéis temáticos deixam de ser definidos como categorias discretas (p. ex., agente, tema, instrumento, etc.).

Como forma de ilustrar sua proposta, Cançado afirma que, em uma proposição como *João quebrou o vaso com um martelo*, o papel temático de *João* será definido pelo conjunto de propriedades atribuídas a este argumento, as quais são estabelecidas pelos acarretamentos decorrentes da proposição: ter controle sobre o desencadeamento do processo, ter intenção de quebrar o vaso, ter utilizado um instrumento, etc. Um aspecto crucial desta proposta é a forma composicional com que os papéis temáticos são atribuídos. Como podemos notar no exemplo acima, algumas propriedades, como a intenção, só podem ser atribuídas a *João* a partir da composição de *quebrou o vaso com o martelo*.

De acordo com Cançado, as propriedades semânticas relevantes para a interface entre semântica e sintaxe, definidas a partir do trabalho empírico realizado pela autora, são as seguintes: *ser desencadeador de um processo* (desencadeador); *ser afetado por esse processo* (afetado); *estar em algum estado* (estativo); e *ter controle sobre o desencadeamento, o processo ou o estado* (controle). Vejamos quais são as características de cada uma delas.

A propriedade de ter controle é definida como a capacidade do participante de interromper uma ação, processo ou estado, e pode ser associada à animacidade, conforme destaca Cançado. O teste proposto pela autora para identificar a presença de controle em um argumento é a utilização da construção “X decidiu não mais/parar de...”, conforme os exemplos abaixo:

- (30) a. João quebrou/pintou/fez o vaso.
 b. João decidiu não mais quebrar/pintar/fazer o vaso.
- (31) a. João quebrou a perna/morreu/tem uma casa.
 b. *João decidiu não mais quebrar a perna/morrer/ter uma casa.^{21, 22}

Em (24), *João* tem controle sobre o evento, como mostra o teste em (30b). O mesmo teste indica que a propriedade de controle não pode ser atribuída a *João* em (31).

Por sua vez, a propriedade de desencadeador é atribuída ao argumento para o qual a proposição acarreta a propriedade de *ter um papel no desencadeamento do processo*. Cançado

²¹ Exemplos de Cançado, 2005, p. 32, (9), (10).

²² Acreditamos que a sentença *João decidiu não ter mais uma casa* não seja agramatical, mas apenas estranha por questões pragmáticas, já que normalmente as pessoas não tomam esta decisão. A sentença *João decidiu não ter mais uma casa na praia*, por exemplo, nos parece perfeitamente aceitável.

destaca que esta propriedade não está associada necessariamente ao agente ou à causa, como mostram os exemplos abaixo:

(32) O professor correu o garoto atrevido para fora da sala.

(33) João quebrou o vaso com o empurrão que levou do irmão.²³

Em (32), o uso transitivo de *correr* acarreta que *o professor* é o desencadeador e tem controle sobre o processo, assim como *o garoto atrevido* também pode ser um desencadeador, além de ser um afetado. Já o exemplo (33) mostra que um argumento pode ser o desencadeador mesmo não tendo controle sobre o processo, como é o caso de *João*, segundo Cançado. A autora, contudo, não propõe nenhum tipo de teste específico para identificar a propriedade de ser o desencadeador.

Uma proposição acarreta a propriedade de ser afetado para um argumento se este sofre, de acordo com Cançado (2005, p. 34), uma “mudança de um estado A para um estado B”. Esta mudança deve ser entendida em um sentido amplo, incluindo mudança de lugar, de estado psicológico, de posse, etc., como ilustrado abaixo:

(34) Maria recebeu um prêmio.

(35) João jogou a bola.²⁴

Na sentença em (34), *Maria* é um argumento afetado, segundo Cançado, pois há uma mudança em suas posses. Em (35), a *bola* é afetada, pois sofre uma mudança de lugar. No entanto, apesar de apresentar diversos exemplos, Cançado não fornece um teste específico para identificar qual argumento é afetado em uma sentença. A noção de afetação proposta pela autora se assemelha muito à noção de “entidade afetada”, postulada por Jackendoff (1990), para a qual o autor propõe como teste a possibilidade de ocorrência em estruturas como “o que aconteceu com X foi...” ou “o que Y fez com X foi...”, em que X é o afetado.²⁵ Acreditamos que este teste sirva para a identificação da propriedade de afetação proposta por Cançado.

Por fim, a propriedade de ser estativo é atribuída a um argumento, conforme Cançado, quando a proposição acarreta que as propriedades deste argumento não se alteram durante um intervalo *t*, como podemos observar nos seguintes exemplos:

(36) João leu um livro.

²³ Exemplos de Cançado, 2005, pp. 32-33, (13a), (15b).

²⁴ Exemplos de Cançado, 2005, p. 34, (20), (21).

²⁵ O teste proposto por Jackendoff (1990), em inglês, é “What happened/what Y did to NP was...”.

(37) João tem uma casa.²⁶

No exemplo em (36), *um livro* é considerado estativo, pois suas propriedades não mudam durante o processo de leitura, conforme a autora. Já em (37), *João* não tem suas propriedades alteradas em um determinado intervalo de tempo. Além disso, possui algo neste intervalo, sendo considerado, assim, estativo e possuidor.

Cançado propõe regras de projeção da estrutura semântica para a estrutura sintática, as quais tomam como base uma hierarquia temática, composta pelas propriedades que acabamos de discutir. A hierarquia proposta pela autora é a seguinte:

(38) Hierarquia temática: desencadeador com controle > desencadeador > afetado com controle > afetado > estativo com controle > estativo

De modo geral, o argumento de uma proposição que possui como parte de seu papel temático a propriedade mais alta na hierarquia será o argumento externo na sintaxe, enquanto o argumento com a segunda propriedade mais proeminente será o argumento interno. Os outros argumentos, se presentes, serão adjuntos, marcados com preposição, salvo algumas exceções envolvendo o uso idiomático de preposições, conforme explica Cançado. Vejamos alguns exemplos:

- (39) a. Paulo noivou/casou a filha no sábado. → desencadeador/controlado > desencadeador/afetado
 b. As provas preocupam Maria. → desencadeador > afetado/controlado
 c. João recebeu um livro. → afetado/controlado > afetado²⁷

O exemplo em (39a) ilustra o fato de que um argumento com as propriedades de desencadeador e de controle será sempre o argumento externo, mesmo que haja na proposição outro argumento com a propriedade de desencadeador. Já (39b) mostra que um argumento com a segunda propriedade mais proeminente (desencadeador) será o argumento externo mesmo que o outro participante tenha controle. Por fim, (39c) ilustra que o controle faz a diferença na escolha do sujeito no caso de a proposição ter dois argumentos com a propriedade de afetado.

Voltemos agora para a análise Ciríaco (2007) da alternância causativo-ergativa. Antes estabelecer as restrições semânticas para a participação de um verbo nesta alternância, Ciríaco trata do problema da transitividade básica dos verbos. A autora chama atenção para o fato de

²⁶ Exemplos de Cançado, 2005, p. 35, (25), (26).

²⁷ Exemplos de Cançado, 2005, pp. 44 e 45, (49), (52) e (59).

que, em um estudo sobre alternâncias de transitividade verbal, é mais interessante em termos de aquisição e conhecimento da língua postular que um verbo especifica em sua entrada lexical sua forma de transitividade básica, a partir da qual outras construções são derivadas. Segundo Ciríaco, no caso da alternância causativa, por exemplo, seria muito pouco intuitivo defender que um verbo alternante possui duas entradas lexicais distintas, uma transitiva e uma intransitiva. Com isso, a autora assume que tanto a forma de transitividade básica de um verbo quanto a possibilidade de este verbo participar da alternância estão marcadas no léxico, como propriedades léxico-semânticas.

Mais especificamente, Ciríaco propõe que se um verbo possui entre um de seus acarretamentos lexicais a propriedade de *desencadeador do processo*, não importando seu contexto de ocorrência, este verbo é basicamente transitivo. Por exemplo, conforme a autora, o verbo *quebrar* é basicamente transitivo, uma vez que se pode inferir que existe um desencadeador no processo tanto na forma causativa quanto na incoativa deste verbo (cf. *João quebrou o copo./O copo quebrou.*).²⁸ A forma intransitiva seria derivada, desse modo, por um processo de ergativização – isto é, por meio de uma operação sintática na qual o argumento interno de um verbo é alçado para a posição de sujeito.

Do contrário, se a forma incoativa do verbo não acarretar a propriedade de desencadeador, este será basicamente intransitivo. Conforme a autora, o verbo *sumir* é um exemplo de verbo basicamente intransitivo, cuja forma causativa é derivada por meio de um processo de causativização – isto é, pela inserção de um argumento causador na estrutura argumental do verbo.²⁹

Em seu trabalho, Ciríaco está interessada somente nas restrições semânticas do processo de ergativização, que origina o que a autora chama de “construções ergativas” – por isso a utilização do termo “alternância causativo-ergativa”. A autora não analisa as restrições semânticas do processo de causativização e, portanto, não está interessada na alternância de verbos como, por exemplo, *acordar* (cf. *João acordou o bebê./O bebê (se) acordou.*). Mais especificamente, a autora considera em seu estudo somente as construções ergativas canônicas, as quais têm todo o DP alçado para a posição de sujeito (cf. (40b)), em contraste com as ergativas cindidas, que sofrem o alçamento de apenas parte do DP (cf. (40c)):

²⁸ Novamente, conforme comentamos na seção anterior, isto não parece ser tão óbvio; ver exemplo na nota 13, p. 19.

²⁹ Ciríaco (2007) utiliza como exemplo de causativização do verbo *sumir* a sentença *João sumiu a chave* (p. 49, (9a)), que parece ser gramatical no dialeto mineiro, porém é bastante estranha para falantes da região de Porto Alegre. Aqui, diríamos algo como *João sumiu com a chave*.

- (40) a. O acidente quebrou a perna de João.
 b. A perna de João quebrou.
 c. João quebrou a perna.³⁰

Partimos então para a discussão de Ciríaco sobre as restrições semânticas para a formação de ergativas canônicas. Ela destaca, primeiramente, duas generalizações para a alternância causativo-ergativa, presentes no trabalho de Whitaker-Franchi (1989). A primeira delas define que, para participar desta alternância, o argumento interno de um verbo precisa receber o papel temático de paciente ou afetado.³¹ Em (41) abaixo, *a porta* é um argumento afetado, ao contrário de *carros antigos* em (42), que não permite a alternância:

- (41) a. Paulo abriu a porta da sala.
 b. A porta da sala (se) abriu.
 (42) a. Paulo possui vários carros antigos.
 b. *Carros antigos (se) possuem.³²

A segunda restrição proposta por Whitaker-Franchi (1989) é a de que verbos que exigem necessariamente um *agente* na posição de sujeito na forma causativa não entram na alternância causativa.

- (43) a. João escreveu a carta.
 b. *A carta (se) escreveu.
 (44) a. Maria mexeu a sopa.
 b. *A sopa (se) mexeu.³³

Nos exemplos em (43) e (44), apesar de *a carta* e *a sopa* serem afetados, segundo Whitaker-Franchi (1989), a alternância não é possível, pois os verbos exigem que o argumento externo seja um agente.

Conforme Ciríaco, há alguns problemas com estas restrições. O primeiro deles diz respeito à inexatidão das definições dos papéis temáticos, problema que é bastante discutido na literatura atual e que levou a autora a adotar a abordagem de Cançado (2005). Conforme vimos, esta autora substitui a noção tradicional de papel temático pela de “conjunto de acarretamentos lexicais”. Já o segundo problema das restrições de Whitaker-Franchi,

³⁰ Exemplos de Ciríaco (2007), p. 67, (58a, b, c).

³¹ Whitaker-Franchi (1989) adota a noção de afetação de Jackendoff (1983), identificada por meio do teste proposto pelo autor, citado anteriormente.

³² Exemplos de Ciríaco, 2007, p. 20, (1a, b), (2a, b).

³³ Exemplos de Ciríaco, 2007, p. 20, (4a, b), (5a, b)

conforme Ciríaco, é o de que há exemplos de sentenças com *causa e paciente* que não aceitam a alternância, ao contrário do que prevê a proposta de Whitaker-Franchi:

- (45) a. A simpatia de Paulo conquistou Maria.
 b. *Maria (se) conquistou com a simpatia de Paulo.
- (46) a. As promessas do deputado embromaram o povo.
 b. *O povo (se) embromou com as promessas do deputado.
- (47) a. As vitórias do filho honraram a mãe.
 b. *A mãe (se) honrou com as vitórias do filho.³⁴

Ciríaco propõe, portanto, uma reformulação da proposta de Whitaker-Franchi (1989), sob a perspectiva da teoria temática proposta por Cançado (2005), estabelecendo novas restrições para participação dos verbos na alternância causativo-ergativa.

A primeira destas restrições, de natureza sintática, define que um verbo deve ter a estrutura argumental básica do tipo $[x V y]$, sendo que y deve ser um DP, e não um PP, conforme os exemplos:

- (48) a. Lucas abriu a porta./A porta abriu.
 b. Paulo entrou na sala./*A sala entrou.³⁵

Por sua vez, a segunda restrição estipula que, além de ter a forma transitiva básica $[x V y]$, o verbo precisa ser causativo; ou seja, deve ser atribuída a x a propriedade de ser o desencadeador do processo, e a y a propriedade de ser o afetado no processo. Isso explicaria, de acordo com a autora, a impossibilidade da alternância nos seguintes exemplos:

- (49) a. João recebeu uma carta.
 b. *Uma carta recebeu.
- (50) a. João subiu a montanha.
 b. *A montanha subiu.³⁶

Em (49), a alternância não ocorre porque *João* não é o desencadeador do processo. Já em (50), *a montanha* não é afetada, por isso a forma incoativa não é possível, de acordo com a análise da autora.

A terceira restrição determina que o verbo não pode acarretar lexicalmente controle para x , reformulando a restrição proposta por Whitaker-Franchi, de que o verbo, para

³⁴ Exemplos de Ciríaco, 2007, p. 22, (9a, b), (10a, b), (11a, b).

³⁵ Exemplos de Ciríaco, 2007, pp. 69-70, (66a, b), (67a, b).

³⁶ Exemplos de Ciríaco, 2007, pp. 70-71, (69a, b), (73a, b).

participar da alternância causativo-ergativa, não pode ser estritamente agentivo. Note-se, contudo, que a propriedade de controle pode estar associada ao desencadeador composicionalmente (cf. *João quebrou o vaso com o martelo.*). Esta restrição explicaria a não alternância nos exemplos abaixo.

- (51) a. João ajudou a igreja.
 b. *A igreja ajudou.
- (52) a. A polícia capturou os bandidos.
 b. *Os bandidos capturaram.
- (53) a. Os homens empurraram o carrinho.
 b. *O carrinho empurrou.³⁷

Contudo, somente esta reformulação das restrições propostas por Whitaker-Franchi não é suficiente, conforme afirma Ciríaco, para explicar o comportamento de determinados verbos:

- (54) a. João carregou a mala.
 b. *A mala carregou.
- (55) a. A simpatia de João conquistou Maria.
 b. *Maria (se) conquistou.
- (56) a. As atitudes do filho honraram a mãe.
 b. *A mãe (se) honrou.³⁸

Apesar de os verbos em (54), (55) e (56) atenderem às restrições descritas até agora, de acordo com Ciríaco, mesmo assim a alternância não é possível, o que leva a autora a propor restrições adicionais para a realização da alternância causativo-ergativa.

Em primeiro lugar, Ciríaco admite que, em alguns casos, pode haver bloqueio lexical, como nos casos dos verbos *derrubar* ou *matar*, que não passariam pelo processo de ergativização porque já existem no léxico os verbos *cair* e *morrer*. Além disso, propõe uma nova restrição, a qual estabelece que os verbos sejam compatíveis com um “desencadeador indireto” para participar da alternância causativo-ergativa. Ou seja, segundo a autora, alguns verbos causativos podem atribuir a *x* não apenas a propriedade de ter um papel no desenrolar do processo, mas também a de não apresentar nenhum tipo de mediação no desenrolar deste processo ou ainda a de apresentar algum tipo de mediação. Se o desencadeador apresenta

³⁷ Exemplos de Ciríaco, 2007, p. 72, (81a, b), (82a, b), (83a, b).

³⁸ Exemplos de Ciríaco, 2007, pp. 72-73, (85a, b), (87a, b), (88a, b).

mediação, é chamado de “desencadeador direto”, caso contrário, é um “desencadeador indireto”. Consideremos as seguintes sentenças:

- (57) a. João quebrou o vaso com um martelo.
 b. João quebrou o vaso com o empurrão que levou.³⁹

Em (57a), *João* seria, de acordo com Ciríaco, um desencadeador direto, enquanto em (57b) seria um desencadeador indireto. Para participar da alternância, portanto, os verbos precisariam ser compatíveis com a propriedade de desencadeador indireto, como é o caso de *abrir*, em (58); caso contrário, mesmo que o verbo seja causativo, a alternância não é possível, como mostram os exemplos em (59) e (60).

- (58) a. O pontapé que João deu na parede abriu a porta.
 b. A porta abriu.
 (59) a. *O empurrão que João levou carregou a mala.
 b. *A mala carregou.
 (60) a. *A chegada do caminhão levou a mudança.
 b. *A mudança levou.⁴⁰

Finalmente, Ciríaco trata dos verbos psicológicos causativos. De acordo com a autora, para participarem da alternância causativo-ergativa, além de atenderem às restrições já apresentadas, os verbos psicológicos causativos devem atribuir a *y* a propriedade de ser o afetado, bem como *y* deve ser compatível com a propriedade de ter o controle sobre a mudança de estado. Esta restrição explicaria o contraste entre (61) e (62):

- (61) a. A chegada de João acalmou Maria.
 b. Maria (se) acalmou com a chegada de João.
 (62) a. A simpatia de João conquistou Maria.
 b. *Maria (se) conquistou com a simpatia de João.⁴¹

O verbo *acalmar* atribui a *y* a propriedade de ser afetado e, além disso, este argumento é compatível com a propriedade de controle, o que possibilita a alternância (cf. (61)). O mesmo não ocorre com o verbo *conquistar*, o que impossibilita a forma incoativa (cf. (62)), de acordo com Ciríaco.

³⁹ Exemplos de Ciríaco, 2007, p. 76, (96), (97).

⁴⁰ Exemplos de Ciríaco, 2007, pp. 77-78, (102a, b), (108a, b), (109a, b).

⁴¹ Exemplos de Ciríaco, 2007, p. 81, (122a, b), (123a, b).

1.3.2 Discussão

Em resumo, Ciríaco (2007) propõe que, de modo a participarem da alternância causativo-ergativa, os verbos precisam ter, nos termos da autora, uma rede temática {D (indireto), A} – ou seja, devem ser compatíveis com a propriedade de desencadeador indireto, assim como precisam ter um argumento afetado. Com relação aos verbos psicológicos, a autora especifica um pouco mais suas restrições semânticas, afirmando que a rede temática deve ser {D (indireto), A (C)}: o afetado precisa ser compatível com a propriedade de controle.

Com estas restrições semânticas, Ciríaco acredita dar conta da formação das construções ergativas e, assim, da realização da alternância causativo-ergativa no PB. Lembremos, entretanto, que a autora considerou em seu estudo somente os casos de verbos definidos por ela como basicamente transitivos, os únicos que seriam passíveis de participar do processo de ergativização; não foram analisados verbos considerados como basicamente intransitivos.

Vimos que o trabalho de Ciríaco difere do de Whitaker-Franchi (1989) especialmente por adotar como referencial teórico a proposta de Cançado (2005) para os papéis temáticos. Cançado desenvolve uma teoria mais refinada das funções semânticas exercidas pelos argumentos, minimizando assim alguns problemas característicos de teorias que adotam hierarquias temáticas constituídas por papéis temáticos atômicos – isto é, rótulos para um conjunto frequentemente indeterminado de distinções semânticas.⁴² Entretanto, além de adaptar para sua proposta as restrições semânticas sugeridas por Whitaker-Franchi (1989), Ciríaco procura explicar um número maior de dados do que a autora, por meio da distinção entre desencadeador direto e indireto, e da definição de que um verbo precisa ser compatível com a propriedade de desencadeador indireto para participar da alternância causativa.

Ciríaco adota a distinção entre desencadeador direto e indireto basicamente para tratar dos casos de verbos como *carregar* e *levar*, os quais, de acordo com a autora, satisfazem as restrições propostas com base no trabalho de Whitaker-Franchi – não acarretam obrigatoriamente controle ao desencadeador e possuem um argumento afetado –; porém, mesmo assim não alternam (cf. (63) e (64) abaixo). Segundo a autora, estes verbos atribuiriam a *x* a propriedade de desencadeador direto, por isto não entrariam na alternância causativa:

⁴² Para uma análise crítica de teorias que propõem hierarquias de papéis temáticos, ver Levin e Rappaport-Hovav (2005).

(63) a. O vento carregou as folhas.

b. *As folhas carregaram.⁴³

(64) a. João levou as malas.

b. *As malas levaram.

Em última análise, a distinção que Ciríaco procura fazer ao propor o refinamento da propriedade de desencadeador é entre verbos que aceitam ou não uma eventualidade como argumento causador, conforme o contraste entre os verbos *quebrar* e *carregar* nos exemplos abaixo:

(65) a. O empurrão que João levou quebrou o vaso.

b. *O empurrão que João levou carregou a mala.

A autora postula, com base nesta distinção, que um verbo precisa ser compatível com a propriedade de desencadeador indireto para participar da alternância causativo-ergativa. No entanto, acreditamos que a forma como esta restrição é formulada a torna mais descritiva do que explicativa. O que podemos concluir, na verdade, é que os verbos que não aceitam um evento como argumento causador não participam da alternância. Na seção 1.4.3, voltaremos à discussão deste ponto do trabalho de Ciríaco, analisando como a noção de raiz e a distinção proposta por Rappaport-Hovav e Levin (no prelo) entre verbos de maneira e verbos de resultado parecem explicar melhor o motivo pelo qual estes verbos não participam da alternância causativa.

No que diz respeito aos verbos psicológicos, acreditamos que a restrição adicional proposta por Ciríaco para a participação destes verbos na alternância causativo-ergativa é problemática. Conforme vimos na seção anterior, a autora afirma que, para que um verbo psicológico participe da alternância, seu argumento afetado precisa ser compatível com a propriedade de ter controle sobre o processo. Contudo, parece estranho afirmar que o argumento afetado possa ter controle em eventos denotados por verbos como *acalmar*, *preocupar* ou *comover* (cf. ??*Maria se acalmou/preocupou/comoveu intencionalmente com a chegada de João.*), os quais participam da alternância causativa.

Por fim, vale ressaltar que a falta de testes específicos para a identificação de algumas das propriedades propostas por Cançado (2005), especialmente a de desencadeador, acaba enfraquecendo a análise de Ciríaco. Sem um teste preciso para identificar se o verbo acarreta ou não um desencadeador, bem como para identificar a qual argumento o verbo atribui esta

⁴³ Exemplos de Ciríaco, 2007, p. 75, (95a, b).

propriedade, esta definição acaba sendo muito subjetiva. Além disso, o fato de um verbo ter entre seus acarretamentos lexicais a propriedade de desencadeador é justamente o argumento utilizado por Ciríaco (2007) para definir quais verbos são basicamente transitivos, o que é crucial em sua análise. Não havendo um teste claro para a identificação desta propriedade, pode-se discutir o fato de que a forma incoativa de certos verbos realmente possui entre seus acarretamentos lexicais a propriedade de desencadeador (p. ex., *O vaso se quebrou de tão velho.*).

Considerando o tópico principal de nosso trabalho, isto é, as diferentes formas de realização da alternância causativa no PB, especialmente o uso do clítico *se*, não há discussão pertinente no trabalho de Ciríaco. Por outro lado, Whitaker-Franchi (1989) comenta brevemente a formação de ergativas com o clítico *se* no PB. Apesar de ser uma análise especulativa, como afirma a própria autora, algumas de suas afirmações merecem atenção.

Inicialmente, Whitaker-Franchi afirma que as formas ergativas com *se* estão se tornando cada vez mais raras no português falado na região sudoeste do Brasil. Contudo, a autora faz referência ao dialeto do sul do Brasil, comentando que, com sujeitos humanos, o clítico é praticamente obrigatório em ergativas nesta região. Apesar de esta ser, de fato, uma tendência bastante forte, conforme veremos nos capítulos 2 e 3, acreditamos que não possa ser tomada como uma regra geral, já que alguns verbos que participam da alternância causativa não se submetem a esta generalização, como é o caso especificamente dos verbos de modo de movimento (cf. *João rodou Maria muitas vezes na dança. / Maria (*se) rodou muitas vezes na dança.*).

Além disso, a autora comenta que a forma ergativa com o clítico *se* não ocorre com verbos que também não possibilitam a forma ergativa sem o *se* – ou seja, segundo a autora, não haveria verbos no PB que participariam da alternância formando sua variante incoativa somente com o clítico *se*. A exceção seriam os verbos psicológicos alternantes, que segundo a autora teriam uma preferência pela forma com *se*, devido a uma restrição ligada à animacidade. Contudo, acreditamos que a afirmação de que a forma ergativa com o *se* não é possível com verbos que também não possibilitam a realização da ergativa sem o *se* não se sustenta, ao menos não no dialeto falado na região sul (mais especificamente, na região de Porto Alegre): existem diversos verbos que participam da alternância causativa somente com o clítico *se* na forma ergativa, conforme veremos no capítulo 3. Grande parte destes verbos são, de fato, psicológicos; porém, muitos não são, como mostram os exemplos abaixo:

- (66) a. O médico curou o paciente.
 b. *O paciente curou./O paciente se curou.
- (67) a. O lenhador partiu a árvore.
 b. *A árvore partiu./A árvore se partiu.
- (68) a. O computador alterou os dados.
 b. *Os dados alteraram./Os dados se alteraram.

Estes dados mostram que um estudo mais detalhado do papel do clítico *se* na alternância causativa se faz necessário, pois alguns verbos parecem possibilitar a forma incoativa somente com o *se*, conforme já havíamos destacado anteriormente. Nos capítulos 2 e 3 voltaremos a tratar desta questão.

1.4 O papel da noção de “raiz” na análise da alternância causativa

1.4.1 Rappaport-Hovav e Levin (no prelo)

Rappaport-Hovav e Levin sustentam neste artigo que existe uma complementaridade entre os verbos de maneira (*manner verbs*) e os verbos de resultado (*result verbs*), bem como procuram explicar os motivos desta complementaridade. *Grosso modo*, verbos de maneira são aqueles que especificam em seu significado um modo de realizar uma ação (p. ex., *rir*, *correr*, *nadar*, etc.), enquanto verbos de resultado especificam um estado resultante (p. ex., *congelar*, *derreter*, *abrir*, etc.). De acordo com as autoras, esta classificação é relevante gramaticalmente, pois estas classes de verbos apresentam padrões diferentes de realização sintática dos argumentos, incluindo a participação ou não na alternância causativa:

- (69) a. João varreu o chão.
 b. *O chão varreu.
- (70) a. Maria quebrou o copo.
 b. O copo quebrou.

Enquanto o verbo *varrer*, segundo a análise de Rappaport-Hovav e Levin, lexicaliza como parte de seu significado a maneira como o evento se realiza (e, assim, não permite a alternância causativa, conforme (69)), o verbo *quebrar* codifica um estado resultante (permitindo, portanto, a alternância causativa, conforme (70)).

A fim de expressar esta discussão, Rappaport-Hovav e Levin propõem uma teoria mais articulada das representações léxico-semânticas dos verbos. Nesta teoria, o componente idiossincrático do verbo, ou seja, sua “raiz”, e o componente estrutural, que representa o tipo de evento, possuem papéis diferentes: o componente estrutural é composto por funções semânticas primitivas, e o idiossincrático entra como modificador ou argumento destas funções.⁴⁴ Especificamente, as autoras formulam um conjunto de regras de realização canônicas, que expressam as formas como a categoria ontológica da raiz (p. ex., maneira, instrumento, estado resultante, etc.) se integra à estrutura de eventos básica do verbo:

(71) manner → [x ACT<MANNER>]

(p. ex., *correr, morder, assobiar*, etc.)

(72) instrument → [x ACT<INSTRUMENT>]

(p. ex., *escovar, martelar, serrar*, etc.)

(73) container → [x CAUSE [y BECOME AT <CONTAINER>]]

(p. ex., *encaixotar, empacotar, engarrafar*, etc.)

(74) internally caused state → [x <STATE>]

(p. ex., *florescer, desabrochar, apodrecer*, etc.)

(75) externally caused, i. e. result, state → [[x ACT] CAUSE [y BECOME <RESULT-STATE>]]

(p. ex., *quebrar, secar, derreter*, etc.)⁴⁵

Como podemos observar nas regras acima, as raízes podem tanto ser argumentos na representação dos eventos (cf. (73), (74) e (75)), ou podem ser modificadores de outros predicados (cf. (71) e (72)), como explicam Rappaport-Hovav e Levin.

De acordo com estas regras, as autoras propõem uma restrição de lexicalização das raízes, segundo a qual “a root can only be associated with one primitive predicate in an event schema, as either an argument or a modifier” (Rappaport-Hovav e Levin, no prelo, p. 25).⁴⁶ Dessa forma, Rappaport-Hovav e Levin afirmam que as raízes de maneira modificam ACT, enquanto as de resultado são argumentos de BECOME, sendo que não pode haver raízes que expressam tanto maneira como resultado. Assim, a teoria assume que as raízes que expressam maneira e resultado possuem distribuição complementar nas representações léxico-semânticas

⁴⁴ Para outros trabalhos que adotam esta distinção, ver Jackendoff (1990), Hale e Keyser (2002) e Rappaport-Hovav e Levin (1998).

⁴⁵ Adaptado de Rappaport-Hovav e Levin, no prelo, p. 24, (7), (8), (9), (10), (11).

⁴⁶ Tradução: “uma raiz pode estar associada somente a um predicado primitivo no esquema de eventos, como um argumento ou como um modificador”.

dos verbos (enquanto raízes que expressam instrumento compartilham a distribuição com maneira).

Com o objetivo de especificar quais elementos do significado são relevantes para a distinção entre verbos de maneira e de resultado, Rappaport-Hovav e Levin propõem que raízes de resultado especificam mudanças escalares, ao passo que raízes de maneira especificam mudanças não escalares. Por exemplo, o verbo *esfriar*, cuja raiz lexicaliza um resultado, especifica uma escala de temperatura; por sua vez, um verbo de maneira, como *caminhar*, não lexicaliza uma mudança escalar, mas sim uma atividade homogênea.

Por fim, as autoras desenvolvem uma discussão sobre alguns verbos que poderiam ser considerados como contra-exemplos para a complementaridade de maneira e resultado. Os principais são os verbos *cut* (“cortar”) e *climb* (“escalar”). No que diz respeito ao verbo *cut*, há dois fatores que indicam que este poderia ser considerado como um verbo que lexicaliza maneira: não participa da alternância causativa e, além disso, possibilita a alternância conativa, característica de verbos de maneira:

(76) she got the blade pulled out and started cutting at the tape on Alex...⁴⁷

“*ela retirou a lâmina e começou a cortar na fita em Alex...”

Por outro lado, este verbo também apresenta um comportamento de verbos de resultado, como mostra a contradição no exemplo abaixo:

(77) #Dana cut the rope/paper/cake, but it stayed in one piece.⁴⁸

‘#Dana cortou a corda/o papel/o bolo, mas ele permaneceu inteiro’

Por sua vez, o verbo *climb* parece expressar tanto maneira como movimento, sendo que, em uma sentença como *Kelly climbed the tree* (‘Kelly escalou a árvore’), Rappaport-Hovav e Levin afirmam que o verbo lexicaliza tanto a maneira como a direção (para cima).

No entanto, as autoras defendem sua proposta afirmando que os verbos, em seus diferentes usos, lexicalizam apenas maneira ou apenas resultado, nunca os dois, sendo que os verbos *cut* e *climb* seriam polissêmicos, conforme a análise de Rappaport-Hovav e Levin. Assim, o verbo *climb* pode ter um uso em que apenas o resultado é lexicalizado, como em *The plane climbed to 9000 feet* (‘O avião subiu para 9.000 pés’). Já o verbo *cut* teria uma atividade convencionalmente associada em alguns usos, segundo as autoras, em que o resultado não seria lexicalizado.

⁴⁷ Exemplo de Rappaport-Hovav e Levin, no prelo, p. 16, (24a).

⁴⁸ Exemplo de e Rappaport-Hovav e Levin, no prelo, p. 36, (25).

1.4.2 Cançado e Godoy (a sair)

Cançado e Godoy (a sair) desenvolvem uma proposta para a representação dos verbos baseada em dois níveis: sintático-lexical, composto pelas estruturas de Hale e Keyser (1993, 2002), e semântico-lexical, representado por meio da técnica de decomposição lexical para a representação da estrutura de eventos (cf. Levin e Rappaport-Hovav, 1995, 1998, entre outros). Segundo Cançado e Godoy, estes dois níveis de representação são relacionados pelo componente idiossincrático do significado verbal, ou seja, a raiz dos verbos. Discutiremos com mais detalhe, neste trabalho, somente a proposta de Cançado e Godoy para o nível semântico-lexical, uma vez que nosso interesse está voltado particularmente para os elementos do significado verbal que possam determinar a realização da alternância causativa em suas diferentes formas.

As autoras assumem a proposta de Levin e Rappaport-Hovav (1995) de que existem verbos que denotam eventualidades causadas internamente e verbos que denotam eventualidades causadas externamente (para mais detalhes desta proposta, ver seção 1.2.1 acima); porém, propõem algumas modificações nesta teoria, com base no trabalho de Cançado (2010). Neste trabalho, a autora propõe que o predicado ACT pode ser opcional em eventos causados externamente (cf. (78)), pois a determinação de um agente volicional ocorre no nível sentencial, segundo a autora, como ilustram os exemplos em (79).

(78) $v : [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <STATE>]]$

(79) a. João quebrou o vaso.

b. João quebrou o vaso deliberadamente.⁴⁹

Conforme Cançado e Godoy, os seguintes verbos, que participam da alternância causativa, podem ser representados por esta estrutura:

(80) a. *quebrar*: $[[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <QUEBRADO>]]$

b. *abrir*: $[[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <ABERTO>]]$

c. *clarear*: $[[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <CLAREADO>]]$ ⁵⁰

De acordo com as autoras, estes predicados denotam eventos complexos, compostos por dois subeventos. Esta complexidade pode ser testada com a utilização dos adjuntos *quase* e *de novo*, os quais tornam ambíguas as sentenças que expressam eventos complexos:

⁴⁹ Exemplos de Cançado e Godoy, a sair, p. 5, (6a, b).

⁵⁰ Exemplos de Cançado e Godoy, a sair, p. 5, (7a, b, c).

- (81) a. O João quase clareou a sala.
 b. O João clareou a sala de novo.⁵¹

A sentença (81a) é ambígua entre uma leitura em que *João* não chegou a realizar a ação de clarear a sala (o adjunto toma escopo sobre o primeiro subevento de CAUSE) e uma segunda leitura, na qual *João* realiza a ação, mas a mudança de estado não chega ao fim (o escopo do advérbio incide sobre o segundo subevento de CAUSE). Por sua vez, a sentença em (81b) é ambígua entre uma leitura em que *João* realiza novamente a ação de causar o clareamento da sala (escopo sobre o primeiro subevento de CAUSE) e outra em que a mesma sala clareou novamente, e nada se diz sobre a causação desta mudança de estado (escopo sobre o segundo subevento de CAUSE).

Após tratarem dos verbos de mudança de estado que denotam eventos causados externamente, Cançado e Godoy propõem uma análise para os verbos de contato com causação externa. As seguintes sentenças incluem verbos deste tipo, conforme as autoras:

- (82) O João assassinou o homem.
 (83) O João cortou a folha.
 (84) O dentista extraiu o dente de João.⁵²

Ao contrário dos verbos em (80), este tipo de verbos inclui necessariamente, conforme as autoras, um predicado ACT, pois a volição estaria lexicalizada no verbo, o que faz com que o argumento causador seja estritamente agentivo. Conforme as autoras, estes verbos também possuem uma estrutura de eventos complexa:⁵³ o primeiro subevento denota a ação do agente, enquanto o segundo denota a afetação de uma entidade por meio de contato, diferentemente da classe estudada anteriormente, que denota uma mudança de estado. Cançado e Godoy propõem a seguinte estrutura para representar estes verbos:

- (85) *v*: [[X ACT] CAUSE [<AFFECTEDNESS> of Y]]⁵⁴

Os seguintes verbos são exemplos, segundo as autoras, de participantes desta classe:

- (86) *assassinar*: [[X ACT] CAUSE [<ASSASSINATO> of Y]]
 (87) *cortar*: [[X ACT] CAUSE [<CORTE> of Y]]

⁵¹ Exemplos de Cançado e Godoy, a sair, p. 6, (11a, b).

⁵² Exemplos de Cançado e Godoy, a sair, p. 7, (16), (17), (18).

⁵³ Ao passarem pelos testes com os adjuntos *quase* e *de novo*, estes apresentam o mesmo tipo de ambiguidade constatada em (4a, b), (cf. *João quase cortou a folha* e *João cortou a folha de novo* (Cançado e Godoy, a sair, p. 8, (28a, b))).

⁵⁴ As autoras afirmam que a paráfrase de uma sentença representada por (73a), por exemplo, seria algo como “O X causou (voluntária ou involuntariamente) o Y se tornar *quebrado*”, ao passo que a paráfrase de uma sentença representada por (78) seria algo como “O X agir causou a *afetação* de Y”.

(88) *extrair*: [[X ACT] CAUSE [<EXTRAÇÃO> of Y]]⁵⁵

Uma terceira classe analisada por Cançado e Godoy é a dos verbos de criação que denotam eventos causados externamente. De acordo com as autoras, estes verbos também possuem um agente inerente; porém, diferentemente dos “verbos de contato”, seu objeto é um tema incremental (nos termos de Dowty, 1979, 1991).

(89) O João pintou um quadro.

(90) O João construiu uma casa.

(91) O João escreveu uma carta.⁵⁶

Conforme Cançado e Godoy, estes predicados possuem a seguinte estrutura de eventos:

(92) *v*: [[X ACT] CAUSE [<CREATION> of Y]

Segundo as autoras, estes verbos também denotam eventos complexos, porém diferem dos verbos de mudança de estado ao permitirem o apagamento do objeto direto (cf. *João pintou por duas horas* ou *João escreveu a tarde toda.*)⁵⁷

Por fim, Cançado e Godoy tratam da representação dos verbos de atividade (p. ex., *João dançou/cantou/tossiu*). Com relação a estes verbos, as autoras divergem da análise de Levin e Rappaport-Hovav (1995, 1998), que consideram que estes verbos denotam eventos que não envolvem o predicado CAUSE (cf. (71)), apesar de os tratarem como causados internamente. Cançado e Godoy sugerem que estes verbos sejam tratados como causativos, denotando uma relação de causação entre a ação do participante e sua afetação. Com isso, as autoras propõem a seguinte representação:

(93) *v*: [[X ACT] CAUSE [<MOTION> of X]

No entanto, as autoras ressaltam que esta é uma noção mais ampla de causação, uma vez que os verbos que têm a estrutura acima denotam eventos simples, sendo esta uma relação de causação interna, e não entre dois subeventos.

⁵⁵ Exemplos de Cançado e Godoy, a sair, p. 7, (23), (24), (25).

⁵⁶ Exemplos de Cançado e Godoy, a sair, p. 9, (33), (34), (35).

⁵⁷ Apresentam o mesmo tipo de ambiguidade nos testes com os adjuntos *quase* e *de novo* (cf. *João quase pintou um quadro* e *João pintou o quadro de novo* (Cançado e Godoy, a sair, p. 9, (38a, b))).

1.4.3 Discussão

A distinção proposta por Rappaport-Hovav e Levin (no prelo) entre verbos que lexicalizam maneira e verbos que lexicalizam resultado parece ser realmente relevante para a participação dos verbos na alternância causativa. Apesar de as autoras não estarem interessadas especificamente na explicação deste fenômeno, o que podemos notar é que verbos que lexicalizam maneira e, portanto, especificam sua raiz como modificadora do predicado ACT, não participam da alternância causativa, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- (94) a. Paulo caminhou a tarde toda.
 b. *Maria caminhou Paulo (a tarde toda)
- (95) a. A criança assoviou.
 b. *A mãe assoviou a criança.
- (96) a. César nadou por duas horas.
 b. *O treinador nadou César (por suas horas).

Esta distinção proposta por Rappaport-Hovav e Levin entre verbos de maneira e verbos de resultado faz com que sua teoria possua uma explicação mais natural do que a de Ciríaco (2007), por exemplo, para a não alternância de verbos como *levar* e *carregar*. Conforme discutimos na seção 1.3, Ciríaco propõe que um verbo precisa ser compatível com a propriedade de desencadeador indireto para participar da alternância causativa; ou seja, a autora precisa fazer uma distinção entre desencadeadores diretos e indiretos para explicar a razão pela qual os verbos que não aceitam um evento como causador não alternam (cf. **O empurrão que João levou carregou a mala.*). Por outro lado, esta explicação parece se seguir naturalmente da teoria de Rappaport-Hovav e Levin. Acreditamos que, no caso destes verbos, a restrição está, na verdade, no tipo de raiz envolvida no evento. Os verbos *carregar* e *levar* parecem denotar o modo como se realiza a ação, envolvendo assim raízes de maneira, as quais modificam o predicado ACT, conforme vimos anteriormente. Estes verbos não possibilitariam um evento como desencadeador, pois eventos não podem ser argumentos de ACT, de acordo com a proposta de Rappaport-Hovav e Levin. Os exemplos em (97) e (98) abaixo ilustram esta distinção entre a representação léxico-semântica de um verbo de maneira, como *carregar*, e um verbo de resultado, como *quebrar*, o qual participa da alternância causativa:

(97) a. João carregou a mala.

b. [x ACT_{<MANNER>} y]⁵⁸

(98) a. João quebrou o vaso.

b. [[x ACT] CAUSE [y BECOME <RESULT-STATE>]]

Obviamente, esta questão merece um estudo mais aprofundado; porém, nos parece seguro afirmar que a distinção entre verbos de maneira e verbos de resultado pode fornecer uma explicação mais natural para a não alternância de verbos como *levar* e *carregar*.

Apesar de a noção de raiz ser interessante para a análise da alternância causativa, especialmente quanto à distinção entre “maneira” e “resultado”, acreditamos, no entanto, que a proposta de Rappaport-Hovav e Levin não avança em relação à análise de algumas classes verbais, como a dos “verbos de cortar”. Como vimos na seção anterior, as autoras consideram o verbo *cut* como um possível contra-argumento para sua proposta, por ele ter um comportamento tanto de verbo de resultado como de verbo de maneira. A explicação para este comportamento estaria na polissemia deste verbo, conforme a análise das autoras. Contudo, aparentemente, o uso mais natural do verbo *cortar*, ao menos no PB, seria aquele que lexicaliza resultado, uma vez que a construção conativa parece ser bastante periférica em nossa língua:

(99) a. *Maria cortou no pão que estava sobre a mesa.

b. João precisa economizar e começou a cortar nos gastos com as festas.

Conforme podemos observar em (99b), a alternância conativa com o verbo *cortar* no PB parece ser possível apenas em um sentido metafórico do verbo, o que indica que este verbo não lexicaliza maneira em seu uso mais comum. Além disso, verbos que lexicalizam resultado não permitem o apagamento do objeto direto, o que também é característica do verbo *cortar*:

(100) a. João cortou o pão.

b. *João cortou.

(101) #João cortou o pão, mas ele permaneceu inteiro.

⁵⁸ Rappaport-Hovav e Levin (1998) assumem que há dois tipos de participantes em uma estrutura de eventos: aqueles licenciados tanto pelo modelo da estrutura de eventos como pela constante, e aqueles licenciados somente pela constante. Para as autoras, a constante é o elemento idiossincrático dos verbos; ou seja, <manner>, <place>, <state>, etc. No caso do verbo *carregar*, em (92), o ator – ou seja, o participante que “carrega algo” – é licenciado tanto pelo modelo da estrutura de eventos quanto pela constante – este participante é representado pela variável *x*. Por sua vez, o participante afetado é licenciado somente pela constante – este participante é representado pela variável *y*, que aparece sublinhada.

Tanto a impossibilidade de apagamento do objeto direto com o verbo *cortar*, ilustrada em (100), como a contradição representada pela sentença em (101) indicam que este verbo lexicaliza, normalmente, resultado. Dessa forma, uma explicação mais consistente sobre a impossibilidade de participação dos “verbos de cortar” na alternância causativa se faz necessária.

Por sua vez, o trabalho de Caçado e Godoy (a sair) procura avançar em alguns pontos em relação à análise de Rappaport-Hovav e Levin (no prelo). Um desenvolvimento interessante presente na análise das autoras é a definição da opcionalidade de ACT como um elemento definidor da volição em um evento. Com esta possibilidade, Caçado e Godoy codificam na estrutura de eventos a diferença entre agente e causa, a qual não está necessariamente marcada no verbo, pois pode ser definida no nível sentencial (cf. *João quebrou o vaso deliberadamente.*), o que não era previsto inicialmente na teoria de Rappaport-Hovav e Levin.

No entanto, há algumas questões relativas à proposta de Caçado e Godoy que precisam ser melhor analisadas. As autoras propõem que verbos como *assassinar*, *cortar* e *extrair* possuem uma representação léxico-semântica distinta da representação dos verbos de mudança de estado, denotando uma afetação causada por meio de contato. Apesar de esta ideia ser bastante interessante, especialmente no que diz respeito à análise de verbos como *cortar*, os quais, como vimos, são um problema para Rappaport-Hovav e Levin, não fica claro na análise de Caçado e Godoy até que ponto verbos como *assassinar* e *extrair* podem ser considerados “verbos de contato”. Além disso, não há nenhuma explicação mais detalhada ou proposta de teste sobre o que distingue exatamente a “causação de afetação” de uma mudança de estado, ou “causação de um estado resultante”.

No que diz respeito à representação proposta por Caçado e Godoy para os verbos de criação, acreditamos que, apesar de, novamente, a ideia ser bastante interessante, há um problema no modo como as autoras constituem a estrutura de eventos destes verbos. Ao postular uma estrutura como (92), as autoras definem que a raiz destes verbos não estaria modificando ACT, mas faria parte do segundo argumento de CAUSE. Entretanto, a possibilidade de estes verbos serem utilizados como verbos de atividade, tendo seus objetos apagados, sugere exatamente que a raiz não pode fazer parte do segundo argumento de CAUSE; do contrário, este apagamento não deveria ser possível, a não ser que estes verbos,

mesmo quando utilizados como atividades, acarretassem a criação de algo, o que não parece ser o caso, como mostram os exemplos abaixo:⁵⁹

(102) a. João pintou a noite toda, mas não conseguiu concluir o quadro.

b. Maria escreveu durante toda a viagem, mas a carta não ficou pronta.

Apesar disto, acreditamos que a ideia de “causação de criação” é interessante para a análise destes verbos, e poderia ser considerada como uma das razões para a não participação na alternância causativa: a nosso ver, não parece ser plausível dizer que o tema incremental passa por uma mudança de estado, já que sua própria criação está sendo denotada no evento. Isto é, pode fazer sentido dizer que a noção de afetação se aplica somente a objetos que já possuem integridade física predeterminada. Esta noção poderia se estender à oposição presente em sentenças como (103) e (104) abaixo:

(103) a. João preparou o bolo.

b. *O bolo preparou.

(104) a. João assou o bolo.

b. O bolo assou.

Como podemos notar em (103), o verbo *preparar* não permite a alternância causativa, ao contrário do verbo *assar*, em (104). Note-se que a integridade física do bolo já parece estar definida no início do evento denotado pela sentença em (104), o que poderia explicar a possibilidade de alternância. No entanto, é necessário um estudo mais aprofundado sobre esta questão, bem como sobre a melhor forma de se representar a estrutura de eventos de verbos de criação, o que foge do escopo desta dissertação.

Por fim, a nosso ver, a análise dos verbos de atividade parece ser o ponto fraco da proposta de Cançado e Godoy. As autoras propõem que verbos como *dançar*, *cantar* e *pular* sejam considerados “causativos”, porém envolvidos em uma “noção de causação mais ampla”, o que faria com que estes verbos denotassem um evento simples, ao contrário dos outros tipos de eventos causativos, os quais são complexos. Acreditamos que esta postulação não se sustenta, uma vez que os testes utilizados para justificar os eventos complexos e, assim, causativos, indicam que estes verbos denotam eventos simples. Ao não considerar os testes, e não propor outros que possibilitem identificar esta nova noção de “causação”, a

⁵⁹ Durante a defesa desta dissertação, a Profa. Dra. Márcia Cançado, co-autora do artigo em questão e membro da banca, esclareceu que o problema na representação em (92) já havia sido constatado, e que se tratava de um erro de digitação. Contudo, a correção deste erro não pode ser realizada a tempo para a publicação.

postulação de uma estrutura causativa para verbos de atividade não parece ter validade empírica.

1.5 Resumo e conclusões

Neste primeiro capítulo, traçamos um breve panorama das propostas existentes na literatura em semântica lexical sobre a alternância causativa. Primeiramente, discutimos o trabalho de Levin e Rappaport-Hovav (1995) sobre o tema, o qual pode ser considerado um dos estudos mais detalhados sobre a natureza desta alternância. Após isso, analisamos o trabalho de Ciríaco (2007), que consiste em uma das propostas mais relevantes sobre a alternância causativa (ou causativo-ergativa, nos termos da autora) no PB. Por último, discutimos dois trabalhos bastante recentes, Rappaport-Hovav e Levin (no prelo) e Cançado e Godoy (a sair), os quais lidam com a noção de raiz na representação da estrutura de eventos das classes verbais. Retomaremos abaixo os principais pontos destas análises, destacando as restrições semânticas propostas pelos autores para a participação dos verbos na alternância causativa e enumerando as principais classes de verbos contempladas por estes trabalhos, assim como os seus principais problemas.

Levin e Rappaport-Hovav (1995) assumem que os verbos inacusativos que participam da alternância causativa são basicamente diádicos – ou seja, possuem uma representação léxico-semântica complexa, constituída pela relação de causação entre dois eventos, a qual é compartilhada pelas formas transitiva e intransitiva do verbo. Por outro lado, os verbos intransitivos que não participam da alternância são considerados como basicamente monádicos pelas autoras – ou seja, sua representação léxico-semântica é composta por apenas um subevento. De modo a identificar os verbos basicamente diádicos – e que participam, dessa forma, da alternância causativa – Levin e Rappaport-Hovav propõem a distinção entre eventualidades causadas externa e internamente. Os verbos que participam da alternância causativa, de acordo com a proposta das autoras, são aqueles que denotam eventualidades causadas externamente – isto é, implicam a existência de uma causa externa, responsável pela realização da eventualidade (p. ex., *abrir*, *fechar*, *quebrar*, etc.). Além disso, as autoras afirmam que esta causa externa precisa ser subespecificada pelo verbo: em outras palavras, os verbos não podem especificar a natureza do evento causador. Já os verbos que denotam eventualidades causadas internamente – ou seja, aqueles que denotam que alguma propriedade inerente do argumento é responsável pela realização da eventualidade (p. ex.,

brilhar, florescer, tremer, etc.) – não participariam da alternância causativa, segundo Levin e Rappaport-Hovav. As autoras comentam o fato de que alguns verbos causados internamente possuem pares causativos (p. ex., *girar, quicar, rolar, etc.*); porém, assumem que estes pares não são da mesma natureza daqueles formados por verbos causados externamente, pois seriam resultado de um processo de causativização.

De acordo com esta proposta, os verbos que participam da alternância causativa são, basicamente, verbos de mudança de estado que denotam eventos causados externamente, como, por exemplo, *abrir, fechar, quebrar, etc.* Por outro lado, não participam da alternância os verbos causados internamente, como os verbos de emissão (p. ex., *arrotar, brilhar, radiar, etc.*) e de mudança de estado causada internamente (p. ex., *brotar, florir, florescer, etc.*), bem como os verbos de existência e aparecimento, como, por exemplo, *aparecer, existir, surgir, etc.*

Em nossa discussão do trabalho das autoras, levantamos alguns pontos que acreditamos serem problemáticos em sua análise. O primeiro deles diz respeito à utilização do teste com o modificador *da sé* ('por si mesmo') como evidência para a presença do operador causativo nas formas intransitivas de verbos alternantes. Mostramos que este teste não pode ser considerado um diagnóstico da presença de CAUSE, ao menos não no PB. Além disso, acreditamos que a análise de Levin e Rappaport-Hovav falha em explicar a não alternância de verbos que implicam o uso de um instrumento, como os "verbos de cortar", assim como de verbos de colocação em um recipiente ou contêiner (p. ex., *empacotar, engarrafar, etc.*). Da mesma forma, alguns verbos que são basicamente intransitivos, mas que participam da alternância causativa, como os verbos de modo de movimento (p. ex., *girar, quicar, rolar, etc.*), também não recebem um tratamento satisfatório.

Por sua vez, o trabalho de Ciríaco (2007) adota como referencial teórico a proposta de Cançado (2005) para os papéis temáticos. Cançado sustenta que a noção de papel temático deve ser derivada de determinadas propriedades semânticas dos argumentos, identificadas por meio de acarretamentos lexicais. Segundo a autora, as propriedades semânticas relevantes para a interface entre semântica e sintaxe são as seguintes: *ser desencadeador de um processo; ser afetado por esse processo; estar em algum estado; e ter controle sobre o desencadeamento, o processo ou o estado.* Com base nesta teoria, Ciríaco (2007) reformula as restrições semânticas propostas por Whitaker-Franchi (1989) para a alternância causativo-ergativa no PB, propondo ainda algumas restrições adicionais em sua análise.

De modo a participarem da alternância causativo-ergativa, Ciríaco propõe que os verbos precisam ter uma rede temática {D (indireto), A} – ou seja, devem ser compatíveis com a propriedade de desencadeador indireto, assim como precisam ter um argumento afetado. Dessa forma, Ciríaco define que verbos causativos de mudança de estado, como, por exemplo, *abrir*, *fechar* e *quebrar*, participam da alternância causativa, ao passo que verbos não causativos (p. ex., *amar*, *cantar*, *ter*, etc.), assim como os causativos estritamente diretos (p. ex., *arremessar*, *colocar*, *escrever*, etc.), não participam da alternância. Com relação aos verbos psicológicos, a autora especifica um pouco mais suas restrições semânticas, afirmando que a rede temática deve ser {D (indireto), A (C)}: o afetado precisa ser compatível com a propriedade de controle. Assim, de acordo com sua proposta, participariam da alternância causativa verbos psicológicos como *chatear*, *decepcionar* e *magoar*, por exemplo, enquanto verbos como *conquistar*, *honrar* e *provocar* não participariam.

Em nossa discussão do trabalho de Ciríaco, destacamos que esta restrição proposta pela autora em relação aos verbos psicológicos apresenta problemas. Acreditamos que os argumentos afetados de verbos psicológicos como *chatear*, *decepcionar* ou *magoar*, que participam da alternância, não são compatíveis com a propriedade de controle (cf. *??Maria se acalmou/preocupou/comoveu intencionalmente com a chegada de João.*), ao contrário do que sustenta Ciríaco. Além disso, argumentamos que a restrição proposta por Ciríaco de que um verbo precisa ser compatível com a propriedade de desencadeador indireto para participar da alternância causativa parece ser mais descritiva do que explicativa. Conforme observamos na discussão da proposta de Rappaport-Hovav e Levin (no prelo), a distinção entre verbos de resultado e de maneira parece fornecer uma explicação mais adequada para a não alternância de verbos como *carregar* e *levar*, apesar de esta noção fazer parte de uma perspectiva teórica distinta daquela adotada por Ciríaco (2007).

Rappaport-Hovav e Levin (no prelo) propõem um tratamento mais detalhado da noção de “raiz” – isto é, o componente idiossincrático do significado verbal – na representação léxico-semântica dos verbos. As autoras argumentam a favor de uma complementaridade entre os verbos que lexicalizam uma raiz de maneira – os quais especificam em seu significado um modo de realizar uma ação (p. ex., *rir*, *correr*, *nadar*, etc.) – e os verbos que lexicalizam resultado – os quais especificam em seu significado um estado resultante (p. ex., *congelar*, *derreter*, *abrir*, etc.). De acordo com esta análise, os “verbos de resultado” (p. ex., *abrir*, *derreter*, *explodir*, etc.) participam da alternância causativa, ao passo que os “verbos de maneira” não possibilitam a alternância (p. ex., *correr*, *nadar*, *florescer*, etc.).

Apesar de o trabalho das autoras representar um avanço em sua teoria, especialmente em relação à proposta presente em Levin e Rappaport-Hovav (1995), algumas classes verbais, como os “verbos de cortar”, conforme vimos, ainda necessitam de um tratamento mais adequado, pois apresentam comportamento de verbos de resultado; porém, mesmo assim, não participam da alternância causativa.

Por fim, vimos que Cançado e Godoy (a sair) apresentam uma proposta para a representação léxico-semântica dos verbos baseada no trabalho de Levin e Rappaport-Hovav (1995, 1998), apresentando algumas modificações nas representações propostas pelas autoras. Cançado e Godoy sustentam, com base na proposta de Cançado (2010), que a presença do predicado ACT é opcional em verbos de mudança de estado que denotam eventos causados externamente, pois a volição do argumento causador pode ser determinada em nível sentencial. Além disso, as autoras não utilizam nas representações propostas para os verbos de contato e de criação o operador BECOME, presente na representação dos verbos de mudança de estado causados externamente. Em sua análise dos verbos de contato e de criação, assim como dos verbos de atividade, o segundo subevento de CAUSE denota a afetação, a criação ou o movimento da entidade afetada.

Conforme a análise das autoras, entre as classes estudadas, somente os verbos de mudança de estado causados externamente participam da alternância causativa: os verbos classificados por elas como verbos de contato (p. ex., *assassinar*, *cortar* e *extrair*), de criação (p. ex., *construir*, *escrever* e *pintar*) e de atividade (p. ex., *andar*, *correr* e *nadar*) não participam da alternância.

Em nossa análise do trabalho de Cançado e Godoy, destacamos que a proposta das autoras apresenta alguns problemas, particularmente em relação à forma como são representados os verbos de criação e de atividade. Quanto aos verbos de criação, mostramos que sua raiz não pode fazer parte do segundo argumento de CAUSE, pois estes verbos podem ser usados como verbos de atividade, com o apagamento do objeto direto. Por sua vez, a proposta das autoras para os verbos de atividade nos parece inconsistente, uma vez que não há nada que indique algum tipo de causação, mesmo que interna, como sugerem as autoras, esteja envolvida nestes eventos.

O Quadro 1 abaixo apresenta um resumo dos trabalhos analisados neste capítulo, destacando as classes de verbos que participam da alternância causativa, as classes que não participam e as classes problemáticas, de acordo com cada uma das propostas.

Quadro 1 Resumo das teorias analisadas.

	Verbos que participam da alternância	Verbos que não participam da alternância	Classes problemáticas
Levin e Rappaport-Hovav (1995)	<p>a. Verbos de mudança de estado causados externamente: p. ex., <i>abrir, fechar, explodir</i>, etc.</p> <p>- “Verbos de quebrar”: p. ex., <i>esmagar, quebrar, rachar</i>, etc.</p> <p>- Verbos relacionados a adjetivo: p. ex., <i>limpar, secar, esvaziar</i>, etc.</p> <p>- Verbos de mudança de cor: p. ex., <i>amarelar, avermelhar, embranquecer</i>, etc.</p>	<p>a. Verbos causados internamente:</p> <p>- Verbos de emissão: p. ex., <i>arrotar, brilhar, radiar</i>, etc.</p> <p>- Verbos de mudança de estado causados internamente: p. ex., <i>brotar, florir, florescer</i>, etc.</p> <p>b. Verbos de existência e aparecimento: p. ex., <i>aparecer, existir, surgir</i>, etc.</p>	<p>a. “Verbos de cortar”: p. ex., <i>cortar, fatiar, serrar</i>, etc.</p> <p>b. Verbos de modo de movimento: p. ex., <i>girar, quicar, rodar</i>, etc.</p>
Ciríaco (2007)	<p>a. Verbos causativos compatíveis com um desencadeador indireto: p. ex., <i>abrir, fechar, quebrar</i>, etc.</p> <p>b. Verbos psicológicos com afetados compatíveis com controle: p. ex., <i>chatear, decepcionar, magoar</i>, etc.</p>	<p>a. Verbos não causativos:</p> <p>- Estativos: p. ex., <i>habitar, saber, ter</i>, etc.</p> <p>- Psicológicos estativos: p. ex., <i>admirar, amar, odiar</i>, etc.</p> <p>- Inergativos: p. ex., <i>cantar, ler, nadar</i>, etc.</p> <p>b. Verbos causativos estritamente diretos: p. ex., <i>arremessar, colocar, escrever</i>, etc.</p> <p>c. Verbos psicológicos com afetados não compatíveis com controle): p. ex., <i>conquistar, honrar, provocar</i>.</p>	<p>a. Verbos psicológicos com afetados compatíveis com controle: p. ex., <i>chatear, decepcionar, magoar</i>, etc.</p>
Rappaport-Hovav e Levin (no prelo)	<p>a. Verbos de resultado:</p> <p>- Verbos causados externamente: p. ex., <i>que-</i></p>	<p>a. Verbos de maneira:</p> <p>- Raiz de instrumento: p. ex., <i>escovar, mar-</i></p>	<p>a. “Verbos de cortar”: p. ex., <i>cortar, fatiar, serrar</i>, etc.</p>

	<i>brar, secar, derreter, etc.</i>	<i>telar, pincelar, etc.</i> - Raiz de contêiner: p. ex., <i>empacotar, encaixotar, engarrafar, etc.</i> - Raiz de maneira: p. ex., <i>assoviar, correr, nadar, etc.</i> - Verbos de mudança de estado causados internamente”: p. ex., <i>brotar, florir, florescer, etc.</i>	
Cançado e Godoy (a sair)	a. Verbos de mudança de estado causados externamente: p. ex., <i>abrir, clarear, quebrar, etc.</i>	a. Verbos de contato causados externamente: p. ex., <i>assassinar, cortar, extrair, etc.</i> b. Verbos de criação causados externamente: p. ex., <i>construir, escrever, pintar, etc.</i> c. Verbos de atividade causados internamente: p. ex., <i>cantar, dançar, tossir, etc.</i>	a. Verbos de atividade causados internamente: p. ex., <i>cantar, dançar, tossir, etc.</i>

Neste primeiro capítulo, foi possível estabelecer as restrições semânticas mais relevantes que determinam a participação dos verbos na alternância causativa, de acordo com as análises diversos autores. No capítulo seguinte, voltaremos nossa atenção para o tópico principal desta dissertação; ou seja, o papel do clítico *se* na alternância causativa. Serão analisadas algumas propostas existentes na literatura que tratam da função do clítico na alternância causativa, tanto no PB como em outras línguas em que esta alternância é marcada morfológicamente.

2. O PAPEL DO CLÍTICO *SE* NA ALTERNÂNCIA CAUSATIVA: ALGUMAS ANÁLISES

2.1 Introdução

Neste capítulo, apresentaremos algumas propostas existentes na literatura que tratam do tema principal de nosso trabalho: o papel do clítico *se* na alternância causativa. As análises discutidas no breve panorama teórico realizado no capítulo 1 desta dissertação, apesar de descreverem detalhadamente as restrições semânticas que determinam a participação dos verbos na alternância causativa, não esclarecem o papel do clítico *se* nesta alternância em nossa língua. Nosso objetivo neste capítulo é discutir algumas propostas de autores que tratam justamente deste ponto, tanto no PB como em outras línguas nas quais o clítico também é utilizado na variante incoativa de verbos alternantes.

Este capítulo está organizado da seguinte forma. Na seção 2.2, discutiremos duas análises da incoatividade como resultado de uma operação de reflexivização: a proposta de Chierchia (2004), o qual sustenta que os inacusativos são derivados por meio de um processo especial de reflexivização; e a proposta de Koontz-Garboden (2009), que assume a proposta de Chierchia (2004), defendendo que, em línguas nas quais o processo de anticausativização é morfologicamente marcado, o clítico *se* é o operador responsável pela derivação das formas anticausativas dos verbos alternantes. Por sua vez, na seção 2.3, comentaremos a análise de Souza (1999) para as diferentes formas de manifestação da alternância causativa no PB. O autor assume como *default* da alternância no PB a forma TRI – ou seja, os verbos que permitem a alternância com e sem o clítico *se* –, e destaca os fatores semânticos que influenciam os desvios deste *default*. Por fim, na seção 2.4, faremos um resumo destas propostas e delinaremos algumas conclusões a respeito do papel do clítico *se* na alternância causativa no PB.

2.2 Incoatividade como resultado de uma operação de reflexivização ⁶⁰

2.2.1 Chierchia (2004)

A principal ideia desenvolvida em Chierchia (2004) é a de que a inacusatividade é um tipo de operação de reflexivização. O autor delinea sua proposta apresentando uma semântica de condições de verdade explícita para os inacusativos, e analisando as consequências desta abordagem na sintaxe, sob uma perspectiva da Teoria de Princípios e Parâmetros.

De acordo com a Hipótese Inacusativa (Burzio, 1986), um verbo contém em sua entrada lexical uma lista de papéis temáticos (papéis θ), correspondentes aos seus argumentos, conforme mostram os exemplos (105) e (106):

- (105) a. chorar: θ_1 (agente)
 b. destruir: θ_1, θ_2 (agente, tema)
 c. dar: $\theta_1, \theta_2, \theta_3$ (agente, tema, meta)

- (106) a. vir: θ_1 (tema)
 b. afundar: (θ_1), θ_2 (agente, tema)
 c. comer: $\theta_1, (\theta_2)$ (agente, tema)⁶¹

Os parênteses em (106b, c) indicam os “argumentos opcionais”, de modo que temos dois tipos de verbos alternantes entre as formas transitiva e intransitiva: verbos como *afundar*, nos quais o papel θ externo é opcional, e verbos como *comer*, nos quais o papel θ opcional é o interno. A variante intransitiva de verbos como *afundar* é considerada inacusativa, ao passo que a de verbos como *comer* é considerada inergativa. No entanto, Chierchia comenta que a noção de “argumento opcional” prejudica o poder preditivo do Princípio de Projeção – o qual requer que a estrutura temática de um predicado seja projetada em todos os níveis de representação –, uma vez que argumentos poderiam ou não ser realizados na estrutura de superfície. Desse modo, o autor procura dar conta da relação entre as formas transitiva e intransitiva de verbos como (106b, c) por meio de uma operação lexical nos papéis θ .

Chierchia assume que a reflexivização é uma operação lexical que se aplica a uma relação de dois lugares, reduzindo-a a uma propriedade. Isto é, a operação transforma um verbo transitivo em intransitivo, sendo que o único papel temático disponível para expressão

⁶⁰ Esta seção origina-se de um trabalho apresentado por mim, em uma versão preliminar, no Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Teoria da Gramática da ANPOLL, em 2009, sob o título “Contra anticausativização como reflexivização”.

⁶¹ Exemplos adaptados de Chierchia, 2004, p. 23.

sintática é o do argumento interno. Isto acontece porque a reflexivização identifica os dois argumentos da relação:

$$(107) \text{REFL}(K) = \lambda u K(u,u)$$

Consideremos a relação entre os usos transitivo e inacusativo de *affondare*, em italiano, ilustrada em (108) abaixo:

(108) a. Gianni ha affondato la barca.

‘Gianni afundou o barco’

b. La barca è affondata.⁶²

‘O barco afundou’

Chierchia sugere que a variante inacusativa do verbo *affondare* em (108b) é uma “forma reflexiva”, derivada da variante causativa (108a) por meio de REFL. Entretanto, a interpretação proposta pelo autor não é a de que “o barco afundou ele mesmo”, mas sim a de que alguma propriedade do barco, ou o estado em que ele se encontra, é que causa seu afundamento. Portanto, (108b) possuiria uma leitura estativa, e não eventiva, como a provocada pelo uso do adjunto *ele mesmo*.⁶³ Isto é, o caráter reflexivo que Chierchia propõe para os inacusativos é de natureza especial, por ser estativa.

Conforme Chierchia, há várias formas de se representar este caráter de estatividade exigido pela operação de reflexivização que ele propõe para os inacusativos. Uma delas seria estipular que o operador de reflexivização possui esse requerimento como uma de suas características. Contudo, o autor refuta esta hipótese e propõe que o operador CAUSE, presente na representação semântica de *affondare*, é neutro quanto ao tipo de evento envolvido – ou seja, se é uma ação ou um estado. O que provocaria a implicatura que indica se o fator causador envolve uma ação ou um estado seria a “animacidade” (ou “inanimacidade”) do sujeito.⁶⁴ A operação de reflexivização proposta em (107) identificaria, portanto, os dois argumentos de um verbo e possibilitaria que o argumento que resta após a aplicação da operação seja expresso na sintaxe, sendo que este argumento é sempre o argumento interno, o que é uma característica desta operação, conforme Chierchia.⁶⁵

⁶² Exemplos retirados de Chierchia, 2004, p. 36, (26a, b).

⁶³ Chierchia afirma que, ao utilizarmos o adjunto *ele mesmo*, estamos metaforicamente concedendo ao barco a capacidade de realizar uma ação.

⁶⁴ Apesar de afirmar que este fator seria uma implicatura, Chierchia não demonstra claramente que este é o caso.

⁶⁵ Chierchia (2004) postula uma operação de reflexivização R_1 , com condições de verdade idênticas a REFL, porém de um tipo lógico diferente, a qual permite como resultado proposições, ao contrário de REFL, que tem como resultado propriedades. A função R_1 estaria envolvida em sentenças inacusativas sem o movimento do NP

Chierchia apresenta diversos argumentos e evidências empíricas para a sua análise, sendo que o primeiro deles diz respeito à valência instável dos inacusativos. O autor afirma que os inacusativos são mais instáveis que os inergativos, alternando entre transitivos e intransitivos, tanto diacronicamente como também entre dialetos. Segundo Chierchia, em alguns dialetos do italiano, é comum o uso transitivo de verbos como *crescere* ('crescer'), *morire* ('morrer'), *suicidarsi* ('suicidar-se'), etc., em contraste com verbos inergativos, que em geral não apresentam usos transitivos. Conforme a proposta do autor, isto é previsto por sua teoria e ocorre devido à presença de um componente causativo na representação lexical de todos os inacusativos, diferentemente dos inergativos.

O segundo argumento apresentado por Chierchia refere-se ao fato de que uma grande parte dos inacusativos é marcada com morfologia reflexiva, conforme vemos nos exemplos do italiano em (109):

- (109) a. rompere-rompersi 'quebrar'
 aprire-aprirsi 'abrir'
 irritare-irritarsi 'irritar'
- b. inginocchiarsi 'ajoelhar-se'⁶⁶
 scontrarsi 'colidir'
 arrabbiarsi 'enraivar-se'

Os exemplos em (109a) mostram inacusativos que participam da alternância causativa e cuja forma intransitiva é necessariamente marcada pelo morfema reflexivo, ou seja, o clítico *si*. Em (109b), temos verbos inacusativos que não apresentam a contraparte causativa e que são, também estes, obrigatoriamente marcados com a morfologia reflexiva. Chierchia sustenta que sua teoria oferece uma explicação natural para o uso de morfologia reflexiva em inacusativos, uma vez que a inacusatividade seria um tipo especial de reflexivização das formas causativas, como vimos anteriormente. Conforme o autor, todos os inacusativos possuem um operador reflexivo implícito em sua forma lógica, sendo que, em alguns casos, ele é incorporado ao significado do verbo e, em outros, aparece em forma de clítico.

O terceiro argumento de Chierchia a favor de sua proposta é a distribuição do adjunto *da sé*, que parece ser equivalente a *por si mesmo* em português. Este adjunto, segundo

(p. ex., Se afundou o barco.). Já quando o argumento interno é movido para a posição de Spec de IP, a operação utilizada seria REFL. Segundo Chierchia, portanto, a relação entre a forma transitiva e intransitiva de um verbo é a seguinte: a forma intransitiva de um verbo é derivada da forma transitiva por meio de uma operação de reflexivização, podendo escolher tanto R_1 como REFL.

⁶⁶ Exemplos de Chierchia, 2004, p. 41, (36a, b).

Chierchia, seria sensível ao papel de “causa”: seu antecedente seria o único causador do evento, o que inclui tanto um agente quanto uma causa propriamente dita:

(110) Gianni mi ha picchiato da sé.

‘*Gianni me bateu por si mesmo’

(111) a. *Gianni conosce il latino da sé.

‘*Gianni sabe latim por si mesmo’

b. *Gianni ha sudado da sé.

‘*Gianni suou por si mesmo’

c. A: Tu hai fatto sudare Gianni.

‘Tu fizeste Gianni suar’

B: No, há sudato da sé.⁶⁷

‘Não, (ele) suou por si mesmo’

De fato, em (110), *Gianni* é o único agente de *bater*. Por sua vez, como destaca Chierchia, as sentenças em (111a, b) mostram que o antecedente de *da sé* precisa ser um agente ou uma causa; do contrário, o adjunto não é aceito. Finalmente, (111c) mostra que o uso de *da sé* se torna aceitável quando o sujeito pode ser interpretado como sendo ele mesmo o causador da mudança de estado.

A análise de Chierchia para *da sé* ainda prediz que o adjunto não pode ser usado com passivas, já que o sujeito da passiva não é agentivo. De fato, isso é verdade tanto para a passiva analítica quanto a passiva com *si* impessoal em italiano:

(112) a. *La porta è stata aperta da sé.

‘*A porta foi aberta por si mesmo’

b. *Questo libro si legge da sé.⁶⁸

‘*Este livro se lê por si mesmo’

Quanto aos inacusativos, Chierchia procura mostrar que os sujeitos destes verbos estão, de alguma forma, associados ao papel de causador – afinal, de acordo com sua teoria, inacusativos são reflexivizações de estruturas causativas. De fato, o sujeito de um inacusativo, aparentemente, funciona como antecedente de *da sé*, conforme (113a, b), em contraste com o sujeito de uma passiva, em (113c):

⁶⁷ Exemplos de Chierchia, 2004, p. 41, (37), (39a, b, c).

⁶⁸ Exemplos de Chierchia, 2004, p. 43, (40), (41).

- (113) a. La porta si è aperta da sé.
 ‘A porta se abriu por si mesma’
- b. La barca è affondata da sé.
 ‘O barco afundou por si mesmo.’
- c. *La barca è stata affondata da sé.⁶⁹
 ‘*O barco foi afundado por si mesmo’

Segundo Chierchia, o fato de os sujeitos de inacusativos servirem de antecedentes legítimos para *da sé*, que precisaria justamente de um agente ou causador como antecedente, é um forte argumento a favor de sua teoria da inacusatividade (e, conseqüentemente, da anticausativização).

Por fim, o último argumento que Chierchia apresenta para sustentar a sua teoria diz respeito ao aspecto dos inacusativos. Conforme o autor, causativos em geral são télicos, por envolverem semanticamente uma mudança de estado (e, assim, a culminância do evento); logo, causativos não estativos são necessariamente *achievements* ou *accomplishments*. Conseqüentemente, inacusativos não estativos também não podem ser atividades, e caem em uma das categorias de eventos télicos. Chierchia ilustra este fato com o exemplo do verbo *correre* (‘correr’), que em italiano pode ser tanto inacusativo (utilizando o auxiliar *essere*) como inergativo (utilizando o auxiliar *avere*), sendo que as duas formas possuem aspectos distintos. O teste canônico para distinguir predicados télicos de predicados atélicos é a modificação por adjuntos adverbiais *por x tempo* e *em x tempo*, proposto por Dowty (1979), sendo que adjuntos como *por x tempo* funcionam com eventos atélicos, e adjuntos como *em x tempo*, com eventos télicos. Os inacusativos apresentam normalmente um padrão de eventos télicos, conforme mostram os exemplos do italiano:

- (114) a. ??Gianni è corso in giardino per un’ora.
 ‘Gianni AUX correu no jardim por uma hora’
- b. Gianni há corso in giardino per un’ora.
 ‘Gianni AUX correu no jardim por uma hora’
- (115) a. Gianni è corso in giardino in un minuto.
 ‘Gianni AUX correu no jardim em um minuto’

⁶⁹ Exemplos de Chierchia, 2004, p. 43, (42 a, b, c).

b. ??Gianni há corso in giardino in un minuto.⁷⁰

‘Gianni AUX correu no jardim em um minuto’

Apesar de o sentido básico do verbo *correre* não levar naturalmente a uma interpretação télica, conforme chama atenção Chierchia, a interpretação télica se impõe quando o verbo é inacusativo. O autor afirma que, conforme prevê a teoria, o elemento causativo remanescente na representação semântica dos inacusativos explica este tipo de mudança aspectual, pois a semântica do verbo causativo do qual o inacusativo é derivado possui uma culminância inerente, e este elemento é mantido com a reflexivização.

Na seção seguinte, veremos como Koontz-Garboden (2009) desenvolve, com base nesta proposta de Chierchia, sua análise do fenômeno da anticausativização.

2.2.2 Koontz-Garboden (2009)

Koontz-Garboden (2009) segue a proposta de Chierchia (2004) e analisa a anticausativização – isto é, o processo em que a variante intransitiva de um verbo é derivada da variante transitiva – como um resultado da operação de reflexivização. O autor incorpora à proposta uma análise dos predicados causativos baseada na semântica de eventos e na decomposição lexical (cf. Dowty, 1979; Parsons 1990, entre outros). Koontz-Garboden concentra-se na discussão dos fatos do espanhol, especialmente porque a anticausativização é um processo morfológicamente marcado nesta língua, segundo o autor. O clítico *se* em espanhol seria a manifestação sintática do operador REFL – como Chierchia sugerira:

$$(116) \text{ [[se]]} = \lambda R \lambda x [R(x,x)]$$

Conforme (116), *se* é uma operação que se aplica a uma relação e resulta em uma propriedade – isto é, um predicado de um lugar. De acordo com Koontz-Garboden, a aplicação desta função a um verbo como *romper* (‘quebrar’) em (117) resulta no incoativo *romperse* em (118), em que o indivíduo que sofre a mudança de estado também é o EFFECTOR⁷¹ do evento que causa a mudança de estado:

$$(117) \text{ [[romper]]} = \lambda x \lambda y \lambda s \lambda e [\exists v [CAUSE(v, e) \wedge EFFECTOR(v, y) \wedge BECOME(e, s) \wedge THEME(s, x) \wedge not-whole(s)]]$$

⁷⁰ Exemplos de Chierchia, 2004, pp. 44-45, (44 a, b), (45a, b).

⁷¹ EFFECTOR é o rótulo utilizado pelo autor para representar o papel temático do participante do subevento causador em verbos que deixam este papel subespecificado; ou seja, verbos que aceitam como sujeitos tanto agentes como instrumentos, forças naturais, etc.

$$(118) \text{ [[romperse]]} = \lambda x \lambda s \lambda e [\exists v [\text{CAUSE}(v, e) \wedge \text{EFFECTOR}(v, x) \wedge \text{BECOME}(e, s) \\ \wedge \text{THEME}(s, x) \wedge \text{not-whole}(s)]]]$$

Como (118) mostra, de acordo com a proposta de Koontz-Garboden, seguindo Chierchia (2004), o operador CAUSE não é removido na anticausativização; a forma incoativa o mantém em sua representação léxico-semântica.

Koontz-Garboden apresenta vários argumentos para sustentar sua proposta, sendo que um dos mais importantes deriva do fato de que verbos os quais, segundo o autor, especificam que o causador da mudança de estado precisa ser um agente – como *assassinar* – não possuem uma variante anticausativa. Para Koontz-Garboden, isso resulta de que, quando submetidos à operação de reflexivização expressa por *se*, tais verbos assumem uma interpretação realmente reflexiva, e não anticausativa, em virtude dos acarretamentos agentivos do participante. Além de dar conta da não alternância de verbos como *assassinar*, Koontz-Garboden afirma que esta mesma explicação se estende para o caso de verbos que, embora normalmente apresentem a anticausativização, bloqueiam-na em usos idiomáticos que exigem um agente. Os exemplos do francês em (119) ilustram este fato:

- (119) a. Jean a brisé sa promesse/l'acorde/le record du monde/la routine.
 'Jean quebrou sua promessa/o acordo/o recorde mundial/a rotina.'
- b. *Sa promesse/l'acorde/le record du monde/la routine s'est brisé(e).
 '*Sua promessa/o acordo/o recorde mundial/a rotina se quebrou.'
- c. La fenêtre/la branche/sa montre s'est brisée.⁷²
 'A janela/o galho/seu relógio quebrou.'

O autor sustenta que promessas, acordos e recordes só podem ser quebrados por agentes; assim, nestes usos, *quebrar* não permitiria a anticausativização pelas mesmas razões que verbos estritamente agentivos não permitem.

Koontz-Garboden enfatiza também o fato de que, em espanhol, as sentenças anticausativas e passivas apresentam os mesmos contrastes já conhecidos tradicionalmente, especialmente no que diz respeito à possibilidade de serem modificadas por adjuntos agentivos e por adjuntos como *da sé*, como podemos observar em (120) e (121):

- (120) a. *La puerta se abrió para airear la habitación.
 '*A porta se abriu para arear o quarto.'

⁷² Exemplos de Brousseau e Ritter, 1991, *apud* Koontz-Garboden, 2009, p. 91, (34a, b, c).

b. La puerta fue abierta para airear la habitación.

‘A porta foi aberta para arear o quarto.’

(121) a. *El barco fue hundido por sí solo.

‘*O barco foi afundado por ele mesmo.’

b. El barco se hundió por sí solo.⁷³

‘O barco afundou por si mesmo.’

Segundo Koontz-Garboden, da mesma forma que as sentenças anticausativas, as passivas possuem dois argumentos em sua representação léxico-semântica; no entanto, a diferença entre as duas construções encontra-se na estrutura de argumentos. Na passiva, existe uma regra que impossibilita a realização do sujeito como argumento externo, sendo possível somente sua realização como oblíquo. Mas, ainda que seu agente não seja realizado sintaticamente, semanticamente ele está presente e precisa ser distinto do paciente. Nas anticausativas, por outro lado, o operador *se* atua sobre a representação causativa do verbo, identificando o causador com o paciente do subevento de mudança de estado. Assim, explica-se o contraste em (120): na passiva, existe um agente distinto do paciente para controlar a oração de finalidade; na anticausativa, não.

Quanto ao contraste em (121), este acontece, segundo o autor, porque o adjunto *por sí solo* possui a seguinte representação semântica:

$$(122) \text{ [[por sí solo]]} = \lambda P \lambda x \lambda s \lambda e [\exists e' \forall y [P(x, s, e) \wedge \text{CAUSE}(e', e) \\ \wedge \text{EFFECTOR}(e', x) \wedge \text{EFFECTOR}(e', y) \rightarrow y = x]]$$

Este adjunto especifica que seu antecedente deve ser a única causa da mudança de estado (cf. Chierchia, 2004); mas este não pode ser o caso da passiva, uma vez que o sujeito da passiva não é o causador da mudança de estado.

Além de reiterar os argumentos de Chierchia (2004) a favor da análise da anticausativização como reflexivização, Koontz-Garboden apresenta outros argumentos para defender a manutenção do operador CAUSE na representação léxico-semântica das sentenças incoativas. De acordo com o autor, *por sí solo* não apenas distingue passivas de anticausativas como também é um diagnóstico para identificar verbos que possuem CAUSE em sua representação. Além de não ocorrer em passivas, *por sí solo* é inaceitável em eventos de mudança de estado causados internamente:⁷⁴

⁷³ Exemplos de Mendikoetxea, 1999, *apud* Koontz-Garboden, 2009, p. 97, (45a,b), (46a,b).

⁷⁴ Nos termos de Levin e Rappaport-Hovav, 1995).

- (123) a. ??Juan empeoró por sí solo.
 ‘*Juan piorou por si mesmo’
 b. ??El niño creció por sí solo.⁷⁵
 ‘*O menino cresceu por si mesmo.’

A inaceitabilidade dos exemplos em (123) se deve, segundo Koontz-Garboden, ao fato de que estes verbos não possuem um elemento causativo em sua representação léxico-semântica. Em contraste, o modificador *por sí solo* é perfeitamente aceitável em sentenças anticausativas, como vimos em (121b).

Koontz-Garboden argumenta também que a negação pode representar um diagnóstico para a presença de CAUSE na semântica de sentenças anticausativas, conforme (124):

- (124) Pai: ¿Que pasó, hijo?
 ‘O que aconteceu, filho?’
 Filho: El vaso se rompió.
 ‘O copo se quebrou.’
 Pai: No se rompió sino que lo rompiste tú!⁷⁶
 ‘Não se quebrou – tu o quebraste!’
 → O copo quebrou.

Para o autor, o que ocorre em (124) não é a negação de que o evento de mudança de estado aconteceu, mas sim de que o participante da mudança de estado seja ele mesmo o causador desta mudança. Assim, a negação teria escopo sobre CAUSE, e não sobre BECOME, como teria se o que estivesse sendo negado em (124) fosse simplesmente a mudança de estado. Este seria um forte argumento, segundo o autor, a favor da presença de CAUSE na representação léxico-semântica de anticausativas.

2.2.3 Discussão

Conforme vimos na subseção 2.2.1, Chierchia propõe que os inacusativos são derivados da forma causativa do verbo correspondente por meio de uma operação especial de reflexivização, a qual possivelmente estaria envolvida na semântica do clítico *se*. Esta operação seria, portanto, responsável pela relação entre a forma transitiva e a forma intransitiva de um verbo que permite a alternância causativa. De acordo com esta proposta, o operador CAUSE é mantido na representação semântica (neste caso, na forma lógica) da

⁷⁵ Exemplos de Mendikoetxea, 1999, *apud* Koontz-Garboden, 2009, p. 108, (65a,b).

⁷⁶ Exemplo de Koontz-Garboden, 2009, p. 103, (57).

variante intransitiva do verbo, sendo que o que ocorre é uma identificação dos dois argumentos do verbo.

Apesar de não oferecer critérios específicos para a identificação de verbos ou classes de verbos que possibilitam a derivação da forma intransitiva somente com o clítico *se*, somente sem o clítico *se*, ou que possibilitam as duas alternativas, Chierchia apresenta uma possibilidade de análise para a presença do *se* em formas inacusativas. Contudo, veremos adiante que esta análise possui alguns problemas, especialmente no que diz respeito aos argumentos utilizados para sustentar a manutenção do operador CAUSE nas formas intransitivas.

Koontz-Garboden (2009), conforme vimos na seção anterior, trata do fenômeno da anticausativização como uma operação de reflexivização, seguindo Chierchia (2004). O autor apresenta diversos argumentos a favor de sua análise, os quais discutiremos agora mais detalhadamente.

Koontz-Garboden optou por trabalhar com dados de línguas nas quais a anticausativização se manifesta morfologicamente (como o espanhol e o francês), apesar de diversos autores (como Levin e Rappaport-Hovav, 1995; ver seção 1.2.1) considerarem que a anticausativização ocorre também em línguas na qual este processo não é marcado morfologicamente, como o inglês. O caso do PB é ainda mais interessante, em comparação com estas línguas: o PB parece ser uma língua intermediária entre línguas como o inglês (com anticausativização sem marca morfológica) e o espanhol (marcada pelo clítico *se*), uma vez que muitos verbos que apresentam alternância anticausativa podem formar a variante incoativa com ou sem *se*, conforme vimos na introdução deste trabalho:

- (125) a. João fechou a porta
 b. A porta fechou./A porta se fechou.

Contudo, crucialmente, estas alternativas não são equivalentes, como o mostra o fato de muitos verbos não permitirem, na forma incoativa, o uso do *se*; quando o *se* é utilizado, somente a interpretação reflexiva é possível, e não a anticausativa:

- (126) a. A lavagem encolheu as roupas.
 b. As roupas encolheram./*As roupas se encolheram.

Dada a similaridade entre o PB e o espanhol, ambas línguas românicas, parece não ser a melhor alternativa postular que a anticausativização como um todo é um processo de reflexivização, uma vez que a forma incoativa de diversos verbos não aceita o uso do clítico

se, que seria justamente o responsável pela operação. Chierchia afirma que mesmo os verbos que não possibilitam a utilização do *se* na forma incoativa teriam o operador de reflexivização implícito em sua semântica; porém, não apresenta nenhum teste para que se possa identificar a presença deste operador e distinguir verbos intransitivos que não possuem uma contraparte causativa, de verbos que participam da alternância causativa e cuja forma intransitiva teria, de acordo com a análise do autor, um operador de reflexivização implícito.

Um outro problema da análise de Koontz-Garboden e, conseqüentemente, também da análise de Chierchia, é o uso do teste com o modificador *por si solo* como diagnóstico para a presença de CAUSE na representação léxico-semântica dos verbos. As sentenças em (127) mostram que, em PB, *por si mesmo* pode ser usado com verbos que nem mesmo possuem uma contraparte causativa:

- (127) a. João chegou na festa por si mesmo.
 b. Paulo caiu por si mesmo.
 c. Pela primeira vez, o bebê caminhou por si mesmo.

Considerando-se os dados em (127), a representação proposta por Koontz-Garboden para o adjunto *por si solo*, em (122), não pode estar correta, uma vez que seria bastante complicado postular que estas sentenças possuem um operador CAUSE em sua representação, sendo que este é um elemento essencial, segundo o autor, para a semântica deste modificador. Estes exemplos mostram, portanto, que o teste com o modificador *por si mesmo* não pode ser considerado uma evidência para a presença do operador CAUSE na representação dos verbos.

Um outro argumento problemático utilizado por Koontz-Garboden é o de que o escopo da negação seria também um argumento para a presença de CAUSE em anticausativas, conforme a discussão do exemplo (124). Consideremos o seguinte contexto:

- (129) A: O que aconteceu?
 B: Paulo morreu.
 A: Não, tua negligência o matou.

O exemplo em (129) mostra que não é preciso que um verbo seja causativo para termos o mesmo efeito produzido em (124) – em (129), assim como em (124), o que está sendo negado não é a ocorrência da mudança de estado, mas alguma outra coisa. Por sua vez, *morrer* não é um verbo causativo, e assim não pode possuir CAUSE em sua representação. Isso é um problema para análise de Koontz-Garboden, segundo a qual este efeito ocorre justamente porque a negação está tomando escopo sobre o operador CAUSE. Apesar da

ausência de CAUSE, o efeito é obtido, o que leva a crer que a negação em (124) e (129) se trata, na verdade, de negação metalingüística – isto é, o que está sendo negado é a pressuposição de que o evento ocorreu sem uma causa conhecida (quando, na verdade, se sabe qual foi a causa).

Com isso, acreditamos que seja bastante difícil sustentar, com base somente nos argumentos apresentados por Chierchia (2004) e Koontz-Garboden (2009), que a anticausativização como um todo seria uma operação de reflexivização, realizada pelo clítico *se*. Da mesma forma, parece não haver argumentos robustos que sustentem a presença necessária do operador CAUSE na representação léxico-semântica de anticausativas, especialmente se considerarmos que o teste com o modificador *por sí solo*, conforme mostramos, não pode ser considerado um diagnóstico adequado de que o verbo possui CAUSE em sua representação.

Chierchia (2004) admite, no *postscript* de seu artigo, que uma análise dos inacusativos como uma operação de reflexivização realizada exclusivamente pelo clítico *se* não parece ser uma alternativa de análise correta:

[...] there are reasons to believe that REFL is involved in the semantics of the reflexive clitic *si* in Romance. The question is, can REFL also be the very operation that derives unaccusatives? It would be great if it were so, for it would reduce the essence of a complex phenomenon to a simple and rather well-understood operation on argument structure. I believe, however, that the answer to such question has to be ‘no’ (Chierchia 2004, p.54.).⁷⁷

O próprio autor parece cético, e deixa aberta a questão sobre a viabilidade de sua proposta; porém, afirma que é possível que REFL e mais alguma outra operação estejam envolvidas na semântica dos inacusativos. Entretanto, ao menos neste ponto, acreditamos que seja seguro afirmar que a proposta de Koontz-Garboden para o fenômeno da anticausativização como um todo não se sustenta, especialmente diante dos dados do PB apresentados. Talvez seja possível assumir que uma operação de reflexivização como a proposta por Chierchia (2004) para os inacusativos esteja envolvida em alguns casos de incoativas no PB, possivelmente naqueles em que alguma propriedade do afetado parece, realmente, ser a causa da mudança de estado (cf. *O vaso (se) quebrou de velho.*). No capítulo

⁷⁷ Tradução: “há motivos para acreditarmos que REFL está envolvido na semântica do clítico reflexivo *si*, nas línguas românicas. A questão é: a operação REFL pode ser considerada como a única responsável pela derivação dos inacusativos? Seria ótimo se este fosse o caso, pois isto iria reduzir a essência de um fenômeno complexo a uma operação simples e bem compreendida na estrutura de argumentos. Creio, no entanto, que a resposta a essa pergunta tenha de ser ‘não’”.

3, ao realizarmos nosso estudo sobre a utilização do clítico *se* nas forma incoativas no PB, voltaremos a discutir esta questão.

2.3 Uma análise das diferentes manifestações da alternância causativa no português do Brasil

2.3.1 Souza (1999)

Souza (1999) assume como referencial teórico em seu estudo sobre a alternância causativa no PB a teoria do léxico gerativo de Pustejovsky (1995). Propõe alguns ajustes a esta teoria e incorpora em sua análise elementos da proposta de Levin e Rappaport-Hovav (1995), assim como as principais intuições de Whitaker-Franchi (1989) a respeito das restrições semânticas que envolvem a participação dos verbos na alternância causativa. O autor realiza um importante trabalho descritivo, classificando os verbos que participam desta alternância no PB em três classes: a classe TI (isto é, “de alternância entre formas transitivas e intransitivas”), composta por verbos que formam a variante incoativa somente sem o clítico *se*; a classe TRI (isto é, “de alternância entre formas transitivas, reflexivas e intransitivas”), composta por verbos que podem formar a incoativa com o *se* e sem o *se*; e a classe TR (isto é, “de alternância entre formas transitivas e reflexivas”), composta por verbos que só formam a incoativa com o *se*.

Como o objetivo principal de nosso trabalho é a investigação do papel do clítico *se* na alternância causativa, e o foco teórico da proposta de Souza reside na representação dos verbos por meio de matrizes de atributos e valores, perspectiva amplamente adotada por teorias como a LFG e a HPSG, e que se afasta do tipo de representação léxico-semântica que priorizamos nesta dissertação, nos concentraremos aqui apenas na parte descritiva de sua análise. Interessam-nos, especialmente, as hipóteses que o autor apresenta sobre os aspectos semânticos que determinam a manifestação das formas incoativas, em particular da classe TR.⁷⁸

Souza assume que a classe dos verbos TRI é a manifestação *default* da alternância causativa no PB. A ideia é que, na ausência de restrições específicas, a forma incoativa dos verbos que participam da alternância ocorrerá tanto com como sem o clítico *se*. O autor baseia

⁷⁸ Para uma análise crítica das restrições semânticas propostas por Souza (1999) para a participação dos verbos na alternância causativa, bem como das modificações propostas pelo autor em relação à teoria de Levin e Rappaport-Hovav (1995), ver Ciríaco (2007).

esta hipótese no fato de que o PB vem perdendo seus clíticos, especialmente os de terceira pessoa, conforme indicam diversos estudos realizados nos últimos anos (por exemplo, Pagotto, 1992; Nunes, 1993; Cyrino, 1994; entre outros.). Portanto, muitos verbos que em um período anterior da língua formariam sua versão incoativa por meio de uma forma reflexiva podem estar em uma etapa intermediária em que tanto a forma reflexiva quanto a que resulta da perda do reflexivo – a forma intransitiva – são possíveis. Isso faz o autor considerar como *default* os casos em que o clítico pode ou não ocorrer. O autor enfatiza, por outro lado, que, por estar relacionada a um processo de mudança possivelmente em andamento, as classes verbais e os verbos que participam da alternância causativa podem apresentar variação de acordo com a região do país.

Além da regra *default* acima expressa – derivada do estágio atual de perda parcial do pronome reflexivo na expressão de diáteses –, Souza ainda incorpora aspectos semânticos à sua análise. Em particular, a entidade à qual o sujeito da forma verbal incoativa se refere pode influenciar o abandono ou a necessidade de uso do clítico *se*. É o que acontece no caso dos sujeitos afetados humanos nas incoativas, conforme veremos adiante.

Um exemplo de verbo TRI, que se enquadra no que o autor considera como *default*, é o verbo *fechar*, ilustrado em (130) abaixo. Por outro lado, os verbos *diminuir* e *apavorar* se afastam do *default*, alternando somente sem o clítico *se* (cf. (131)) ou somente com o *se* (cf. (132)), respectivamente.

(130) a. A menina fechou a janela.

b. A janela fechou./A janela se fechou.

(131) a. A frente fria diminuiu a temperatura.

b. A temperatura diminuiu./*A temperatura se diminuiu.

(132) a. Os gritos apavoraram a molecada.

b. *A molecada apavorou./A molecada se apavorou.⁷⁹

Souza começa analisando o caso dos verbos TR, que alternam a forma causativa transitiva somente com a presença do *se* na forma incoativa. O autor postula três fatores que influenciariam esta manifestação da alternância causativa, classificando os verbos TR nas seguintes classes: (i) verbos que possuem como *default* um argumento afetado humano, (ii) verbos que denotam "transições inespecificadas" e (iii) verbos que denotam o que o autor chama de "eventualidades simétricas".

⁷⁹ Exemplos de Souza, 1999, pp. 145-146, (1), (2), (4).

Segundo Souza, os verbos que possuem seres humanos como argumentos afetados se distinguem de outros verbos causativos: como os seres humanos são, de modo geral, agentes ou causadores típicos, o resultado é que, na versão monoargumental destes verbos, o DP argumento poderia ser, em princípio, tanto o causador quanto o afetado. Existe, portanto, uma possibilidade maior de ambiguidade na ocorrência da forma incoativa. Conforme Souza, este seria o motivo pelo qual estes verbos necessitam do clítico *se* para marcar morfológicamente a forma incoativa como uma forma derivada, conforme (133) e (134):

(133) a. Eu preocupei minha mãe.

b. *Minha mãe preocupou./Minha mãe se preocupou.

(134) Eu preocupo mais do que minha mulher.⁸⁰

Souza atenta para o fato de que, na ausência do clítico, como na sentença em (134), há uma dificuldade maior em identificarmos qual é o argumento causador e qual é o afetado, o que caracteriza a ambiguidade. Assim, de acordo com a análise do autor, na presença de um argumento afetado humano, o clítico *se* na forma incoativa serviria para eliminar a ambiguidade e indicar que o sujeito da sentença é o afetado, e não o causador – sujeito do verbo em sua versão transitiva.

Por contraste, destaca Souza, verbos que normalmente apresentam um afetado não humano, como *rasgar* em (135), não apresentam risco de levar à ambiguidade acima ilustrada; assim, não há necessidade de distinguir com alguma marca morfológica qual argumento é o causador e qual é o afetado.

(135) a. O cara rasgou o vestido.

b. O vestido (se) rasgou.

c. #O cara rasgou o vizinho.⁸¹

Entre os verbos que apresentam normalmente como argumento afetado um ser humano, Souza destaca os verbos psicológicos, seguindo a classificação de Cançado (1995). Com exceção dos verbos da classe de *temer*, que não participam da alternância causativa – precisamente porque o argumento que teria papel de causa não é o sujeito, mas o objeto direto –, os verbos pertencentes às outras três classes de verbos psíquicos propostas por Cançado (as

⁸⁰ Exemplos de Souza, 1999, p. 150, (12), (13).

⁸¹ Exemplos de Souza, 1999, p. 150, (11).

classes de *acalmar*, de *animar* e de *preocupar*) alternam somente com a presença de *se* na forma incoativa, conforme podemos observar nos exemplos abaixo.⁸²

- (136) a. O médico acalmou o paciente.
 b. *O paciente acalmou./O paciente se acalmou.
- (137) a. O resultado animou o candidato.
 b. *O candidato animou./O candidato se animou.
- (138) a. O moleque preocupou a mãe.
 b. *A mãe preocupou./A mãe se preocupou.⁸³

Conforme Souza, as outras três subclasses de verbos TR que apresentam afetados humanos são: a classe do verbo *convencer*, composta por verbos que denotam uma alteração nas opiniões ou crenças do participante afetado (p. ex., *dissuadir*, *persuadir*, etc.); a do verbo *ferir*, constituída por verbos que denotam a afetação ou dano físico de um participante (p. ex., *arranhar*, *cortar*, *machucar*, etc.); e a do verbo *embrutecer*, formada por verbos que denotam a alteração de caráter de um participante (p. ex., *humanizar*, *regenerar*, etc.). Como podemos observar nos exemplos abaixo, assim como os verbos psicológicos, estas subclasses de verbos alternam somente com a presença do clítico *se*:

- (139) a. Nós convencemos os vereadores que era melhor votar.
 b. *Os vereadores convenceram./Os vereadores se convenceram.
- (140) a. O assaltante feriu o rapaz.
 b. *O rapaz feriu./O rapaz se feriu.
- (141) a. Essas tragédias todas embruteceram a população.
 b. *A população embruteceu./A população se embruteceu.⁸⁴

A segunda classe de verbos TR proposta por Souza é a dos verbos que denotam "transições inespecificadas". De acordo com o autor, estes verbos denotam somente a ocorrência de uma mudança de estado, sem nenhuma especificação em relação à forma como ela ocorre, o que diminuiria as restrições seletivas do verbo sobre o afetado. Concomitantemente, seria difícil distinguir qual o papel do argumento na versão monoargumental do verbo – se causador ou se afetado. O clítico *se* teria, portanto, um papel

⁸² Vale ressaltar que os exemplos nesta seção são retirados do trabalho de Souza (1999) e refletem os julgamentos de gramaticalidade do autor, os quais, em geral, são os mesmos que temos como falantes da região de Porto Alegre. No entanto, estes julgamentos, conforme ressaltamos anteriormente, podem variar de acordo com a região do país (ver Whitaker-Franchi, 1989; Ciríaco, 2007).

⁸³ Exemplos de Souza, 1999, pp. 151-152, (14), (15), (16).

⁸⁴ Exemplos de Souza, 1999, pp. 154-155, (29), (30), (31).

crucial de marcar morfológicamente a diátese incoativa destes verbos, indicando que o DP argumento é afetado, e não causador, evitando a ambiguidade. O verbo *transformar*, ilustrado em (142), é um exemplo. Conforme o autor, outros exemplos seriam os verbos *alterar*, *modificar* e *tornar*.

(142) a. Cristo transformou a água em vinho.

b. *A água transformou em vinho./A água se transformou em vinho.⁸⁵

A última classe de verbos TR é composta por verbos que, conforme Souza, denotam “relações simétricas”. Verbos como *juntar* e *separar*, por exemplo, expressariam relações para as quais o bicondicional $R_{xy} \leftrightarrow R_{yx}$ é verdadeiro, o que indicaria a simetria destes predicados. A necessidade da presença do clítico *se* na forma incoativa destes verbos seria devida a este fato, pois o PB utiliza, de modo geral, a morfologia reflexiva para expressar reciprocidade. O autor sugere a divisão desta classe em quatro subclasses de verbos, sendo que a primeira delas é a de verbos como *juntar*, que denotam eventos que têm como resultado o fato de os participantes passarem a estar juntos (p. ex., *combinar*, *misturar*, *reunir*, etc.):

(143) a. Esse time reuniu a grossura com a ineficiência tática.

b. *A grossura e a ineficiência tática reuniram.

c. A grossura e a ineficiência tática se reuniram.⁸⁶

A segunda subclasse de verbos que denotam “relações simétricas” é a do verbo *separar*, formada por verbos que denotam a separação dos participantes após a ocorrência do evento (p. ex., *desconectar*, *distanciar*, *dividir*, etc.):

(144) a. O terremoto separou a península da ilha.

b. *A península separou da ilha./ A península se separou da ilha.⁸⁷

Por sua vez, a terceira subclasse de verbos simétricos proposta por Souza é a do verbo *afastar*, a qual é constituída por verbos que denotam que a distância entre os participantes é modificada após a ocorrência do evento (p. ex., *apartar*, *aproximar*, *reaproximar*, etc.):

(145) a. As correntes marítimas afastaram o *iceberg* do navio.

b. *O *iceberg* afastou do navio./O *iceberg* se afastou do navio.⁸⁸

⁸⁵ Exemplos de Souza, 1999, p. 156, (33).

⁸⁶ Exemplos de Souza, 1999, p. 157, (36).

⁸⁷ Exemplos de Souza, 1999, p. 157, (37).

⁸⁸ Exemplos de Souza, 1999, pp. 157-158, (38).

Por fim, temos a subclasse que o autor classifica como igual/diferente, composta por verbos que denotam que os participantes passam a ser iguais ou diferentes após o evento (p. ex., *igualar*, *diferenciar*, *distinguir*, etc.):

- (146) a. A entrada de ritmos estrangeiros diversificou nossa música.
 b. *Nossa música diversificou com a entrada de ritmos estrangeiros.
 c. Nossa música se diversificou com a entrada de ritmos estrangeiros.⁸⁹

Em resumo, Souza classifica os verbos TR em três grupos: (i) verbos com argumento afetado humano, (ii) verbos que denotam “transições inespecificadas” e (iii) verbos que denotam “relações simétricas”. Na seção 2.3.2 abaixo, na qual discutiremos mais detalhadamente a proposta de Souza, veremos que há alguns problemas na definição de algumas destas classes. Mais especificamente, acreditamos que a generalização em relação à presença de um afetado humano precisa ser ampliada para afetados animados, bem como a noção de “simetria” proposta pelo autor necessita de uma reformulação, conforme veremos mais adiante.

No que diz respeito aos verbos TI, que alternam somente sem o clítico *se* na forma incoativa, Souza afirma que os dados analisados em sua pesquisa não possibilitaram a identificação de um conjunto de características responsáveis por este tipo de manifestação da alternância causativa. Mesmo assim, o autor organizou estes verbos em três subclasses: a do verbo *cozinhar*, a do verbo *girar* e a do verbo *correr*.

A subclasse do verbo *cozinhar* é formada, segundo o autor, por verbos que denotam a “afetação de um participante por meio de fogo ou outra fonte de calor”, com o objetivo final de consumo (p. ex., *assar*, *grelhar*, *refogar*, etc.). Como podemos observar em (147), a forma incoativa só é possível sem o *se* nestes verbos:

- (147) a. O cozinheiro assou o frango.
 b. O frango assou./*O frango se assou.⁹⁰

Por sua vez, a subclasse do verbo *girar* é composta, segundo Souza, por verbos que denotam um movimento de rotação, o qual parece se desenrolar de forma autônoma após ser iniciado (p. ex., *rodar*, *rodopiar*, *rolar*, etc.):

- (148) a. A menina girou o pião.
 b. O pião girou./*O pião se girou.⁹¹

⁸⁹ Exemplos de Souza, 1999, p. 158, (39).

⁹⁰ Exemplos de Souza, 1999, p. 159, (40).

Os verbos deste tipo são classificados por autores como Levin e Rappaport-Hovav (1995) e Jackendoff (1990) como “verbos de modo de movimento”. De um modo geral, de acordo com a análise destes autores, verbos desta classe são considerados como basicamente intransitivos, pois não implicam uma causação externa. Quando o clítico *se* é utilizado na forma incoativa destes verbos, a leitura reflexiva é acionada – isto é, de “movimento voluntário”, com causação interna (cf. *O cão se rolou no chão.*).

Por fim, a subclasse do verbo *correr* é constituída, de acordo com Souza, por verbos que acarretam a afetação de um participante, mas que são basicamente intransitivos, podendo eventualmente ser causativizados. O autor não cita outros verbos participantes desta subclasse no PB, apenas o verbo *correr*, que pode ser causativizado, como podemos observar em (149) abaixo. Souza afirma ainda que a ocorrência da forma causativa em (149c) é favorecida pela presença do adjunto *da sala*, que indica localização:

- (149) a. Os moleques correram (da sala).
 b. *Eu corri os moleques.⁹²
 c. Eu corri os moleques da sala.⁹³

Em resumo, conforme comentamos anteriormente, Souza não propõe restrições específicas para a não ocorrência do clítico *se* na forma incoativa dos verbos TI. O autor apenas identifica – sem, no entanto, apresentar qualquer generalização comum, ou explicação independente para cada caso – três classes de verbos com esta característica: a classe do verbo *cozinhar*, a classe do verbo *girar* e a classe do verbo *correr*. Conforme vimos, os verbos classificados por Souza na classe de *girar* parecem fazer parte, na verdade, de uma classe mais ampla, a dos “verbos de modo de movimento”, os quais denotam eventos que podem ocorrer sem uma causação externa.

Por fim, Souza examina os verbos que, segundo ele, se afastam do *default* mais geral, o qual define quais verbos participam da alternância causativa. De acordo com a análise do autor, os verbos que denotam um evento causativo de mudança de estado – e podem, assim, ser representados por meio dos predicados (CAUSE (BECOME)) – participam da alternância causativa por *default*. Souza propõe diversas restrições de natureza semântica para este *default* geral, as quais não discutiremos neste trabalho, com base nas análises de Whitaker-Franchi

⁹¹ Exemplos de Souza, 1999, p. 159, (41).

⁹² Acreditamos que esta sentença não seja aceitável somente fora de contexto, pois em um contexto adequado, parece ser perfeitamente possível (cf. *Os moleques passaram a noite inteira incomodando, até que João correu eles.*).

⁹³ Exemplos de Souza, 1999, p. 160, (44).

(1989) e Levin e Rappaport-Hovav (1995). O ponto relevante nesta discussão é que há verbos que se afastam deste *default* – isto é, não podem ser representados por (CAUSE (BECOME)) – e mesmo assim alternam. Segundo Souza, estes verbos são de dois tipos: (i) verbos que possuem um argumento resultativo – isto é, que passa a existir após o evento –, e (ii) verbos que denotam uma “transição de grau zero” – uma transição que denota, de acordo com o autor, a ausência de mudança. Tais verbos participam da alternância causativa somente com a presença do clítico *se* na forma incoativa.

Souza divide a classe dos verbos que apresentam um argumento resultativo em duas subclasses. A primeira delas é a do verbo *formar*, constituída por verbos que denotam, segundo o autor, uma “eventualidade simétrica”, a qual acarreta que algo passa a existir após sua conclusão (p. ex., *compor, constituir, originar*, etc.). O autor afirma que estes verbos podem ser representados por meio dos predicados (CAUSE (EXISTIR)).

- (150) a. A chuva formou vários lagos temporários aqui.
 b. *Vários lagos temporários formaram aqui.
 c. Vários lagos temporários se formaram aqui.⁹⁴

A segunda classe é a do verbo *consumir*, a qual é formada por verbos que, de acordo com o autor, denotam uma “eventualidade simétrica”, a qual acarreta que algo deixa de existir após sua conclusão (p. ex., *gastar, dissipar, corroer*, etc.). Tais eventualidades podem ser representadas por meio de (CAUSE (¬EXISTIR)).

- (151) a. Ele dissipou a fortuna dele em dois anos.
 b. *A fortuna dele dissipou em dois anos.
 c. A fortuna dele se dissipou em dois anos.⁹⁵

Por sua vez, os verbos que denotam uma transição de grau zero, nos termos de Souza, são aqueles que denotam uma transição; porém, não acarretam uma mudança de estado, podendo ser analisados como (CAUSE (¬BECOME)). O autor cita como exemplos desta classe os verbos *conservar, manter e preservar*:

- (152) a. O gelo conservou os fósseis por mais tempo.
 b. ?Os fósseis conservaram por mais tempo.
 c. Os fósseis se conservaram por mais tempo.⁹⁶

⁹⁴ Exemplos de Souza, 1999, pp. 161-162, (48).

⁹⁵ Exemplos de Souza, 1999, p. 162, (49).

⁹⁶ Exemplos de Souza, 1999, p. 162, (50).

De acordo com Souza, tanto os verbos com “argumento resultativo” como os verbos com “transição de grau zero” são bastante marcados dentro de suas classes, por não serem analisáveis por meio de (CAUSE (BECOME)). O clítico *se* seria uma maneira de marcar explicitamente estas diferenças em relação ao *default*.

Em resumo, a ideia principal subjacente ao trabalho de Souza é a de que o clítico *se* é necessário na forma incoativa dos verbos alternantes quando esta precisa ser marcada por alguma razão – seja porque, se não marcada, pode resultar em ambiguidade pela indistinção entre os papéis semânticos de causador e afetado, seja porque o verbo não pertence à classe básica da alternância, qual seja, a classe dos verbos de "mudança de estado".

2.3.2 Discussão

O trabalho de Souza (1999) se destaca em relação às outras análises da alternância causativa no PB especialmente pela distinção feita pelo autor entre as três formas de manifestação da alternância em relação à presença do clítico *se*. Souza propõe que a forma *default* da alternância causativa no PB é a forma TRI, sendo que as formas TR e TI possuiriam algum tipo de especificação que as afastaria do *default* – presumivelmente, ora exigindo a presença do reflexivo, ora impedindo-a. O autor avança na descrição de três classes de verbos que alternam somente com a presença do *se* na forma incoativa (verbos TR): (i) verbos que possuem como *default* um afetado humano, (ii) verbos que denotam “transições inespecificadas” e (iii) verbos que denotam “eventualidades simétricas”. Ainda que por razões diferentes, a presença do clítico nestes verbos se deve, de acordo com a análise de Souza, a uma fonte comum – à necessidade de distinção entre as diáteses do verbo (causativa e incoativa) de forma a evitar a ambiguidade. Por outro lado, o autor não identifica características comuns às classes dos verbos TI que pudessem ser responsáveis por esta manifestação da alternância causativa, o que acaba enfraquecendo um pouco sua análise. Por fim, Souza analisa brevemente o caso de verbos que, segundo ele, se afastariam do *default*, e cujas formas transitivas, por isso, alternariam somente com a presença do clítico *se*. Vimos que este seria o caso de verbos com “argumentos resultativos” e de verbos que denotam “transição de grau zero”.

O trabalho de Souza fornece uma descrição ampla das formas de manifestação da alternância causativa, bem como proporciona uma discussão bastante detalhada acerca das características semânticas dos verbos TR. Apesar disso, acreditamos que a análise do autor

apresenta alguns problemas, especialmente no que diz respeito à estipulação dos verbos TRI como *default* para a realização da alternância causativa no PB. A partir do momento em que se estipula este *default*, é necessário que sejam especificadas de maneira clara as características que fazem com os verbos TR e TI se afastem dele. No que diz respeito aos verbos TR, Souza descreve de maneira satisfatória as especificações adicionais que seriam responsáveis pela obrigatoriedade da presença do clítico *se* na forma incoativa destes verbos, como a presença de um argumento afetado humano como *default*. No entanto, quanto aos verbos TI, Souza não consegue identificar uma generalização que seja capaz de explicar a impossibilidade de ocorrência do clítico na forma incoativa destes verbos, o que enfraquece a postulação da forma TRI como *default*.

Como Souza não propõe generalizações para dar conta do comportamento dos verbos TI, apenas identifica algumas classes, vamos nos dedicar a uma análise mais detalhada das generalizações propostas pelo autor para os verbos TR. A primeira delas refere-se aos verbos que possuem tipicamente um argumento afetado humano. De acordo com Souza, verbos com esta característica participam da alternância causativa somente com o clítico *se* na forma incoativa, sendo que o clítico desempenharia a função de evitar a ambiguidade, identificando o argumento como afetado. Esta hipótese prediz que o clítico *se* será utilizado para evitar a ambiguidade na forma incoativa de verbos que: (i) apresentam tipicamente um argumento afetado humano e (ii) possibilitam seres humanos como causadores – o que caracteriza a possibilidade de ambiguidade. Consideremos o exemplo em (136) abaixo, com o verbo *adoecer*, que não aceita seres humanos como causadores:

- (153) a. A má alimentação adoeceu Paulo.
 b. ??Maria adoeceu Paulo.
 c. Paulo adoeceu.

O verbo *adoecer* seleciona tipicamente seres humanos como afetados; contudo, como podemos observar em (153b), este verbo não aceita seres humanos como causadores. Desse modo, não há possibilidade de haver ambiguidade e, conforme prediz a hipótese de Souza, o clítico *se* não é necessário na forma incoativa, como mostra (153c).⁹⁷

Outro indício de que esta generalização parece estar correta diz respeito ao comportamento de verbos que não possuem normalmente um argumento afetado humano,

⁹⁷ O verbo *bronzear* pode ser considerado como um possível contra-exemplo para este argumento. Este verbo seleciona tipicamente seres humanos como afetados, mas não aceita humanos como causadores (cf. *Carlos bronzeou Maria.). Ainda assim, na forma incoativa, o clítico *se* é necessário (cf. *Maria se bronzeou.*).

mas que, quando este é o caso, alternam somente com o *se* na forma incoativa, como no caso do verbo *queimar*:

(154) a. O incêndio na casa queimou as cartas.

b. As cartas queimaram./*As cartas se queimaram.

(155) a. A chama do fogão queimou Paulo.

b. *Paulo queimou./Paulo se queimou.

Quando o argumento afetado do verbo *queimar* é inanimado (p. ex., *as cartas* em (154)), a interação entre o significado do verbo e a semântica de seus argumentos permite a identificação dos papéis semânticos de causador – *o incêndio* – e de paciente – *as cartas*. Desse modo, o clítico *se* não precisa ser utilizado na forma incoativa para distinguir os papéis temáticos. Por outro lado, quando o argumento afetado é humano (p. ex., *Paulo* em (155)), a interação entre o significado do verbo e a semântica dos argumentos não é suficiente para identificarmos os papéis semânticos, já que tanto *a chama*, no caso do verbo *queimar*, como um ser humano podem ser “causadores típicos”; com isso, o clítico *se* torna essencial na eliminação da ambiguidade na forma incoativa. No capítulo 3, voltaremos a discutir a questão dos argumentos afetados humanos. Nossa hipótese é a de que a presença de afetados humanos deve ser considerada como um fator autônomo, que atua em diversas classes de verbos, modificando seu comportamento em relação à utilização do clítico *se* nas incoativas. Argumentaremos também a favor de uma ampliação desta generalização para argumentos afetados animados, uma vez que o mesmo comportamento acima discutido é observado em sentenças com afetados animados não humanos (cf. *O fogo da lareira queimou o cão./O cão se queimou.*).

A segunda generalização proposta por Souza em relação à necessidade da presença do clítico *se* na forma incoativa refere-se aos verbos que denotam, segundo o autor, uma “transição inespecificada”. Esta generalização também parece ser correta, pois os verbos desta classe denotam, de fato, somente a ocorrência de uma mudança de estado, sem nenhuma especificação sobre esta mudança. Dessa forma, estes verbos são tão inespecíficos que mesmo quando os afetados são inanimados há possibilidade de ambiguidade, o que faz com que o clítico *se* seja necessário na forma incoativa.

Por fim, a terceira generalização proposta por Souza diz respeito aos verbos que denotam, segundo o autor, uma “eventualidade simétrica”. O autor acredita que a presença do *se* na forma incoativa de verbos como *aproximar* se deve à reciprocidade destes predicados.

No entanto, acreditamos que esta generalização tenha sido mal formulada por Souza. Consideremos os seguintes casos:

(156) O avião e o satélite se aproximaram =

O avião se aproximou do satélite & O satélite se aproximou do avião.

(157) a. O professor juntou as turmas.

b. As turmas se juntaram.

(158) a. O jogador misturou as cartas.

b. As cartas se misturaram.

Em (156), temos de fato uma relação recíproca, ou “simétrica”, como prefere Souza, o mesmo ocorrendo nos exemplos em (157) e (158), os quais mostram que os verbos *juntar* e *misturar* participam da alternância causativa somente com a presença do clítico *se* na forma incoativa. Este pode ser considerado um indício de que a “simetria” destes predicados pode estar envolvida na obrigatoriedade do clítico na incoativa, como propõe Souza: na verdade, o uso do clítico aqui seria justificado porque a semântica destes predicados é recíproca, e a reciprocidade é expressa pela forma reflexiva no PB.

Entretanto, alguns dos verbos que, de acordo com Souza, denotam eventualidades “simétricas” permitem uma leitura ativa da forma incoativa, na qual não se pode afirmar que há simetria, como proposto pelo autor. Consideremos os exemplos abaixo:

(159) João se separou de Maria, ainda que esta tivesse pedido para que ficasse.

(160) João se distanciou de seus pais.

Nos contextos em que a sentença em (159) pode ser adequadamente usada, parece estranho dizer que também “Maria se separou de João”. Da mesma forma, não parece adequado afirmar que a sentença em (160) acarreta que “os pais de João se distanciaram dele”. Crucialmente, mesmo nestes casos, a utilização do clítico *se* na forma incoativa continua sendo necessária, apesar de não haver “simetria” – não ao menos no sentido de “reciprocidade” – envolvida no predicado. Consideremos ainda os seguintes casos:

(161) O avião e o morro se aproximaram ≠

O avião se aproximou do morro & O morro se aproximou do avião.

(162) a. A mãe afastou a criança da janela.

b. A criança se afastou da janela.

Os exemplos em (161) e (162) envolvendo os verbos *aproximar* e *afastar* mostram que, apesar de não haver simetria nestes casos (não ao menos no sentido de “ação recíproca”), o clítico *se* continua sendo necessário na forma incoativa. A falta de simetria em (161) se deve à natureza estática do *morro*, que não poderia estar se movimentando em direção ao *avião*. Por sua vez, a sentença em (162a) acarreta que “a criança se afastou da janela”; porém, não acarreta que “a janela se afastou da criança”. Desse modo, acreditamos que a generalização proposta por Souza para explicar o comportamento destes verbos precisa ser reformulada. O que parece ocorrer no caso dos verbos desta classe é que todos denotam uma mudança na relação espacial entre dois extremos em uma trajetória, o que nem sempre resulta em uma relação de reciprocidade, como propõe Souza. No capítulo 3, voltaremos a esta discussão, analisando em maior detalhe os verbos deste tipo encontrados em nosso *corpus*.

Finalmente, acreditamos que há problemas na descrição feita por Souza dos verbos que se afastam do *default* geral da alternância causativa, mais especificamente em relação às classes do verbo *formar* e do verbo *consumir*. O autor afirma que os verbos destas classes denotam eventualidades simétricas; contudo, não explica o porquê desta afirmação. Acreditamos que não há simetria envolvida nos eventos denotados por estes verbos. No caso dos verbos da classe de *formar*, o que parece estar envolvida é uma relação de meronímia – isto é, de parte-todo – entre os participantes. Neste caso, a utilização do clítico *se* na forma incoativa indicaria que o sujeito é o “todo”, e não a “parte”, evitando a ambiguidade entre as diáteses, a exemplo do que ocorre com as “transições inespecificadas”. Por sua vez, a descrição de Souza dos verbos da classe de *consumir* também parece falha, uma vez que estes são, na verdade, verbos que possuem um tema incremental (cf. Dowty, 1979, 1991) – mais especificamente, nestes casos, “decremental” –, o qual é consumido à medida que se desenrola o evento, marcando sua completude. Novamente, não parece haver simetria envolvida nos eventos denotados por estes verbos. No capítulo 3, voltaremos a discutir estas classes, ao categorizarmos os verbos presentes no *corpus*.

2.4 Resumo e conclusões

Neste capítulo, foi realizada uma resenha crítica de três trabalhos que tratam em alguma medida do papel do clítico *se* na alternância causativa: Chierchia (2004), Koontz-Garboden (2009) e Souza (1999).

O trabalho de Chierchia (2004) desenvolve a ideia de que a inacusatividade é um tipo especial de operação de reflexivização. De acordo com o autor, esta operação lexical se aplica a uma relação de dois lugares e a reduz a uma propriedade – ou seja, transforma um verbo transitivo em intransitivo. Entre as evidências apresentadas pelo autor para sustentar sua teoria estão: (i) a valência instável dos inacusativos; (ii) a associação dos inacusativos com a morfologia reflexiva; (iii) as propriedades de controle do adjunto *da sé*; e (iv) as propriedades aspectuais dos inacusativos.

Por sua vez, Koontz-Garboden (2009) segue a proposta de Chierchia e defende uma análise da anticausativização como o resultado de uma operação de reflexivização. O autor afirma que o clítico *se* em espanhol – língua em que o processo de anticausativização é morfologicamente marcado – seria a manifestação sintática do operador REFL, responsável pela derivação das anticausativas. De acordo com as análises de Koontz-Garboden (2009) e Chierchia (2004), o operador CAUSE, presente na representação léxico-semântica das causativas, não é removido no processo de anticausativização, sendo mantido na forma incoativa dos verbos alternantes. Além de reiterar os argumentos utilizados por Chierchia em favor de sua análise, Koontz-Garboden apresenta outros dois argumentos para sustentar a presença de CAUSE na representação das anticausativas: (i) o comportamento do modificador *por sí solo* em relação a passivas e anticausativas; e (ii) o escopo da negação em determinados contextos nos quais se nega a sentença incoativa.

Em nossa resenha crítica destes autores, argumentamos contra a análise de que o processo de anticausativização como um todo é resultado de uma operação de reflexivização. Mais especificamente, com base nos dados do PB, mostramos que o teste com o modificador *da sé* ('por si mesmo') não pode ser considerado uma evidência para a presença do operador CAUSE nas anticausativas, pois pode ser usado mesmo com verbos que não possuem uma contraparte causativa. Além disso, mostramos que o argumento de Koontz-Garboden em relação ao escopo da negação também não se sustenta, pois o efeito utilizado pelo autor como evidência para a presença de CAUSE parece ser, na verdade, resultado de negação metalinguística.

Na segunda parte do capítulo, discutimos o trabalho de Souza (1999) sobre a alternância causativa no PB. Analisamos a parte descritiva do trabalho do autor, que classifica os verbos que participam da alternância no PB em três classes: a classe TI (verbos que formam a variante incoativa somente sem o clítico *se*), a classe TR (verbos que só formam a incoativa com o *se*) e a classe TRI (verbos que aceitam as duas possibilidades). Souza assume

que a forma TRI é a manifestação *default* da alternância causativa no PB, e analisa as restrições semânticas que fazem com que os verbos se afastem deste *default*, de acordo com sua proposta. Apesar de não identificar nenhuma característica específica dos verbos TI que possam explicar este tipo de manifestação da alternância, a análise de Souza é bastante interessante no que diz respeito aos fatores semânticos que determinam a outra forma de desvio do *default*: a classe TR. Sousa destaca que, de um modo geral, os verbos que apresentam este comportamento em relação à alternância causativa no PB são de três tipos: (i) verbos que selecionam tipicamente argumentos afetados humanos; (ii) verbos que denotam “transições inespecificadas”; e (iii) verbos que denotam “eventualidades simétricas”.

Em nossa resenha crítica, observamos que a presença de um argumento afetado humano, assim como o fato de um verbo denotar uma “transição inespecificada”, são fatores semânticos que parecem ser realmente relevantes para a obrigatoriedade de utilização do clítico *se*. Por outro lado, demonstramos que há alguns problemas na análise de Souza. Conforme vimos, a generalização em relação à presença de um argumento afetado humano precisa ser redefinida, pois o mesmo comportamento observado na presença de afetados humanos também ocorre na presença de outros afetados animados não humanos (cf. *O atropelamento feriu o gato./O gato se feriu.*).

Por sua vez, a generalização proposta por Souza em relação às “eventualidades simétricas” (p. ex., *juntar, separar, aproximar*, etc.) precisa ser melhor formulada. Acreditamos que os verbos desta classe denotam, na verdade, uma mudança na relação espacial entre dois extremos em uma trajetória, o que nem sempre resulta em uma relação simétrica, como propõe a análise de Souza. No capítulo 3, discutiremos mais detalhadamente o caso destes verbos.

Em resumo, neste capítulo, descartamos a teoria de que todas as formas incoativas dos verbos alternantes são derivadas por meio de um processo de reflexivização, conforme proposto por Koontz-Garboden (2009), seguindo a análise de Chierchia (2004). Além disso, analisamos a proposta de Souza (1999) para as diferentes formas de manifestação da alternância causativa no PB, e constatamos que as generalizações em relação à presença de um argumento afetado humano, bem como no que diz respeito às eventualidades que denotam transições inespecificadas, são relevantes para a análise da obrigatoriedade de utilização do clítico *se* na alternância. No capítulo 3, em que realizaremos um estudo descritivo da utilização do clítico *se* na alternância causativa no PB, estas generalizações propostas por

Souza serão de grande importância para nossa análise. Procuraremos também propor alternativas para os problemas apontados na proposta de Souza.

3. A ALTERNÂNCIA CAUSATIVA NO PB SEGUNDO AS POSSIBILIDADES EM RELAÇÃO AO CLÍTICO *SE*

3.1 Introdução

Neste capítulo, realizaremos um estudo descritivo do uso do clítico *se* na alternância causativa no PB. Este estudo será feito com base em um *corpus* composto por 132 verbos, de diversas classes semânticas, os quais participam desta alternância em nossa língua. Conforme vimos nos capítulos anteriores, especialmente na análise do trabalho de Souza (1999), ao contrário do que ocorre em línguas como o inglês, há duas possibilidades no PB para a formação da variante incoativa dos verbos alternantes. Alguns verbos formam sua variante incoativa com o clítico *se* (cf. *O barulho assustou João./João *(se) assustou.*), ao passo que outros não aceitam a utilização deste clítico (cf. *O terrorista explodiu a bomba./A bomba (*se) explodiu*). Há ainda verbos que permitem as duas possibilidades, alternando com e sem o clítico *se* (cf. *Paulo quebrou o vaso./O vaso (se) quebrou.*). Diante destes fatos, nossa pesquisa tem como principais objetivos: (i) investigar o papel do clítico *se* na alternância causativa, procurando (ii) identificar as restrições semânticas que determinam o comportamento dos verbos em relação à possibilidade de utilização deste clítico em sua variante incoativa.

Para isso, será feita uma análise cuidadosa dos verbos presentes no *corpus*, a partir de sua classificação de acordo com o comportamento apresentado em relação à utilização do clítico *se*. Além desta classificação inicial, estes verbos serão ainda agrupados em diferentes classes semânticas, as quais serão constituídas por verbos que partilham algum elemento do seu significado. Esta segunda classificação semântica será realizada com o intuito de facilitar a distinção das propriedades semânticas relevantes que determinam a utilização do clítico *se* na alternância causativa. As generalizações propostas por Souza (1999) em relação às mudanças de estado inespecificadas e aos argumentos afetados humanos serão de grande utilidade em nossa análise; no entanto, postularemos também outras hipóteses a respeito do comportamento dos verbos em relação ao clítico *se*.

Antes de passarmos para a análise dos verbos, apresentaremos brevemente os procedimentos metodológicos de nossa pesquisa, especialmente no que diz respeito à constituição do *corpus*.

3.1.1 Metodologia

Nosso interesse em relação ao papel do clítico *se* na alternância causativa nos levou a considerar nesta pesquisa apenas os verbos que participam da alternância no PB. De modo a selecionar os verbos alternantes que fariam parte de nosso *corpus*, utilizamos como base de dados os trabalhos de Levin (1993), Cançado (1995) e Souza (1999).

Apesar de ser um estudo baseado na língua inglesa, utilizamos o trabalho de Levin (1993) como um guia para nos certificarmos de que incluiríamos em nosso *corpus* verbos de diversas classes e, em particular, de classes semânticas relativamente bem definidas e de comportamento gramatical relativamente uniforme em outras línguas. Nossa metodologia em relação ao trabalho de Levin (1993) foi selecionar em cada classe de verbos que participam da alternância causativa, de acordo com a classificação da autora, os verbos equivalentes em português que nos pareciam mais comumente utilizados (p. ex., na classe dos “verbos de mudança de estado”, escolhemos *congelar*, *fechar*, *queimar*, mas não *abater*, *condensar*, etc.), e sobre os quais tínhamos um julgamento mais seguro em relação à possibilidade de alternância. Foram selecionados 78 verbos do PB equivalentes a verbos do inglês de praticamente todas as classes de verbos alternantes propostas por Levin (1993).

No que diz respeito ao trabalho de Cançado (1995), selecionamos verbos psicológicos pertencentes às classes 2, 3 e 4 propostas pela autora, os quais participam da alternância causativa. Ao todo, foram incluídos no *corpus* 20 verbos psicológicos retirados deste trabalho.

Por fim, selecionamos no trabalho de Souza (1999) verbos pertencentes a algumas classes propostas pelo autor, as quais não são discutidas em nenhum dos dois trabalhos acima, como, por exemplo, os verbos considerados por Souza como “verbos simétricos” (p. ex., *juntar*, *separar*, etc.) e os verbos de “transição inespecificada” (p. ex., *modificar*, *transformar*). Foram incluídos no *corpus* um total de 30 verbos retirados do trabalho do autor. Além dos verbos retirados dos trabalhos destes autores, ainda incluímos no *corpus* alguns verbos que surgiram à medida que realizávamos nossa pesquisa, totalizando 132 verbos no *corpus*.

Apesar de utilizarmos estes trabalhos como base para a seleção dos verbos que participariam do *corpus*, após a escolha dos verbos, criamos todas as sentenças que constituíram nosso objeto de pesquisa, testando a possibilidade de os verbos selecionados formarem a variante incoativa com e sem o clítico *se*, com base em nossa intuição como falantes nativos.⁹⁸ No caso de eventuais dúvidas em relação a alguns verbos, recorremos à intuição de informantes, que nos forneceram seus julgamentos em relação à gramaticalidade ou aceitabilidade de determinadas sentenças. Como último recurso, utilizamos o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss, 2002), de modo a obter informações sobre a transitividade e regência dos verbos, bem como *sites* de busca na internet, para checar a quantidade de ocorrências de determinadas sentenças, de forma a confirmar certas intuições.⁹⁹ O *corpus* completo, com todas as sentenças analisadas, encontra-se em anexo nesta dissertação.

Feitas estas considerações sobre os procedimentos metodológicos de nossa pesquisa, partimos agora para a análise dos dados. Este capítulo está organizado da seguinte forma. Na seção 3.2, discutiremos os verbos que participam da alternância causativa sem o clítico *se* na forma incoativa, incluindo aqueles que podem ter este comportamento modificado na presença de um afetado animado no evento, conforme veremos. Na seção 3.3, analisaremos os verbos que formam a variante incoativa somente com o *se*. Por sua vez, na seção 3.4, estudaremos os verbos que possibilitam as duas formas, alternando com ou sem o clítico *se*. Finalmente, na seção 3.5, apresentaremos um resumo de nossa análise, destacando nossas hipóteses em relação ao papel do clítico *se* na alternância causativa no PB.

3.2 Incoativas que ocorrem sem o *se*

Iniciaremos nossa análise do comportamento dos verbos que fazem parte de nosso *corpus* com aqueles que participam da alternância causativa sem a presença do clítico *se* na forma incoativa. A classe mais relevante de verbos com este comportamento que pudemos identificar no *corpus* foi a dos “verbos de modo de movimento”. Todos os verbos encontrados pertencentes a esta classe alternam somente sem o *se* na forma incoativa. Além desta classe,

⁹⁸ Vale ressaltar que nosso estudo não investiga questões que dizem respeito à variação dialetal. As sentenças construídas e analisadas refletem nossos julgamentos como falantes do português falado em Porto Alegre.

⁹⁹ As buscas na internet foram realizadas para corroborar determinadas intuições, mas não tiveram um caráter decisivo na escolha entre uma determinada forma ou outra.

podemos identificar também a classe dos “verbos de emissão”, bem como boa parte dos “verbos de mudança de estado”. Veremos nesta seção que alguns verbos de mudança de estado podem ter o seu comportamento em relação à utilização do clítico *se* modificado na presença de um afetado animado – ou mais especificamente humano, em alguns casos – no evento.

3.2.1 Verbos de modo de movimento

Os verbos de modo de movimento, conforme a classificação de Jackendoff (1990) e Levin (1993), são aqueles que denotam deslocamento, mas cujo conteúdo lexical descreve o modo como o tema (ou seja, o participante em movimento) se desloca (p. ex., *deslizar* ou *rolar*), mais do que a orientação de sua trajetória (em oposição, portanto, a verbos como *entrar*, *sair* ou *cair*, por exemplo). Conforme os exemplos em (163) e (164), os verbos de modo de movimento encontrados em nosso *corpus* participam da alternância causativa somente sem o clítico *se* na forma incoativa:

(163) a. O homem deslizou o trenó até o rio.

b. O trenó deslizou./*O trenó se deslizou.

(164) a. O menino girou a roleta.

b. A roleta girou./*A roleta se girou.

Além dos verbos *deslizar* e *girar*, fazem parte do *corpus* os verbos de modo de movimento *balançar*, *quicar*, *rodar* e *rolar*. Acreditamos que o fato de todos os verbos de modo de movimento encontrados no *corpus* alternarem somente sem o *se* pode ser considerado um forte indício de que este é, de fato, o comportamento dos verbos desta classe no PB.

Nossa hipótese para a impossibilidade da presença do clítico *se* na forma incoativa destes verbos está relacionada à sua estrutura argumental básica. Autores como Jackendoff (1990) analisam estes verbos como basicamente intransitivos, definindo sua representação por meio de uma função com apenas um argumento: são verbos que expressam modos específicos de realização de um tipo particular de eventos expressos pela função MOVE. Levin e Rappaport-Hovav (1995) seguem a mesma linha, classificando os verbos de modo de movimento como causados internamente – ou seja, verbos cujo significado não inclui inerentemente uma causa externa, sendo, portanto, basicamente intransitivos.

Acreditamos que estes verbos não utilizam o clítico *se* na forma incoativa devido a este fato. Um verbo de modo de movimento cujo sentido incluísse necessariamente uma causa externa possuiria uma representação léxico-semântica do tipo [*x* CAUSE [*y* MOVE]]. Neste caso, a derivação da forma incoativa (isto é, a forma em que *y* se torna o sujeito do verbo) deveria “absorver” o argumento *x* (seja por “indeterminação”, como sugere a análise de Levin e Rappaport-Hovav (1995), seja por identificação com o argumento *y*, conforme a análise de Chierchia (2004)), operação que seria sinalizada pelo uso do clítico *se*. Entretanto, como os verbos de modo de movimento são, inerentemente, verbos com a representação básica [*y* MOVE], esta representação já corresponde à forma incoativa. Não há, portanto, nenhum argumento adicional que deva ser “absorvido” para que *y* seja expresso como o sujeito do verbo; portanto, o clítico *se* não é necessário para sinalizar a “absorção” de um argumento causador.

Por outro lado, a análise que sugerimos acima nos obriga a presumir que, no caso dos verbos de modo de movimento, a derivação não se dá a partir da forma transitiva causativa em direção à forma intransitiva incoativa, mas antes o contrário: para explicar a alternância causativa com estes verbos, precisamos postular algum processo que permite adicionar a um verbo com significado básico de [*y* MOVE] um componente de causação, formando o significado [*x* CAUSE [*y* MOVE]]. Isto é, seguindo o que estamos sugerindo, a forma básica do verbo em (163) é a exemplificada em (163b), e a forma derivada é a ilustrada em (163a). Ou, em outros termos, a alternância causativa com estes verbos seria consequência de um processo de causativização, e não de ergativização.

Admitir, juntamente com a existência de “processos de ergativização” (em que se deriva uma forma incoativa a partir de uma causativa), também a existência de “processos de causativização” (em que se deriva uma causativa a partir de uma incoativa) cria um problema conhecido na literatura: precisamos, agora, explicar por que vários verbos intransitivos – tanto inergativos, como *caminhar*, *nadar* e *cantar*, quanto inacusativos, como *chegar*, *surgir* e *ir* – não possuem uma forma causativa correspondente. Observe-se que, embora isso possa não ser um problema para *cantar*, *chegar*, *surgir* ou *ir*, que não são verbos de modo de movimento (portanto, não são eventos do tipo [*y* MOVE]), certamente é para *caminhar* e *nadar*, por exemplo, que nos parecem ser claramente verbos de modo de movimento. Não temos, no momento, solução para este problema, mas nos parece inevitável concluir que é preciso admitir a existência de um processo de causativização para verbos de modo de movimento.

Finalmente, observe-se que Souza não oferece qualquer explicação para o porquê dos verbos de modo de movimento (que ele classifica como “verbos de girar”) serem necessariamente do tipo TI, nem discute a possibilidade de uso de *se* com estes verbos em função do problema da ambiguidade – já que tanto causador quanto afetado podem ser humanos (cf. *João girou/rodou/balançou Maria*). Em relação a este último problema, temos uma explicação: como a forma básica do verbo é intransitiva, não há possibilidade de ambiguidade em relação ao papel temático de seu argumento, o qual será sempre identificado como tema (isto é, o argumento que se movimenta). Assim, não seria necessária a utilização do clítico *se* para evitar a ambiguidade, o que explicaria o comportamento destes verbos em relação ao uso deste clítico. Isto explica, de fato, por que o clítico *se* é incompatível com uma leitura incoativa destes verbos, mesmo quando o afetado é animado (cf. *João rodou Maria até ficar tonta./Maria (*se) rodou até ficar tonta.*). Explica também o fato de que o clítico *se*, quando possível com estes verbos, leva a uma leitura necessariamente reflexiva (cf. *João *(se) balançou para sacudir a poeira*, em oposição a *João (*se) balançou com aquela rajada de vento.*).

3.2.2 Verbos de emissão

Os verbos de emissão, de acordo com Levin (1993), são aqueles que denotam a emissão de um estímulo ou de uma substância específica, particular a alguma entidade. Conforme a classificação realizada pela autora para o inglês, apenas alguns verbos de emissão de som, de luz e de substância participam da alternância causativa. No PB, também parecem ser poucos os verbos de emissão que participam da alternância (não encontramos nenhum exemplo de verbos de emissão de luz que alterne, por exemplo). Todos os verbos de emissão que fazem parte de nosso *corpus* alternam somente sem o clítico *se* na forma incoativa:

(165) a. Paulo estalou os dedos.

b. Os dedos estalaram./*Os dedos se estalaram.

(166) a. O menino esguichou a água com a pistola de brinquedo.

b. A água esguichou./*A água se esguichou.

Outros exemplos de verbos de emissão encontrados no *corpus* foram *soar* e *sangrar*. Da mesma forma que os verbos de modo de movimento, acreditamos que estes verbos também sejam basicamente intransitivos, seguindo a análise de Levin e Rappaport-Hovav (1995). Levin (1993) atenta para o fato de grande parte destes verbos limitam bastante os

tipos de sujeitos que aceitam, justamente por denotarem emissões resultantes de propriedades específicas da entidade emissora. Isso também sugere que não há possibilidade de ambiguidade nos poucos verbos desta classe que participam da alternância causativa; portanto, mesmo com estes, não é necessária a utilização do clítico *se*.

Assim, admitindo-se a análise que aqui propomos, há pelo menos duas possíveis razões pelas quais estes verbos não apresentam a forma incoativa com *se*: (i) porque sua forma básica é intransitiva; portanto, quando aparecem na forma causativa, isto se dá por meio de um processo de causativização, como no caso dos verbos de modo de movimento – e não por meio de ergativização, operação que é marcada pelo clítico *se*; e (ii) ainda que tivessem uma forma básica causativa, têm um sentido tão específico que não há possibilidade de ambiguidade entre causador e afetado (como (165) e (166) mostram). Acreditamos que a primeira alternativa de análise esteja correta; contudo, neste momento de nossa pesquisa, não podemos descartar categoricamente nenhuma das alternativas, especialmente pela falta de testes mais precisos para a determinação da diátese básica destes verbos.

3.2.3 Verbos de mudança de estado

O restante dos verbos encontrados no *corpus* que participam da alternância causativa somente sem o *se* na forma incoativa são classificados, de um modo geral, como “verbos de mudança de estado” – isto é, verbos cujo conteúdo lexical refere-se ao modo como o argumento afetado é atingido pelo evento. São verbos cuja representação léxico-semântica pode ser considerada como $[[x \text{ (ACT)}] \text{ CAUSE } [y \text{ BECOME } \textit{STATE}]]$, para utilizar a análise proposta por Caçado (2010), baseada em Levin e Rapaport-Hovav (1995). Entre estes verbos, identificamos algumas subclasses relevantes, as quais discutiremos abaixo.

3.2.3.1 Verbos de mudança de estado por meio de calor

Esta subclasse inclui os verbos classificados por Souza (1999) como “verbos de *cozinhar*”. Decidimos nomeá-la de maneira diferente, ampliando o escopo da classe, porque acreditamos que verbos como *aquecer* e *queimar* podem ser incluídos nela. Os verbos desta classe tendem a alternar somente sem o clítico *se* na forma incoativa, como mostram os exemplos (167) e (168):

- (167) a. O incêndio na casa queimou os móveis.
 b. Os móveis queimaram./* Os móveis se queimaram.
- (168) a. O cozinheiro assou a carne.
 b. A carne assou./*A carne se assou.

Os outros verbos de mudança de estado por meio de calor encontrados no *corpus* são *aquecer*, *cozinhar*, *refogar* e *torrar*. É de se notar que, dos verbos acima agrupados, apenas *aquecer* e *queimar* admitem, em seu uso normal, um afetado animado como objeto direto, em cujo caso expressam a forma incoativa por meio da forma reflexiva, ou seja, com a presença do clítico *se* (cf. *A lareira aqueceu João./João *(se) aqueceu*). A nosso ver, entretanto, isso não requer que os incluamos em uma classe diferente: muito possivelmente verbos como *cozinhar*, *refogar* e *torrar* não apresentam formas incoativas com o reflexivo porque não podem ter afetados animados – uma limitação de ordem pragmática, já que normalmente humanos não são cozinhados, refogados ou torrados.

Já os verbos *aquecer* e *queimar*, admitindo um afetado animado, seguem o comportamento de vários outros verbos, de diferentes classes, que têm seu comportamento alterado, passando a exigir a presença do clítico com este tipo de afetado. De fato, isso acontece inclusive com extensões de sentido de outros verbos da classe de *aquecer* e *queimar*. Por exemplo, em seu uso literal, *assar* não é normalmente utilizado com afetados humanos; porém, no sentido de “fazer assaduras” sim e, neste sentido, a forma incoativa exige o clítico (cf. *As fraldas úmidas assaram o bebê./O bebê *(se) assou todo.*).

A possibilidade de utilização do clítico *se* nas formas incoativas de verbos desta classe sugere que se trata, aqui, de um caso de ergativização – em que o clítico sinaliza ou indeterminação do argumento causador, ou identificação entre causador e afetado, no caso de uma análise em termos de reflexivização. Isto é, com verbos desta classe, a representação léxico-semântica básica é a transitiva em (169) abaixo, e a incoativa é derivada desta seja pela indeterminação do causador em (170a), seja pela identificação dos dois argumentos da forma básica em (170b), ambas expressas pelo uso de *se*:

(169) [[x (ACT)] CAUSE [y BECOME STATE]]

(170) a. $\exists x$ [[x (ACT)] CAUSE [y BECOME STATE]]

b. [y CAUSE [y BECOME STATE]]¹⁰⁰

Nesta análise, a ausência de *se* em formas incoativas como *A casa queimou* não pode ser explicada do mesmo modo que no caso dos verbos de modo de movimento – isto é, pelo fato de corresponderem a um predicado de um argumento, não sendo necessário, portanto, o uso do *se* para sinalizar a absorção do argumento causador. Nossa hipótese em relação ao comportamento dos verbos desta classe é a de que, ainda que sejam derivados por meio de ergativização – isto é, pela “absorção” do argumento causador – o clítico *se* pode não ser necessário. O que parece ocorrer é que estes verbos especificam suficientemente as eventualidades a ponto de permitir que os causadores e os afetados prototípicos possam ser distinguidos claramente: por exemplo, em uma sentença como *A casa incendiou*, a participação prototípica de casas em eventos de incendiar é tal que não pode haver dúvida acerca de seu papel semântico deste argumento – é necessariamente um afetado.

Portanto, especialmente na presença de um afetado inanimado, há pouca chance de ambiguidade, e o uso do clítico *se* na incoativa é desnecessário – ainda que a estrutura conceitual da forma incoativa possa ser uma das representações em (170). Já no caso de um afetado animado, a situação pode ser diferente: um verbo como *queimar* admite tanto causador quanto afetado animados (cf. *João queimou Maria com um fósforo*), o que significa que isso pode exigir a presença do *se* na expressão da forma incoativa como forma de evitar ambiguidade de papéis.

Se a sugestão de análise que acima oferecemos está correta, é importante tirar dela uma conclusão: a de que a ausência do clítico *se* pode não ser um guia confiável para se postular que estamos diante de verbos que, na sua representação básica, são predicados monoargumentais (a explicação se aplica a verbos de modo de movimento, mas não aos de mudança de estado por meio do calor); por outro lado, a presença do clítico *se* – quando resulta em interpretação incoativa, e não passiva ou realmente reflexiva – provavelmente é um diagnóstico para um verbo cuja representação básica é causativa, representação que é conservada na forma derivada.

¹⁰⁰ No caso de uma análise em termos de reflexivização, como proposta por Chierchia (2004), alguma propriedade ou estado em que se encontra o afetado é responsável pela causação do evento. Dessa forma, o subevento causador não pode ser representado pela função ACT, uma vez que, se este fosse o caso, somente uma interpretação realmente reflexiva (isto é, em que o causador seria um agente voluntário) seria possível. Estamos admitindo aqui que uma análise como a de Chierchia (2004) seja possível, por exemplo, em casos como *A porta (se) abriu por si mesma*, em que, de fato, o evento parece ter sido causado por alguma propriedade ou estado em que se encontra o argumento afetado.

3.2.3.2 Verbos de mudança de proporção e verbos de detonação

Os verbos de mudança de proporção denotam um aumento ou uma diminuição na proporção do participante afetado. Os verbos deste tipo encontrados no *corpus* alternam somente sem o clítico *se*, como mostra o exemplo do verbo *diminuir*, em (171):

- (171) a. O governo diminuiu os impostos.
 b. Os impostos diminuiriam./*Os impostos se diminuiriam.

Encontramos ainda no *corpus* os verbos *aumentar*, *dobrar* (no sentido de “duplicar”) e *encolher*, os quais apresentam as mesmas características. Estes verbos não aceitam afetados humanos – ou animados, de modo geral – em seu sentido usual; portanto, seu comportamento em relação ao clítico *se* não se altera, ao contrário do que ocorre com alguns verbos de mudança de estado por meio de calor, conforme vimos anteriormente.¹⁰¹

Decidimos, ainda, criar a subclasse dos “verbos de detonação” para agrupar os verbos *detonar* e *explodir*, que apresentam o mesmo comportamento em relação ao clítico *se*, não possibilitando sua utilização na forma incoativa:

- (172) a. Os terroristas detonaram a bomba.
 b. A bomba detonou./*A bomba se detonou.

A exemplo dos verbos de mudança de proporção, estes verbos normalmente não aparecem com afetados animados, possivelmente por questões pragmáticas. Assim como no caso dos verbos de emissão, o comportamento dos verbos de mudança de proporção e dos verbos de detonação indica que há pelo menos duas possibilidades de análise para a não utilização do clítico *se* nas formas incoativas destes verbos: (i) tratam-se de verbos basicamente intransitivos, os quais formam sua variante incoativa por meio de um processo de causativização, a exemplo dos verbos de modo de movimento; ou (ii) são verbos cuja forma básica é causativa; porém, possuem um sentido tão específico que não há possibilidade de ambiguidade entre causador e afetado na forma incoativa, especialmente por não aceitarem afetados animados. No presente momento de nossa pesquisa, não podemos descartar definitivamente nenhuma destas duas possibilidades de análise, novamente pela falta de testes precisos para a identificação da diátese básica destes verbos.

¹⁰¹ No caso do verbo *encolher*, quando um afetado humano está envolvido no evento, a forma intransitiva tem uma interpretação reflexiva (cf. *João se encolheu embaixo da mesa.*).

3.2.3.4 Verbos de mudança de estado relacionados a adjetivo

Por fim, temos a subclasse dos verbos de mudança de estado relacionados a adjetivos. Estes verbos de mudança de estado são derivados morfológicamente dos adjetivos que denotam o estado resultante do evento, por meio de processos morfológicos de sufixação (p. ex., *limpar*, *secar*, etc.) ou parassíntese (p. ex., *envelhecer*, *endurecer*, etc.). Como podemos notar em (173) e (174), os verbos desta subclasse tendem a alternar sem o clítico *se* na forma incoativa.

(173) a. O tempo envelheceu o quadro.

b. O quadro envelheceu./*O quadro se envelheceu.

(174) a. O aumento do salário melhorou a vida da população.

b. A vida da população melhorou./*A vida da população se melhorou.

Além destes verbos, foram encontrados no *corpus* os verbos *endurecer*, *esfriar*, *limpar*, *secar* e *sujar*, os quais também podem ser incluídos nesta subclasse. Entretanto, alguns destes, na presença de um afetado animado, modificam o seu comportamento e alternam somente com o clítico *se* na forma incoativa, como é o caso dos verbos *secar* e *sujar*:

(175) a. O sol forte secou o banhista.

b. O banhista se secou (com o sol forte).

(176) a. A tinta fresca na parede sujou a criança.

b. A criança se sujou.

Isto não ocorre com os outros verbos desta classe, como *esfriar*, *limpar*, *melhorar*, *envelhecer* e *endurecer*. Conforme comentamos anteriormente, ao observarmos o comportamento de alguns verbos de mudança de estado por meio de calor, a presença de um afetado humano – ou, neste caso, simplesmente animado (cf. *O cachorro se sujou com a lama do jardim.*) – modifica a tendência do verbo em relação à utilização do clítico *se*, tornando-o obrigatório na forma incoativa. Como afirmamos anteriormente, optamos por tratar a presença de um afetado animado como um fator autônomo, que modifica o comportamento de verbos de diversas classes, em vez de classificar os verbos que apresentam um comportamento diferente na presença de um afetado animado como membros de uma mesma classe.

Acreditamos que os verbos de mudança de estado relacionados a adjetivo, na presença de afetados inanimados, alternam somente sem o clítico *se* na forma incoativa por um motivo similar ao que foi sugerido para os verbos de mudança de estado por meio de calor, na

subseção 3.2.3.1. São todos verbos que denotam um tipo de mudança de estado específica, determinada pelo adjetivo ao qual estão morfologicamente relacionados, e esta característica limita suas restrições seletivas. Contudo, no caso dos verbos relacionados a adjetivos, a restrição se dá sobre a forma transitiva apenas: *envelhecer*, *esfriar* e *endurecer* normalmente não admitem seres animados como afetados na diátese transitiva (cf. ??*João envelheceu/endureceu/esfriou Maria*). Este fato parece estar relacionado com a ausência do reflexivo na forma incoativa; é, ao menos, o que sugere o fato de os verbos da classe que aceitam o reflexivo serem também os que admitem um afetado humano na diátese transitiva (cf. *Maria secou o nenê*, ou ainda *O garçom sujou o cliente*). A generalização, para estes verbos, parece ser a de que o clítico *se* é utilizado na forma incoativa somente no caso de o verbo admitir, na forma causativa, tanto causador como afetado animados; se, na causativa, o verbo admite seres animados apenas como causadores, então o clítico não é necessário. Parece-nos que se trata de uma configuração diferente das situações que podem ou não levar à ambiguidade na atribuição dos papéis semânticos.

3.2.4 Conclusões

Nesta seção, analisamos os verbos encontrados no *corpus* que participam da alternância causativa sem o clítico *se*, incluindo aqueles que têm seu comportamento modificado na presença de um afetado animado – ou especificamente humano, em alguns casos. De um modo geral, foi possível identificar três classes de verbos que tendem a formar a incoativa sem o clítico: os de modo de movimento, os de emissão e os de mudança de estado. Em nossa discussão, procuramos postular algumas hipóteses para explicar o comportamento destas classes.

Após a análise realizada nesta primeira seção, já nos parece seguro afirmar que a principal função do clítico *se* na alternância causativa no PB parece ser mesmo a de evitar a ambiguidade entre as diáteses dos verbos causativos. Duas características verbais parecem eliminar a possibilidade de ambiguidade e, dessa forma, também a necessidade de utilização do clítico.

A primeira delas diz respeito à estrutura argumental básica dos verbos: se a diátese básica do verbo é intransitiva, o participante na forma incoativa é sempre interpretado como afetado no evento. Isso se deve ao fato de que somente na forma causativa o papel de

causador existe: a forma causativa é derivada por meio de um processo de causativização, que insere um elemento de causa em um verbo que não dispõe, basicamente, deste elemento.

A segunda característica que elimina a ambiguidade verbal diz respeito às restrições seletivas dos verbos. No caso de verbos basicamente transitivos – cuja forma incoativa é, portanto, derivada da causativa por um processo de ergativização –, a utilização do clítico *se* não é necessária em verbos cujo sentido é suficientemente específico, a ponto de podermos identificar os causadores e afetados prototípicos do evento em questão na versão causativa – que é a representação básica destes verbos. É isso que reduz a possibilidade de ambiguidade entre as diáteses. Note-se, aqui, a importância da classe dos verbos derivados de adjetivos que recorrem ao *se* para formar a incoativa (*secar, limpar*): são estes verbos que sugerem que a possibilidade de ambiguidade deve ser computada a partir da forma transitiva – isto é, há possibilidade de ambiguidade quando a forma transitiva permite que um mesmo tipo de argumento (animado/inanimado, humano/não-humano) seja simultaneamente causador e afetado.

Em nossa análise, trabalhamos a hipótese de que os verbos de modo de movimento – e, possivelmente, também os verbos de emissão – não alternam com o clítico *se* na forma incoativa devido à primeira característica destacada acima; ou seja, são verbos basicamente intransitivos. Já no caso dos verbos de mudança de proporção e dos verbos de detonação, nossa análise preliminar não foi conclusiva o bastante para que pudéssemos definir qual das duas características apresentadas acima é responsável pela não utilização do clítico *se*.

Sugerimos ainda que os verbos de mudança de estado por meio de calor e os verbos de mudança de estado relacionados a adjetivos alternam sem a presença do clítico não porque sejam basicamente intransitivos, mas sim porque seu sentido é específico quanto ao resultado da mudança de estado, possibilitando de um modo geral a identificação do papel semântico do argumento na forma transitiva e permitindo seu mapeamento transparente para a forma incoativa.

Neste sentido, foi possível observar que, com certos verbos, a presença de um afetado animado – ou especificamente humano, em alguns casos – pode introduzir a possibilidade de ambiguidade entre as diáteses, tornando obrigatória a utilização do clítico *se* (cf. *A casa queimou*, em contraste com *Paulo se queimou*). A presença do clítico indica que o argumento na forma incoativa do verbo é afetado no evento, pois o *se* marca morfologicamente a “absorção” do argumento causador durante o processo de ergativização, seja pela sua

indeterminação (interpretada como quantificação existencial), seja pela sua identificação com o próprio argumento afetado. Esta marcação morfológica da forma incoativa elimina a possibilidade de ambiguidade entre as diáteses do verbo.

É preciso destacar que a necessidade de utilização do clítico *se* na presença de afetados humanos já havia sido apontada por Souza (1999) em seu trabalho. O que fizemos foi investigar de modo mais sistemático a atuação deste fator, dentro do conjunto de fatores que parecem estar atuando na alternância causativa. Procuramos mostrar que o fato de o verbo permitir ou não afetados humanos – ou, de modo geral, animados – é um fator autônomo, que atua em diferentes classes verbais, introduzindo a possibilidade de ambiguidade entre as diáteses de verbos particulares nestas classes.

Nossa análise nesta seção já nos permite fazer certas previsões. Primeiramente, podemos prever que verbos que selecionam tipicamente afetados animados alternam somente com o clítico *se*, de acordo com a hipótese da ambiguidade de Souza (1999), a qual estamos explorando. Já os verbos que não especificam suficientemente em seu significado o estado resultante do evento, e que, desse modo, impõem poucas restrições seletivas aos seus argumentos, apresentam grande possibilidade de ambiguidade entre as diáteses, o que pode resultar na obrigatoriedade do clítico *se* na forma incoativa. Na seção seguinte, trataremos dos verbos encontrados no *corpus* que alternam somente com a utilização do clítico *se* na forma incoativa, levando em conta estas hipóteses em nossa análise.

3.3 Incoativas que ocorrem somente com o *se*

Os verbos que participam da alternância causativa somente com o clítico *se* na forma incoativa são os mais numerosos em nosso *corpus*. Com base nos trabalhos de Levin (1993) e Souza (1999), pudemos identificar diversas classes de verbos com este comportamento. Nesta seção, analisaremos cada uma destas classes, destacando algumas hipóteses sobre os motivos pelos quais estes verbos necessitam da presença do clítico *se* na variante incoativa.

3.3.1 Verbos de mudança de estado psicológico

Os verbos de mudança de estado psicológico encontrados no *corpus* participam da alternância causativa somente com o clítico *se* na forma incoativa (com a exceção dos verbos

psicológicos com o prefixo *en-*, conforme veremos na seção 3.4). Os exemplos abaixo ilustram este comportamento:

- (177) a. A peça comoveu o público.
 b. *O público comoveu./O público se comoveu.
- (178) a. A derrota desiludiu o treinador.
 b. *O treinador desiludiu./O treinador se desiludiu.

Os verbos psicológicos que participam da alternância causativa pertencem, basicamente, às classes 2, 3 e 4 propostas por Cançado (1995). Além dos exemplos acima, os outros verbos psicológicos alternantes encontrados no *corpus* foram *abalar*, *aborrecer*, *acalmar*, *alegrar*, *animar*, *apavorar*, *chatear*, *confundir*, *convencer*, *decepcionar*, *deprimir*, *dissuadir*, *entusiasmar*, *importunar*, *intimidar*, *magoar*, *motivar*, *pacificar*, *persuadir*, *preocupar*, *reconfortar*, *tranquilizar*, *traumatizar* e *seduzir*.

Nossa hipótese em relação à necessidade de utilização do clítico *se* com estes verbos diz respeito ao tipo de afetado que selecionam, conforme sugerimos na seção anterior. Além de poderem ter animados/humanos como causadores, os verbos de mudança de estado psicológico selecionam prototipicamente afetados humanos, ou ao menos afetados animados (cf. *O cão se assustou com o barulho*), mas nunca inanimados – por razões óbvias. Diferentemente do caso de alguns verbos analisados na seção anterior – os quais mudavam seu comportamento na presença de um afetado humano –, no que diz respeito aos verbos psicológicos, o argumento afetado será sempre animado/humano, o que faz com que a presença do clítico *se* na forma incoativa seja necessária para evitar a ambiguidade entre causador e afetado nas diáteses do verbo: portanto, na diátese não marcada (causativa), o sujeito é necessariamente causador, e na marcada (incoativa), necessariamente afetado.

3.3.2 Verbos de mudança inespecificada e verbos de manutenção de estado

Optamos por chamar de verbos de mudança inespecificada os verbos que, de acordo com Souza (1999), denotam uma transição sem nenhuma especificação em relação ao modo como ela ocorre. Acreditamos que, além de não denotar o modo como ocorre a mudança de estado – o que é natural, pois não são verbos de maneira (cf. Levin e Rappaport-Hovav, no prelo) –, estes verbos especificam muito pouco o estado resultante do evento, apresentando poucas restrições seletivas para seus argumentos. Na verdade, parecem indicar simplesmente que uma mudança de estado ocorreu. Os verbos deste tipo encontrados no

corpus foram *alterar*, *modificar* e *transformar*: Como podemos observar em (179), estes verbos alternam somente com o clítico *se* na variante incoativa:

- (179) a. O computador alterou os dados.
 b. *Os dados alteraram./Os dados se alteraram.

Por sua vez, os verbos de manutenção de estado denotam justamente a não ocorrência de uma mudança de estado. Souza (1999) chama os verbos desta classe de “verbos de transição de grau zero”, pois segundo ele verbos deste tipo denotam uma transição, sem acarretar uma mudança de estado. Decidimos mudar o nome da classe por acreditarmos que não há uma transição envolvida: o sentido do verbo denota simplesmente que não há mudança de estado em um determinado período de tempo. Em nosso *corpus*, encontramos os verbos *conservar*, *manter* e *preservar*, que possuem estas características. O exemplo em (180) mostra a necessidade do clítico *se* na forma incoativa destes verbos:

- (180) a. A comunidade manteve os antigos costumes.
 b. *Os antigos costumes mantiveram./Os antigos costumes se mantiveram.

Nossa decisão de apresentar estas duas classes de verbos de forma conjunta decorre do fato de que todos parecem compartilhar uma mesma característica: seu sentido especifica muito pouco sobre o estado resultante do evento. Isto faz com que não possam ser identificados – e, portanto, distinguidos – os causadores e afetados prototípicos envolvidos nos eventos denotados por estes verbos. Desse modo, torna-se necessária a utilização do clítico *se* em sua variante incoativa, para evitar a ambiguidade entre as diáteses dos verbos, conforme havíamos previsto na seção anterior.

3.3.3 Verbos de composição e verbos de decomposição

Os verbos de composição denotam uma relação de parte-todo entre duas entidades, a qual indica que algo passou a existir após a ocorrência do evento. Em seu trabalho, Souza (1999) inclui estes verbos na classe do verbo *formar*. Os verbos deste tipo encontrados no *corpus* foram *constituir*, *compor* e *formar*:

- (181) a. As nuvens carregadas formaram uma tempestade.
 b. *Uma tempestade formou./Uma tempestade se formou.

Por sua vez, os verbos de decomposição são aqueles que denotam a desagregação do afetado em suas partes constitutivas após a ocorrência do evento. Como mostra o exemplo em (182), os verbos encontrados pertencentes a esta subclasse alternam somente com o clítico *se*:

- (182) a. A alta temperatura decompôs o alimento.
 b. *O alimento decompôs./O alimento se decompôs.

Os outros verbos de decomposição encontrados no *corpus* foram *dissipar*, *dividir* e *partir* (no sentido de “dividir em partes”). Conforme havíamos comentado no capítulo anterior, ao discutirmos a proposta de Souza (1999) para os verbos classificados por ele na classe de *formar*, acreditamos que os verbos de composição e decomposição denotam simplesmente uma mudança na relação entre parte-todo representada pelas entidades participantes do evento. No caso dos verbos de composição, as partes passam a compor um todo após o evento, ao passo que nos verbos de decomposição, o todo se desfaz em suas partes. Afora o estabelecimento do começo ou do fim da relação de meronímia entre os participantes, o sentido do verbo especifica muito pouco em relação ao estado resultante do evento. Nossa hipótese é a de que a necessidade de utilização do clítico *se* na forma incoativa destes verbos se deve a este fato: dadas as poucas restrições seletivas destes verbos, o uso do clítico é necessário para indicar que o argumento na forma incoativa é o “todo” na relação de meronímia, e não a “parte”, o que evita a ambiguidade entre as diáteses.

3.3.4 Verbos de “machucar” e verbos de “alojar”

Classificamos como verbos de “machucar” aqueles que denotam algum tipo de lesão física no participante afetado. Os verbos desta classe encontrados no *corpus* alternam somente com o clítico *se*, como ilustra o verbo *machucar*, em (183):

- (183) a. A queda da árvore machucou João.
 b. *João machucou./João se machucou.

Além de *machucar*, encontram-se no *corpus* os verbos *arranhar*, *cortar* (no sentido de “ferir com um objeto cortante”) e *ferir*, os quais apresentam o mesmo comportamento.

Já os verbos de “alojar” são aqueles relacionados ao fornecimento de abrigo, proteção ou hospedagem ao participante afetado no evento. Os verbos encontrados no *corpus* com estas características semânticas são *abrigar*, *alojar* e *proteger*. Estes verbos também alternam somente com o clítico *se*, como ilustra (184):

(184) a. O exército abrigou os sobreviventes.

b. *Os sobreviventes abrigaram./Os sobreviventes se abrigaram.

Decidimos tratar estas duas classes de verbos de forma conjunta porque acreditamos que estes verbos necessitam do clítico *se* na variante incoativa pelo mesmo motivo: são verbos que tipicamente selecionam afetados animados. Os verbos de “machucar” não aceitam afetados inanimados, a não ser que sejam utilizados em sentido metafórico – e neste caso a alternância causativa não é possível (cf. *A queda machucou a fruta./*A fruta (se) machucou.*). Por sua vez, verbos como *alojar*, se utilizados com um afetado inanimado, assumem o sentido de “armazenar”, também não possibilitando a alternância (cf. *Paulo alojou os mantimentos no armário./*Os mantimentos (se) alojaram.*). Com isso, assumimos que o clítico *se* é necessário na forma incoativa destes verbos para evitar a ambiguidade entre as diáteses, uma vez que os afetados prototípicos dos eventos denotados por estes verbos são seres animados – e, no caso dos verbos de “alojar”, mais comumente humanos –, a exemplo dos verbos de mudança de estado psicológico.

3.3.5 Verbos de mudança na relação espacial

Optamos por chamar de verbos de mudança na relação espacial os verbos classificados por Souza (1999) como simétricos. Conforme destacamos na seção 2.3.2, a noção de simetria – ou reciprocidade – não está necessariamente presente nas eventualidades denotadas por estes verbos, o que nos levou a reformular a generalização proposta por Souza para explicar o comportamento destes verbos em relação à utilização do clítico *se*. Como ilustram os exemplos abaixo, os verbos deste tipo encontrados no *corpus* alternam somente com o *se* na variante incoativa:

(185) a. O professor juntou as turmas.

b. *As turmas juntaram./As turmas se juntaram.

(186) a. As brigas e o ciúme separaram o casal.

b. *O casal separou./O casal se separou.

(187) a. A polícia afastou a multidão da entrada do estádio.

b. *A multidão afastou./A multidão se afastou.

Os verbos *juntar*, *separar* e *afastar* são exemplos dos três tipos de mudança na relação espacial que podem ser expressos por verbos desta classe. O primeiro tipo de mudança na relação espacial envolve uma aproximação entre os dois extremos de uma trajetória, a qual

acarreta que estas duas entidades estão em contato após a realização do evento – os verbos deste tipo encontrados no *corpus* são: *conectar*, *juntar*, *unir* e *misturar*. O segundo tipo de mudança envolve o afastamento entre os dois extremos da trajetória, o qual acarreta, neste caso, que as entidades deixam de estar em contato ao final do evento – encontram-se no *corpus* os verbos *despregar* e *separar*, que apresentam estas características. Por fim, o terceiro tipo envolve uma alteração na distância entre os dois extremos da trajetória, podendo ser tanto uma aproximação como um afastamento; porém, esta alteração não acarreta contato entre as entidades – os verbos deste tipo encontrados no *corpus* são: *afastar*, *aproximar* e *distanciar*.

Nossa hipótese para explicar a necessidade de utilização do clítico *se* nas sentenças incoativas com estes verbos está relacionada com a noção de reciprocidade, mas não como proposta por Souza (1999). Conforme mostramos em nossa discussão do trabalho de Souza, no capítulo 2, nem sempre se pode definir os eventos denotados por verbos como *aproximar*, *juntar* ou *separar* em termos de ações recíprocas (isto é, expressas pelo bicondicional $R_{xy} \leftrightarrow R_{yx}$), como proposto pelo autor. Acreditamos que, de fato, estes verbos alternam somente com o clítico *se* na forma incoativa por haver reciprocidade envolvida no evento, mas no sentido de que a mudança espacial denotada pelo verbo afeta ambas as entidades que representam os extremos da trajetória – isto é, as entidades afetadas no evento. Mais especificamente, em uma sentença como (187) acima, os argumentos *a multidão* e *a entrada do estádio* representam, cada um, um extremo da trajetória envolvida no evento, e a mudança na relação espacial entre estas duas entidades afeta a ambas, uma vez que a distância entre os dois extremos, que era *X* antes do evento, passa a ser *Y*. É nesse sentido que acreditamos que haja reciprocidade envolvida nestes eventos: ambas as entidades que representam as extremidades da trajetória são afetadas no evento. Assim, o clítico *se* é utilizado nas incoativas com estes verbos porque relações que envolvem reciprocidade no PB são expressas por formas reflexivas, mesmo que a reciprocidade aqui não seja no sentido de “ações recíprocas”, mas sim no sentido de que as entidades afetadas são ambas atingidas pela mudança nas relações espaciais.

3.3.6 Verbos de mudança de estado

Finalmente, o restante dos verbos encontrados no *corpus* que formam sua variante incoativa somente com o clítico *se* podem ser classificados, de modo geral, como verbos de

mudança de estado – ou seja, assim como os verbos analisados na subseção 3.2.3, podem ser representados por [[x (ACT)] CAUSE [y BECOME STATE]]. Não foi possível em nossa análise deste conjunto de verbos identificar subclasses relevantes de verbos que partilhassem algum elemento de seu significado. Em (188) e (189) abaixo temos os exemplos de *curar* e *fortalecer*, que ilustram a necessidade de utilização do *se* com estes verbos:

(188) a. O médico curou o paciente.

b. *O paciente curou./O paciente se curou.

(189) a. O atleta fortaleceu os músculos.

b. *Os músculos fortaleceram./Os músculos se fortaleceram.

Os outros verbos de mudança de estado encontrados com este comportamento foram: *acelerar*, *afogar*, *asfixiar*, *atenuar*, *carbonizar*, *comprimir*, *consumir*, *democratizar*, *esparramar*, *espatifar*, *estraqalhar*, *iluminar*, *intensificar*, *mover*, *multiplicar*, *neutralizar* e *purificar*. A necessidade de utilização do clítico *se* na forma incoativa dos verbos *afogar*, *asfixiar* e *curar* parece estar relacionada ao fato de estes verbos selecionarem somente afetados animados, o que caracterizaria a ambiguidade entre as diáteses, a qual é evitada pela presença do clítico. No que diz respeito ao comportamento do restante dos verbos desta classe, não foi possível identificar em nosso estudo nenhuma característica específica que pudesse justificar a necessidade de utilização do clítico *se*. Voltaremos a esta discussão na seção 3.5, na qual postularemos uma hipótese, com base no trabalho de Souza (1999), em que sugeriremos que houve uma mudança na regra que define a utilização do clítico *se* na alternância causativa no PB.

3.3.7 Conclusões

Nossa análise dos verbos encontrados no *corpus* que participam da alternância causativa somente com o clítico *se* na forma incoativa foi realizada a partir da classificação destes verbos em diversas classes semânticas. Apresentam esta característica os verbos de mudança de estado psicológico, de mudança inespecificada, de manutenção de estado, de composição, de decomposição, de mudança na relação espacial, de mudança de estado, bem como os verbos de “machucar” e os verbos de “alojar”. Com base nesta classificação, foi possível postular algumas hipóteses sobre o comportamento destes verbos em relação à utilização do clítico *se*, as quais retomaremos abaixo.

Os verbos de mudança de estado psicológico, assim como os verbos de “machucar” e os verbos de “alojar”, selecionam argumentos afetados animados. Nossa hipótese em relação à necessidade de utilização do clítico *se* na variante incoativa destes verbos leva em conta esta característica. Na seção 3.2, analisamos a mudança no comportamento de determinados verbos na presença de um argumento afetado animado, os quais passavam a alternar somente com o *se*. No caso dos verbos psicológicos, dos verbos de “machucar” e dos verbos de “alojar”, a presença de um afetado animado não é um fator independente, mas sim uma característica semântica destes verbos, os quais não aceitam afetados inanimados em seu sentido não metafórico (e, quando aceitam, não participam da alternância causativa). Dessa forma, acreditamos que a utilização do clítico *se* na forma incoativa destes verbos seja necessária para que não haja ambiguidade em relação ao papel semântico do argumento: a presença do clítico indica que este é afetado no evento.

Por outro lado, nossa hipótese para a necessidade de utilização do *se* na forma incoativa dos verbos de mudança inespecificada e de manutenção de estado se deve a uma outra característica semântica destes verbos: o estado resultante do evento que denotam é pouco especificado no significado do verbo. Os verbos de mudança inespecificada, conforme indica o nome da classe, especificam apenas a ocorrência de uma mudança de estado. Já os verbos de manutenção de estado indicam que não houve mudança, simplesmente a manutenção de um estado em um determinado período de tempo.

No mesmo sentido, observamos em nossa análise que os verbos de composição e de decomposição especificam em seu significado muito pouco além da relação de parte-todo existente entre os participantes do evento. Dessa forma, acreditamos que o clítico *se* é necessário para evitar a ambiguidade destes verbos e indicar o papel semântico do participante da forma incoativa.

Com relação aos verbos de mudança na relação espacial, observamos que estes especificam em seu significado apenas a alteração na relação espacial existente entre as entidades participantes do evento. Acreditamos que o clítico *se* é utilizado nas incoativas com estes verbos porque a noção de reciprocidade está envolvida nos eventos denotados por eles. Entretanto, ao contrário do que propõe Souza (1999), esta reciprocidade ocorre somente porque ambas as entidades que representam os extremos da trajetória envolvida no evento são afetadas pela mudança na relação espacial entre elas – não há, portanto, necessariamente, “ações recíprocas” envolvidas nestes eventos, como sugere Souza.

Por fim, observamos que o restante dos verbos encontrados no *corpus* que alternam somente com o clítico na forma incoativa podem ser classificados, de um modo geral, como verbos de mudança de estado. Em nossa análise, não foi possível identificar classes semânticas relevantes entre estes verbos. Na seção 3.5, voltaremos à discussão sobre o comportamento destes verbos, propondo uma hipótese baseada no trabalho de Souza (1999) para explicar este comportamento em relação à utilização do clítico.

Na seção seguinte, analisaremos os verbos encontrados no *corpus* que possibilitam as duas formas de alternância: com e sem o clítico *se* na variante incoativa.

3.4 Verbos que permitem incoativas com e sem o *se*

Finalmente, passamos para a análise dos verbos que participam da alternância causativa tanto com quanto sem o clítico *se* na forma incoativa. Os verbos com esta característica encontrados no *corpus* são basicamente verbos de mudança de estado, os quais dividimos em algumas subclasses. Além destes, temos ainda os verbos de mudança de estado psicológico com o prefixo *en-*, os quais se afastam dos outros verbos psicológicos por possibilitarem a formação da variante incoativa também sem o clítico *se*.

3.4.1 Verbos de mudança de estado

Entre os verbos de mudança de estado analisados que possibilitam as duas formas de alternância em relação ao clítico *se* estão alguns dos mais frequentemente utilizados como exemplos de verbos que participam da alternância causativa, como, por exemplo, *quebrar*, *abrir*, *fechar*, *congelar*, etc. Com base principalmente no trabalho de Levin (1993), foi possível identificar algumas subclasses entre estes verbos, as quais discutiremos abaixo.

3.4.1.1 Verbos de “quebrar”

De acordo com Levin (1993), os verbos de quebrar são aqueles que denotam uma mudança na integridade material da entidade afetada. Os verbos desta subclasse encontrados no *corpus* alternam com ou sem o clítico *se* na forma incoativa, como ilustra o verbo *quebrar*, em (190):

- (190) a. Pedro quebrou o vaso.
 b. O vaso quebrou./O vaso se quebrou.

Além de *quebrar*, incluímos nesta classe os verbos *corroer*, *estilhaçar*, *lascar*, *rachar* e *rasgar*, que apresentam as mesmas características. Estes verbos não ocorrem em seu sentido usual com afetados animados/humanos, o qual é um dos fatores semânticos que, conforme vimos, tornam obrigatória a presença do clítico *se* nas incoativas. Acreditamos que este fato influencie a possibilidade de estes verbos permitirem a formação de incoativas sem o clítico.

3.4.1.2 Verbos de mudança de cor

Os verbos desta subclasse denotam a mudança de cor da entidade afetada ou de parte dela. Todos os verbos deste tipo encontrados no *corpus* possibilitam as duas formas de alternância – com e sem o clítico *se* na variante incoativa, como ilustra o exemplo abaixo:

- (191) a. A neve embranqueceu as montanhas.
 b. As montanhas embranqueceram./ As montanhas se embranqueceram.

Além de *embranquecer*, encontram-se no *corpus* os verbos *amarelar*, *avermelhar* e *esverdear* que podem ser incluídos na mesma subclasse. Assim como os verbos de “quebrar”, descritos acima, os verbos de mudança de cor também não aceitam afetados animados/humanos na versão causativa (cf. ??*O problema de fígado amarelou o João.*), o que parece contribuir para a possibilidade de estes verbos formarem as incoativas também sem o clítico *se*.

3.4.1.3 Verbos de mudança de estado material

Classificamos como verbos de mudança de estado material aqueles que denotam a transição de um estado da matéria para outro: isto é, de sólido para líquido, de líquido para sólido, de líquido para gasoso, etc. Conforme ilustra o verbo *descongelar*, em (192) abaixo, os verbos com estas características encontrados no *corpus* participam da alternância causativa com ou sem o *se* na forma incoativa:

- (192) a. O calor do verão descongelou o lago.
 b. O lago descongelou./ O lago se descongelou.

Os outros verbos de mudança de estado material encontrados no *corpus* são: *cristalizar*, *congelar*, *derreter*, *dissolver*, *evaporar* e *solidificar*. É importante ressaltar o

contraste entre os verbos desta classe e os verbos de composição e de decomposição, analisados na subseção 3.3.3. Os verbos de composição e de decomposição, conforme vimos, denotam, respectivamente, a formação de uma entidade ou a desagregação de uma entidade em suas partes constitutivas. Com isso, estes verbos impõem poucas restrições seletivas aos seus argumentos, o que torna necessária a utilização do clítico como forma de evitar a ambiguidade entre as diáteses do verbo. No caso dos verbos de mudança de estado material, a mudança de estado denotada parece ser semelhante à dos verbos de composição e de decomposição; porém, crucialmente, verbos como *congelar*, *derreter* e *evaporar* denotam também em seu significado o estado resultante da mudança. Além disso, como são mudanças que exigem certas fontes de energia e temperatura em um certo extremo da escala de calor, é possível identificar também os causadores típicos dos eventos denotados por estes verbos. Portanto, é pequena a possibilidade de ambiguidade em relação aos argumentos. Por exemplo, em *O calor derreteu o asfalto*, não há qualquer possibilidade de confusão em relação ao papel semântico dos argumentos, e por isso *O asfalto derreteu* não apresenta possibilidade de ambiguidade. Acreditamos que a possibilidade de estes verbos ocorrerem sem o clítico na forma incoativa seja devida a esta maior especificação em seu significado.

3.4.1.4 Outros verbos

Além dos verbos incluídos nas subclasses descritas acima, foram encontrados no *corpus* diversos outros verbos de mudança de estado que possibilitam as duas formas de alternância: com e sem o clítico *se* na variante incoativa. Contudo, não foi possível identificar subclasses relevantes neste conjunto verbos. Os exemplos abaixo ilustram o comportamento destes verbos em relação ao clítico *se*:

(193) a. Daniele fechou a porta.

b. A porta fechou./A porta se fechou.

(194) a. A empresa expandiu os negócios.

b. Os negócios expandiram./Os negócios se expandiram.

Como podemos observar acima, os verbos *fechar* e *expandir* possibilitam a formação da variante incoativa com ou sem o clítico *se*. Além destes verbos, encontram-se no *corpus* os verbos *abrir*, *afundar*, *encher*, *escurecer*, *esgotar*, *esvaziar* e *sufocar*, os quais apresentam estas mesmas características.

3.4.2 Verbos de mudança de estado psicológico com o prefixo *en-*

Os verbos de mudança de estado psicológico formados com o prefixo *en-* foram os únicos verbos psicológicos encontrados no *corpus* a possibilitarem a formação da variante incoativa também sem o clítico *se*. Os exemplos abaixo ilustram este comportamento:

- (195) a. A traição enfureceu Paulo.
 b. Paulo enfureceu./Paulo se enfureceu.
 (196) a. O divórcio entristeceu Carlos.
 b. Carlos entristeceu./ Carlos se entristeceu.

Além destes verbos, encontra-se no *corpus* o verbo *enfraquecer*, que apresenta o mesmo comportamento. Acreditamos que a possibilidade de alternância destes verbos sem o clítico *se*, ao contrário dos demais verbos psicológicos, esteja relacionada à presença do prefixo *en-*. Este prefixo está envolvido também na formação de outros verbos que denotam incoação, como *embranquecer*, *enfraquecer* e *engravidar*, por exemplo. Este prefixo parece carregar em seu significado algum elemento que indica incoação, o que leva a uma forte tendência de interpretação do argumento na forma intransitiva de verbos com este prefixo como afetado. Isto explicaria a possibilidade de alternância sem o *se* dos verbos psicológicos formados com este prefixo. Se esta hipótese estiver correta, acreditamos que este contraste entre os verbos psicológicos formados com o prefixo *en-* e os demais verbos psicológicos seja um forte indício de que uma das principais funções do clítico *se* na alternância causativa é, de fato, evitar a ambiguidade em relação ao papel semântico do argumento na forma incoativa. Na presença do sufixo *en-*, que denotaria algo como a aquisição de uma propriedade por um participante do evento, ou a mudança de estado deste participante – e, portanto, sua afetação –, o clítico *se* passa a ser opcional (cf. (195b) e (196b)), pois o argumento na forma incoativa terá mais chance de ser interpretado como afetado.

3.4.3 Conclusões

Nesta seção, analisamos os verbos que possibilitam a formação da variante incoativa com e sem o clítico *se*. De um modo geral, os verbos com este comportamento encontrados no *corpus* são verbos de mudança de estado físico, com a exceção dos verbos psicológicos formados com o prefixo *en-*. Entre estes verbos de mudança de estado físico identificamos as seguintes subclasses semânticas: verbos de “quebrar”, verbos de mudança de cor e verbos de mudança de estado material. Além dos verbos incluídos nestas subclasses, há ainda outros

verbos de mudança de estado com este comportamento em relação à utilização do clítico *se*; contudo, não foi possível identificar subclasses relevantes entre estes verbos.

No que diz respeito aos verbos psicológicos com o prefixo *en-*, nossa hipótese é a de que a presença deste prefixo faz com que a utilização do *se* na variante incoativa não seja necessária. Conforme vimos na seção anterior, a semântica deste prefixo parece indicar que o participante do evento adquire uma propriedade ou sofre uma mudança de estado, o que elimina a necessidade de utilização do *se* para evitar a ambiguidade na forma intransitiva, uma vez que só há um argumento presente, e o prefixo indicaria que este é afetado.

De maneira a explicar, de um modo geral, o comportamento do restante dos verbos analisados nesta seção – os quais permitem a alternância com e sem o *se* –, bem como o comportamento dos verbos de mudança de estado analisados na subseção 3.3.6 – os quais alternam somente com a presença do clítico *se*, sem motivação semântica aparente –, propomos a seguinte hipótese, baseada no trabalho de Souza (1999). Lembramos que, para Souza, o padrão atual de distribuição do clítico *se* nas incoativas é, de algum modo, resultado do processo diacrônico pelo qual o PB vem gradualmente restringindo o uso dos pronomes átonos – inclusive, do *se*.

Suponhamos que, no passado, as formas incoativas dos verbos no PB eram, sistematicamente, marcadas com o clítico *se*; portanto, a regra era, simplesmente, toda a relação gramatical em que o afetado passa a ser sujeito de um verbo causativo – identificando-se ou não com o causador – é marcada com *se*. De fato, lembramos que esta é, de modo geral, a proposta de Koontz-Garboden (2009) para o espanhol, que seria uma língua em que todos os verbos alternantes formam a incoativa com o *se*. Como dissemos, para Souza, a marcação sistemática das incoativas com o *se* deixou de acontecer no PB, em consequência de uma tendência geral da língua a perder seus clíticos de terceira pessoa. Contudo, Souza não desenvolve esta ideia de forma mais articulada, e apenas estipula que, devido a isso, a forma TRI – isto é, a possibilidade de ter ou não o *se* – é *default* atualmente no PB, conforme vimos no capítulo anterior. Nossa hipótese, antes, é a de que a regra no PB atual é a de formar as incoativas sem o clítico *se*. Podemos sistematizar a gradual limitação no uso do clítico *se* nas formas incoativas no PB do seguinte modo:

- (197) a. Regra 1 (Correspondente ao estágio 1 – ou seja, o PB do passado): A exponência das formas incoativas derivadas de verbos transitivos causativos é a forma reflexiva – isto é, com o clítico *se*.
- b. Regra 2 (Correspondente ao estágio 2 – ou seja, o PB atual): A exponência das formas incoativas derivadas de verbos transitivos causativos é a forma intransitiva – isto é, sem o clítico *se*.

A proposta em (197) acima indica que houve uma alteração na regra referente à utilização do clítico *se* nas sentenças incoativas no PB – ou seja, conforme esta hipótese, no PB atual, a regra passou a ser a expressão das incoativas por uma forma intransitiva (cf. 197b). Note-se que nossa hipótese simplesmente toma literalmente a motivação apontada por Souza: a queda do uso dos átonos – incluindo o clítico *se*. Contudo, ao contrário de Souza (1999) que, ao estipular a forma TRI como *default*, precisava explicar os desvios deste *default*, especialmente a forma TR, se nossa hipótese estiver correta, os verbos que precisam ser explicados são justamente aqueles alternam apenas com o *se*, assim como os que alternam tanto com quanto sem o *se*.

Como vimos, o uso obrigatório do *se* com formas incoativas no PB, de fato, deixou de ser um processo puramente gramatical e passou a ser condicionado por fatores relativos à possibilidade de ambiguidade na interpretação do sujeito da forma incoativa. Portanto, para estes casos, de fato, devemos presumir que o clítico *se* é inserido independentemente do processo básico, que é a formação da incoativa sem o *se*. Por isso, por exemplo, encontramos inúmeros casos, nas várias classes verbais que discutimos, em que o *se* é inserido quando o afetado é animado/humano, mas não quando é inanimado (cf. *João se queimou com a chama da lareira*, em contraste com *A lenha queimou com a chama da lareira*). De acordo com nossa sugestão, o que acontece aqui é: a regra de formação das incoativas simplesmente resulta na forma intransitiva; entretanto, no caso de um afetado animado/humano, isso resulta em uma forma potencialmente ambígua (em *João queimou*, sem marcação da diátese, *João* poderia ser tanto causador como afetado). Esta condição exige, então, o uso do *se* para afetados animados/humanos na forma incoativa.

Acreditamos que, excluídos os casos em que a utilização do clítico *se* é necessária para evitar a ambiguidade entre as diáteses dos verbos, o clítico *se* acaba sendo uma espécie de “resquíio histórico” da Regra 1, levando-se em conta que o processo de mudança ainda está em andamento. Ou seja, possivelmente, os verbos de mudança de estado apresentados na

seção 3.3.6 que necessitam do clítico *se*, mesmo não apresentando nenhuma das características que levam à obrigatoriedade do clítico de acordo com nosso estudo (p. ex., seres animados como argumentos afetados prototípicos, ou pouca especificação no significado do verbo quando ao estado resultante), utilizam o *se* porque ainda não entraram no processo de mudança. O motivo para que isto ocorra pode ser a baixa frequência de utilização destes verbos (p. ex., *asfixiar, carbonizar, democratizar*), em comparação com verbos mais comuns que permitem o apagamento do clítico (p. ex., *abrir, congelar, fechar*). É claro que somente um estudo de natureza quantitativa poderá comprovar esta hipótese, o que foge do escopo deste trabalho.

3.5 Resumo e conclusões

Neste capítulo, realizamos um estudo descritivo da distribuição do clítico *se* na alternância causativa no PB. Com base em um *corpus* composto por 132 verbos de diferentes classes semânticas que participam desta alternância em nossa língua, foi feita uma classificação dos verbos de acordo com seu comportamento em relação à utilização do clítico *se* em sua forma incoativa. O Quadro 2 abaixo sintetiza esta classificação.

Quadro 2 Classes de verbos distribuídas de acordo com seu comportamento em relação à utilização do clítico se na forma incoativa.

Verbos que participam da alternância causativa:	Classes de verbos
Sem o clítico <i>se</i>	<p>a. Verbos de modo de movimento: balançar, deslizar, girar, quicar, rodar, rolar.</p> <p>b. Verbos de emissão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Verbos de emissão de som:</i> estalar, soar. - <i>Verbos de emissão de substância:</i> esguichar, sangrar. <p>c. Verbos de mudança de estado:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Verbos de mudança de estado por meio de calor:</i> aquecer, assar, cozinhar, queimar, refogar, torrar. - <i>Verbos de mudança de proporção:</i> aumentar, diminuir, dobrar, encolher. - <i>Verbos de detonação:</i> detonar, explodir. - <i>Verbos de mudança de estado relacionados a adjetivo:</i> endurecer, envelhecer, esfriar, limpar, melhorar, secar, sujar.

<p>Somente com o clítico <i>se</i></p>	<p>a. Verbos de mudança de estado psicológico: abalar, aborrecer, acalmar, alegrar, animar, apavorar, chatear, comover, confundir, convencer, decepcionar, deprimir, desiludir, dissuadir, entusiasmar, importunar, intimidar, magoar, motivar, pacificar, persuadir, preocupar, reconfortar, seduzir, tranquilizar, traumatizar.</p> <p>b. Verbos de mudança inespecificada: alterar, modificar, transformar.</p> <p>c. Verbos de manutenção de estado: conservar, manter, preservar.</p> <p>d. Verbos de composição: compor, constituir, formar.</p> <p>e. Verbos de decomposição: decompor, dissipar, dividir, partir.</p> <p>f. Verbos de “machucar”: arranhar, cortar, ferir, machucar.</p> <p>g. Verbos de “alojar”: abrigar, alojar, proteger.</p> <p>h. Verbos de mudança na relação espacial: afastar, aproximar, conectar, despregar, distanciar, juntar, misturar, separar, unir.</p> <p>i. Verbos de mudança de estado: acelerar, afogar, asfixiar, atenuar, carbonizar, comprimir, consumir, curar, democratizar, espatifar, estraçalhar, esparramar, fortalecer, iluminar, intensificar, mover, multiplicar, neutralizar, purificar.</p>
<p>Com e sem o clítico <i>se</i></p>	<p>a. Verbos de mudança de estado:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Verbos de “quebrar”:</i> corroer, estilhaçar, lascar, quebrar, rachar, rasgar. - <i>Verbos de mudança de cor:</i> amarelar, avermelhar, embranquecer, esverdear. - <i>Verbos de mudança de estado material:</i> congelar, cristalizar, derreter, descongelar, dissolver, evaporar, solidificar. - <i>Outros verbos:</i> abrir, afundar, encher, escurecer, esgotar, esvaziar, expandir, fechar, sufocar. <p>b. Verbos de mudança de estado psicológico com o prefixo <i>en-</i>: enfurecer, enfraquecer, entristecer.</p>

A partir desta classificação, foi possível identificar algumas características semânticas das classes verbais que parecem influenciar o comportamento dos verbos em relação à utilização do clítico *se* nas incoativas.

Na seção 3.2, ao analisarmos os verbos que alternam sem o clítico *se*, identificamos duas características semânticas que, de acordo com nossa análise, podem determinar este comportamento. Primeiramente, observamos que os verbos que podem ser considerados como basicamente intransitivos, como os verbos de modo de movimento e os verbos de emissão, não utilizam o clítico *se* porque não há possibilidade de ambiguidade entre as diáteses do verbo: o argumento na forma incoativa será sempre interpretado como afetado.

Por sua vez, em nossa análise dos verbos de mudança de estado que alternam sem o *se* (como, por exemplo, os verbos de mudança de estado por meio de calor), constatamos que estes verbos especificam suficientemente a natureza e o estado resultante do evento que denotam, o que possibilita que os causadores e afetados típicos destes eventos possam ser identificados na forma causativa. Com isso, há pouca possibilidade de ambiguidade em relação ao papel temático do participante na forma incoativa, e a utilização do clítico *se* não é necessária. No entanto, pudemos observar que este quadro se altera, no caso de alguns destes verbos, na presença de um afetado animado/humano. Quando alguns destes verbos selecionam um argumento afetado animado/humano (p. ex., os verbos *aquecer* e *queimar*), este fator introduz a possibilidade de ambiguidade em relação ao papel semântico dos argumentos, pois seres animados/humanos são considerados também causadores prototípicos. Assim, o clítico *se* precisa estar presente na forma incoativa nestes casos (cf. *A comida queimou no forno*, em contraste com *João se queimou no forno*). Conforme vimos no capítulo 2, Souza (1999) já havia chamado a atenção para a necessidade do clítico em verbos que selecionam tipicamente argumentos afetados humanos. O que fizemos em nossa análise foi estender esta generalização para afetados animados em geral, bem como tratamos este como um fator semântico autônomo, o qual pode agir em diferentes classes verbais, invertendo a tendência de alternância de alguns verbos – tornando obrigatória a utilização do clítico *se*.

Na seção 3.3, tratamos dos verbos que alternam somente com a utilização do clítico *se* na forma incoativa. Observamos que os verbos que selecionam prototipicamente argumentos afetados animados/humanos (p. ex., os verbos de mudança de estado psicológico, os verbos de “machucar” e os verbos de “alojar”) alternam somente com o clítico *se*, o que parece sustentar a hipótese relacionada à presença de afetados animados/humanos destacada acima. Além disso, verificamos que a ausência de especificação sobre o estado resultante do evento em algumas classes de verbos (p. ex., os verbos de mudança inespecificada e os verbos de manutenção de estado) faz com que seja necessária a presença do clítico *se* na forma incoativa, pois há grande possibilidade de haver ambiguidade em relação ao papel semântico do argumento na forma incoativa. Por fim, uma última hipótese proposta nesta seção foi a de que o prefixo *en-* é responsável pela possibilidade de alguns verbos psicológicos formarem a variante incoativa também sem o clítico *se*, pois este prefixo já denotaria a ideia de afetação do participante do evento.

A identificação destes fatores em nossa análise indica que o principal papel do clítico *se* na alternância causativa parece realmente ser, conforme sugerido no trabalho de Souza

(1999), o de evitar a ambiguidade em relação ao papel semântico do argumento na variante incoativa. A presença do clítico *se* indica que o argumento na forma incoativa é afetado no evento, e não causador. Nossa análise mostrou que as classes de verbos que não utilizam o clítico *se* na forma incoativa possuem características semânticas que impedem que haja ambiguidade na forma incoativa. Por outro lado, verbos que especificam pouco sobre o estado resultante do evento, ou verbos que prototipicamente selecionam argumentos afetados animados, por exemplo, possibilitam que haja ambiguidade e, assim, a utilização do clítico é necessária.

Entretanto, somente a identificação destes fatores não foi suficiente para explicar a forma de alternância de todos os verbos encontrados em nosso *corpus*. Com o objetivo de explicar o comportamento dos verbos mudança de estado apresentados na seção 3.3.6 – os quais necessitam do clítico na forma incoativa sem nenhum motivo aparente –, bem como dos verbos discutidos na seção 3.5, que alternam tanto com quanto sem o clítico *se*, propusemos uma hipótese baseada na ideia de Souza (1999) de que a forma TRI seria o default da alternância no PB devido à queda dos clíticos átonos na língua – inclusive do *se*. A hipótese que postulamos é a de que a regra que rege a utilização do clítico *se* nas incoativas no PB sofreu uma alteração diacrônica: no PB do passado, os verbos alternavam somente com o *se* na forma incoativa; porém, no PB atual, a regra passou a ser a formação da forma incoativa sem o *se*. De acordo com esta hipótese, na ausência de algum fator semântico que torne obrigatória a presença do clítico, os verbos poderão formar a incoativa sem o *se*.

Se esta hipótese estiver correta, podemos concluir que os verbos que utilizam o clítico *se* sem nenhuma motivação aparente o fazem porque ainda não foram atingidos por este processo de mudança, possivelmente por baixa frequência de uso. Isto explicaria a grande variação neste sentido entre os dialetos do PB: o nível de mudança da Regra 1 para a Regra 2 parece ser diferente nas várias regiões do país – sabe-se, por exemplo, que o dialeto mineiro aparentemente possibilita a alternância sem o clítico *se* com mais verbos do que o dialeto falado em nossa região (cf. Ciríaco, 2007; Whitaker-Franchi, 1989). Além disso, o comportamento dos verbos que alternam tanto com quanto sem o clítico *se* – como, por exemplo, os verbos *abrir*, *fechar*, *congelar*, etc. – pode ser explicado de duas formas: (i) verbos com este comportamento possuem alguma complexidade em seu sentido que pode, por vezes, determinar o uso do clítico; ou (ii) a utilização do clítico *se* nestes casos é um “resquício histórico” da Regra 1.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo investigou a distribuição do clítico *se* na alternância causativa no PB. Com base no trabalho de Souza (1999), exploramos a hipótese de que o principal papel do clítico *se* nas formas incoativas dos verbos alternantes no PB é o de evitar a ambiguidade entre as diáteses destes verbos. Conforme vimos, o clítico *se* parece marcar morfologicamente a “absorção” do argumento causador durante o processo de ergativização, seja pela sua indeterminação, interpretada como quantificação existencial (cf. Levin e Rappaport-Hovav, 1995), seja pela sua identificação com o próprio argumento afetado (cf. Chierchia, 2004). Esta marcação morfológica da forma incoativa elimina a possibilidade de ambiguidade entre as diáteses do verbo, pois o clítico indica que o argumento na forma incoativa do verbo é afetado no evento.

Em nosso estudo descritivo, realizado no capítulo 3, acreditamos ter alcançado os objetivos propostos na introdução deste trabalho. Destacamos que certas características semânticas dos verbos alternantes podem determinar a utilização ou não do clítico *se* nas incoativas, aumentando ou reduzindo a possibilidade de que ocorra a ambiguidade entre as diáteses. No que diz respeito aos verbos que alternam somente sem o clítico *se*, foi possível postular duas hipóteses principais para explicar este comportamento: (i) verbos basicamente intransitivos não utilizam o clítico *se* porque não há possibilidade de haver ambiguidade entre as diáteses destes verbos, uma vez que o único argumento na forma básica é interpretado como o correspondente do afetado da forma causativa; e (ii) verbos que especificam suficientemente em seu significado o estado resultante do evento também não utilizam o clítico *se*, pois os causadores e afetados prototípicos desses eventos podem normalmente ser identificados na forma básica causativa, o que reduz a possibilidade de ambiguidade no mapeamento da forma incoativa. Dessa forma, avançamos em relação ao trabalho de Souza (1999) na análise dos verbos que alternam sem o clítico *se*, uma vez que o autor não fornece nenhuma hipótese a respeito do comportamento destes verbos.

Ao investigarmos de modo mais sistemático os verbos alternantes que selecionam argumentos afetados humanos – os quais, de acordo com a análise de Souza (1999), utilizam o clítico *se* na forma incoativa para evitar a ambiguidade entre as diáteses, já que humanos são causadores típicos –, observamos que a generalização proposta por Souza necessita de um refinamento. Nossa análise mostrou que a generalização precisa ser ampliada para afetados animados de um modo geral, pois a necessidade de utilização do clítico *se* mantém com afetados animados não humanos. Observamos também que alguns verbos modificam seu comportamento em relação à utilização do clítico *se* na presença de afetados animados no evento. Desse modo, procuramos mostrar em nossa análise que a presença de um argumento afetado animado atua como um fator autônomo em diferentes classes verbais, introduzindo a possibilidade de ambiguidade entre as diáteses de determinados verbos nestas classes e tornando necessária a utilização do clítico.

Quanto aos verbos que alternam somente com o clítico *se*, postulamos duas hipóteses em nossa análise para explicar este comportamento: (i) verbos que selecionam, em seu sentido usual – ou seja, não metafórico –, argumentos afetados animados/humanos utilizam necessariamente o clítico *se* na forma incoativa, como forma de evitar a ambiguidade, uma vez que afetados animados/humanos são também causadores prototípicos; e (ii) verbos que especificam muito pouco sobre o estado resultante do evento – e, dessa forma, impõem poucas restrições seletivas aos seus argumentos – utilizam necessariamente o clítico *se* na forma incoativa, pois a possibilidade de ambiguidade em relação ao papel semântico do argumento é muito alta.

Na tentativa de explicar o comportamento dos verbos que alternam com e sem o clítico *se*, assim como de alguns verbos que alternam somente com o clítico, mesmo não possuindo nenhuma das características destacadas acima, propusemos uma hipótese relacionada à mudança na regra de utilização do *se* em incoativas derivadas de causativas no PB. Conforme vimos, Souza (1999) simplesmente estipula que a forma TRI é o *default* da alternância causativa em nossa língua, citando simplesmente que o PB vem perdendo seus clíticos átonos – e, desse modo, na falta de alguma especificação, os verbos poderiam utilizar ou não o *se* na forma incoativa. Com base nesta ideia inicial de Souza, propusemos a hipótese de que a regra que define a utilização do clítico nas incoativas no PB sofreu uma mudança: da utilização obrigatória para a não utilização do clítico *se*. Os verbos que ainda utilizam o clítico *se*, sem nenhuma motivação aparente, seriam aqueles de uso menos frequente, o que indicaria que o processo de mudança da regra ainda estaria ocorrendo. Esta mudança em andamento ainda

explicaria o caso dos verbos que alternam com e sem o clítico, bem como as diferenças entre os dialetos do PB em relação à utilização do *se* nas incoativas. A confirmação desta hipótese necessita, no entanto, de uma análise de natureza diacrônica, a qual consideramos como tema para pesquisas futuras. Além disso, também se faz necessária uma pesquisa em Linguística de *Corpus*, para checar se a hipótese em relação à frequência de utilização de alguns verbos e seu estágio na mudança quanto à utilização do clítico *se* sustenta ou não.

Finalmente, é importante enfatizar que nossa proposta tem diversas vantagens em relação à de Souza (1999): (i) explica naturalmente os casos em que o clítico *se* não é utilizado, já que o processo produtivo no PB atual é a Regra 2 (em (197b)); (ii) explica naturalmente os casos que obrigatoriamente possuem o clítico *se* – todos aqueles em que há condições adicionais, relativas à semântica do verbo, exigindo a presença do *se* para marcar que a incoativa é uma forma diferente (de outro modo, a forma intransitiva poderia levar à ambiguidade); (iii) explica porque os verbos que parecem de difícil agrupamento são encontrados justamente entre aqueles que permitem variação na forma incoativa – provavelmente são verbos cujo sentido envolve complexidades que ora podem justificar o uso de *se*, ora não, ou ainda simplesmente não se comportam de acordo com uma classe porque ainda não foram atingidos pela mudança, em virtude de serem de baixa frequência; e (iv) a relação entre a mudança original – a queda dos clíticos – e seus efeitos na alternância é expressa de maneira objetiva: o clítico *se*, tendo se tornado uma forma restrita no PB, deixou de ser usado como forma produtiva de expressão do processo de formação de incoativas em nossa língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURZIO, L. *Italian Syntax: A Government and Binding Approach*. Dordrecht: D. Reidel, 1986.
- BROUSSEAU, A. e RITTER, E. A non-unified analysis of agentive verbs. In: *Proceedings of the Tenth West Coast Conference on Formal Linguistics*, 53-64. Stanford: CSLI Publications, 1991.
- CANÇADO, M. *Verbos Psicológicos: A relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1995.
- _____. Posições Argumentais e Propriedades Semânticas. *DELTA*. v. 21.1, p. 23-56, 2005.
- _____. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*. v. 3, n. 1, 2010.
- CANÇADO, M. e GODOY, L. Relacionando as estruturas semântico-lexical e sintático-lexical. *Anais do Encontro do GT de Teoria da Gramática da ANPOLL*. UNB, a sair.
- CIRÍACO, L. *A alternância causativo/ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas*. Dissertação de Mestrado. UFMG, 2007.
- CIRÍACO, L. e CANÇADO, M. A alternância causativo-ergativa no PB. *Revista Matraca*, v.16, n. 24, p.216-229, 2009.
- CYRINO, S. *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1994.
- CHIERCHIA, G. A semantics for unaccusatives and its syntactic consequences. In: Alexiadou, Anagnostopoulou e Everaert (eds.). *The unaccusativity puzzle*, p. 22–59. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- CROFT, W. Event Structure in Argument Linking. In: Butt, M. e Geuder, W. (eds.). *The Projection of Arguments: Lexical and Compositional Factors*. Stanford: CSLI Publications, p. 97-134, 1998.

- _____. *Syntactic Categories and Grammatical Relations*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- CULICOVER, Peter e JACKENDOFF, Ray. *Simpler Syntax*. Oxford e New York: Oxford University Press, 2005.
- DOWTY, D. *Word meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel, 1979.
- _____. Thematic Proto-roles and Argument Selection. *Language* 67 (3), 547-619, 1991.
- HALE, K. e KEYSER, S. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In: Hale, K. e Keyser, S. (eds.). *The View from Building 20*, p. 53-109. Cambridge: MIT Press, 1993.
- _____. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0.5a. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.
- JACKENDOFF, Ray. *Semantics and Cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.
- _____. *Semantic Structures*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- _____. *The Architecture of the Language Faculty*. Cambridge, MA: MIT Press, 1997.
- _____. *Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- _____. *Language, Consciousness, Culture: Essays on Mental Structure*. Cambridge, MA: MIT Press, 2007.
- KOONTZ-GARBODEN, A. Anticausativization. *Natural Language & Linguistic Theory*, n. 27, p. 77-138, 2009.
- LEVIN, B. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- LEVIN, B., e RAPPAPORT-HOVAV, M. *Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- _____. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

- NUNES, J. Direção de Cliticização, Objeto Nulo e Pronome Tônico na Posição de Objeto em Português Brasileiro. In: Roberts, I. e Kato, M. (orgs.): *Português Brasileiro: uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 207-222, 1993.
- PAGOTTO, E. *A Posição dos Clíticos em Português*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1992.
- PARSONS, T. *Events in the Semantics of English: A Study in Subatomic Semantics*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- PUSTEJOVSKY, J. *The generative lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- RAPPAPORT-HOVAV, M. e LEVIN, B. Building Verb Meanings. In: Butt, M. e Geuder, W. (eds.). *The Projection of Arguments: Lexical and Compositional Factors*. Stanford: CSLI Publications, p. 97-134, 1998.
- _____. Reflections on Manner/Result Complementarity. In: Doron, E., Rappaport Hovav, M. e Sichel, I. (eds.). *Syntax, Lexical Semantics, and Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, p. 21-38, no prelo.
- WHITAKER-FRANCHI, R. *As construções ergativas: um estudo semântico e sintático*. Dissertação de mestrado. UNICAMP, 1989.
- SOUZA, P. *A alternância causativa no Português do Brasil: defaults num léxico gerativo*. Tese de Doutorado. USP, 1999.

ANEXO

Em anexo encontra-se o *corpus* utilizado em nosso estudo descritivo, realizado no capítulo 3 da presente dissertação. O *corpus* é composto por sentenças formadas com 132 verbos que participam da alternância causativa no PB. A maioria destes verbos foram retirados dos trabalhos de Levin (1993), Cançado (1995) e Souza (1999); porém, também foram incluídos no *corpus* alguns verbos que surgiram à medida que realizávamos nossa pesquisa. Mantivemos neste anexo a classificação original dos autores para os verbos utilizados.

1. LEVIN (1993): CLASSES DE VERBOS QUE PARTICIPAM DA ALTERNÂNCIA CAUSATIVA EM INGLÊS

1.1 ROLL VERBS ('VERBOS DE ROLAR'): *bounce* ('quicar'), *move* ('mover'), *roll* ('rolar'), *slide* ('deslizar'), *swing* ('balançar').

- (1) a. O jogador quicou a bola.
b. A bola quicou./*A bola se quicou.
- (2) a. O cachorro moveu o arbusto.
b. *O arbusto moveu./O arbusto se moveu.
- (3) a. João rolou a bola.
b. A bola rolou./*A bola se rolou.
- (4) a. O homem deslizou o trenó até o rio.
b. O trenó deslizou./*O trenó se deslizou.
- (5) a. O vento balançou os galhos das árvores.
b. Os galhos balançaram./*Os galhos se balançaram.

1.2 MOTION AROUND AN AXIS ('MOVIMENTO EM TORNO DE UM EIXO'): *rotate* ('girar'), *spin* ('rodar').

- (6) a. O menino girou a roleta.
b. A roleta girou./*A roleta se girou.
- (7) a. O piloto rodou o carro.
b. O carro rodou./*O carro se rodou.

1.3 BREAK VERBS ('VERBOS DE QUEBRAR'): *break* ('quebrar'), *chip* ('lascar'), *crack* ('rachar'), *crash* ('espatifar'), *rip* ('rasgar'), *shatter* ('estilhaçar'), *smash* ('estraçalhar'), *split* ('partir').

- (8) a. Pedro quebrou o vaso.
b. O vaso quebrou./O vaso se quebrou.
- (9) a. A martelada de João lascou a xícara.
b. A xícara lascou./A xícara se lascou.
- (10) a. O terremoto rachou a parede.
b. A parede rachou./A parede se rachou.
- (11) a. Carlos espatifou o carro contra o muro.
b. *O carro espatifou./O carro se espatifou.
- (12) a. Maria rasgou o vestido.
b. O vestido rasgou./O vestido se rasgou.
- (13) a. A batida estilhaçou o vidro do carro.
b. O vidro estilhaçou./O vidro se estilhaçou.
- (14) a. A explosão estraçalhou a parede.
b. *A parede estraçalhou./A parede se estraçalhou.
- (15) a. O lenhador partiu a árvore.
b. *A árvore partiu./A árvore se partiu.

1.4 OTHER ALTERNATING VERBS OF CHANGE OF STATE ('OUTROS VERBOS ALTERNANTES DE MUDANÇA DE ESTADO'): *age* ('envelhecer'), *alter* ('alterar'), *burn* ('queimar'), *close* ('fechar'), *compress* ('comprimir'), *corrode* ('corroer'), *decompose* ('decompôr'), *decrease* ('diminuir'), *defrost* ('descongelar'), *dissolve* ('dissolver'), *divide* ('dividir'), *double* ('dobrar'), *expand* ('expandir'), *explode* ('explodir'), *fill* ('encher'), *freeze* ('congelar'), *heal* ('curar'), *heat* ('aquecer'), *improve* ('melhorar'), *increase* ('aumentar'), *melt* ('derreter'), *multiply* ('multiplicar'), *shrink* ('encolher'), *sink* ('afundar').

- (16) a. O tempo envelheceu o quadro.
b. O quadro envelheceu./*O quadro se envelheceu.
- (17) a. O computador alterou os dados.
b. *Os dados alteraram./Os dados se alteraram.
- (18) a. O incêndio na casa queimou os móveis.
b. Os móveis queimaram./* Os móveis se queimaram.
- (19) a. Daniele fechou a porta.
b. A porta fechou./A porta se fechou.
- (20) a. A alta pressão comprimiu o gás.
b. *O gás comprimiu./O gás se comprimiu.
- (21) a. A umidade corroeu o encanamento.
b. O encanamento corroeu./O encanamento se corroeu.
- (22) a. A alta temperatura decompôs o alimento.
b. *O alimento decompôs./O alimento se decompôs.
- (23) a. O governo diminuiu os impostos.

- b. Os impostos diminuíram./*Os impostos se diminuíram.
- (24) a. O calor do verão descongelou o lago.
b. O lago descongelou./ O lago se descongelou.
- (25) a. A água dissolveu o açúcar.
b. O açúcar dissolveu./ O açúcar se dissolveu.
- (26) a. A eleição dividiu a população.
b. *A população dividiu./A população se dividiu.
- (27) a. O governo dobrou o salário dos professores.
b. O salário dobrou./*O salário se dobrou.
- (28) a. A empresa expandiu os negócios.
b. Os negócios expandiram./Os negócios se expandiram.
- (29) a. A bomba explodiu o prédio.
b. O prédio explodiu./*O prédio se explodiu.
- (30) a. A chuva encheu a piscina.
b. A piscina encheu./A piscina se encheu.
- (31) a. O frio congelou a grama.
b. A grama congelou./A grama se congelou.
- (32) a. O médico curou o paciente.
b. *O paciente curou./O paciente se curou.
- (33) a. O cozinheiro aqueceu a comida.
b. A comida aqueceu./*A comida se aqueceu.
- (34) a. O aumento do salário melhorou a vida da população.
b. A vida da população melhorou./*A vida da população se melhorou.
- (35) a. O governo aumentou a arrecadação.
b. A arrecadação aumentou./*A arrecadação se aumentou.
- (36) a. O calor derreteu o chocolate.
b. O chocolate derreteu./O chocolate se derreteu.
- (37) a. O empresário multiplicou os investimentos.
b. *Os investimentos multiplicaram./Os investimentos se multiplicaram.
- (38) a. A lavagem encolheu a camisa.
b. A camisa encolheu./*A camisa se encolheu.
- (39) a. O torpedo afundou o navio.
b. O navio afundou./O navio se afundou.

1.4.1 Zero-related to adjective (Derivados do adjetivo): *clean* ('limpar'), *cool* ('esfriar'), *dirty* ('sujar'), *dry* ('secar'), *empty* ('esvaziar'), *open* ('abrir').

- (40) a. A ventania limpou o céu.
b. O céu limpou./*O céu se limpou.
- (41) a. Paulo esfriou a sopa.
b. A sopa esfriou./*A sopa se esfriou.
- (42) a. A criança sujou a camiseta.

- b. A camiseta sujou./*A camiseta se sujou.
- (43) a. A estiagem secou o lago.
b. O lago secou./*O lago se secou.
- (44) a. A inflação esvaziou as lojas.
b. As lojas esvaziaram./As lojas se esvaziaram.
- (45) a. João abriu a porta.
b. A porta abriu./A porta se abriu.

1.4.2 Change of color ('Mudança de cor'): *red*den ('avermelhar'), *whiten* ('embranquecer'), *yellow* ('amarelar').

- (46) a. A tinta avermelhou a água.
b. A água avermelhou./A água se avermelhou.
- (47) a. A neve embranqueceu as montanhas.
b. As montanhas embranqueceram./As montanhas se embranqueceram.
- (48) a. A poeira amarelou o livro.
b. O livro amarelou./O livro se amarelou.

1.4.3 –en verbs (Verbos com –en): *darken* ('escurecer'), *harden* ('endurecer'), *lighten* ('iluminar'), *strengthen* ('fortalecer'), *weaken* ('enfraquecer').

- (49) a. As nuvens escureceram o céu.
b. O céu escureceu./O céu se escureceu.
- (50) a. O calor do sol endureceu o barro.
b. O barro endureceu./*O barro se endureceu.
- (51) a. Os fogos iluminaram o céu.
b. *O céu iluminou./O céu se iluminou.
- (52) a. O atleta fortaleceu os músculos.
b. *Os músculos fortaleceram./Os músculos se fortaleceram.
- (53) a. A falta de recursos enfraqueceu o time.
b. O time enfraqueceu./O time se enfraqueceu.

1.4.4 –ify verbs (Verbos com –ify): *intensify* ('intensificar'), *purify* ('purificar'), *solidify* ('solidificar').

- (54) a. Os bombeiros intensificaram as buscas.
b. *As buscas intensificaram./As buscas se intensificaram.
- (55) a. O filtro purificou o ar.
b. *O ar purificou./O ar se purificou.
- (56) a. O frio solidificou a água.
b. A água solidificou./A água se solidificou.

1.4.5 –ize verbs (Verbos com –ize): *carbonize* ('carbonizar'), *crystallize* ('cristalizar'), *democratize* ('democratizar'), *neutralize* ('neutralizar').

- (57) a. O fogo carbonizou as árvores.
b. *As árvores carbonizaram./As árvores se carbonizaram.
- (58) a. O frio do inverno cristalizou o mel.
b. O mel cristalizou./O mel se cristalizou.
- (59) a. O governo democratizou a universidade.
b. *A universidade democratizou./A universidade se democratizou.
- (60) a. A polícia neutralizou o confronto.
b. *O confronto neutralizou./O confronto se neutralizou.

1.4.6 –ate verbs (Verbos com –ate): *accelerate* ('acelerar'), *attenuate* ('atenuar'), *detonate* ('detonar'), *evaporate* ('evaporar').

- (61) a. O aquecimento global acelerou o desmatamento.
b. *O desmatamento acelerou./O desmatamento se acelerou.
- (62) a. As medidas atenuaram os efeitos da seca.
b. *Os efeitos da seca atenuaram./Os efeitos da seca se atenuaram.
- (63) a. Os terroristas detonaram a bomba.
b. A bomba detonou./*A bomba se detonou.
- (64) a. O fogo alto evaporou a água da panela.
b. A água da panela evaporou./A água da panela se evaporou.

1.5 AMUSE-TYPE PSYCH-VERBS ('VERBOS PSICOLÓGICOS DO TIPO DE AMUSE'): *cheer* ('alegrar'), *madden* ('enfurecer'), *puzzle* ('confundir'), *sadden* ('entristecer'), *worry* ('preocupar').

- (65) a. Os filhos alegraram a mãe.
b. *A mãe alegrou./A mãe se alegrou.
- (66) a. A traição enfureceu Paulo.
b. Paulo enfureceu./Paulo se enfureceu.
- (67) a. A pergunta confundiu os alunos.
b. *Os alunos confundiram./Os alunos se confundiram.
- (68) a. O divórcio entristeceu Carlos.
b. Carlos entristeceu./ Carlos se entristeceu.
- (69) a. As contas preocuparam Ana.
b. *Ana preocupou./Ana se preocupou.

1.6 VERBS OF EMISSION ('VERBOS DE EMISSÃO')

1.6.1 Verbs of sound emission ('Verbos de emissão de som'): *click* ('estalar'), *clang* ('soar').

- (70) a. Paulo estalou os dedos.
b. Os dedos estalaram./*Os dedos se estalaram.
- (71) a. A banda soou os instrumentos.
b. Os instrumentos soaram./*Os instrumentos se soaram.

1.6.2 Verbs of substance emission ('Verbos de emissão de substância'): *bleed* ('sangrar'), *squirt* ('esguichar').

- (72) a. O fazendeiro sangrou o animal.
b. O animal sangrou./*O animal se sangrou.
- (73) a. O menino esguichou a água com a pistola de brinquedo.
b. A água esguichou./*A água se esguichou.

1.7 LODGE VERBS ('VERBOS DE ALOJAR'): *lodge* ('alojar'), *shelter* ('abrigar').

- (74) a. Carlos alojou as visitas.
b. *As visitas alojaram./As visitas se alojaram.
- (75) a. O exército abrigou os sobreviventes.
b. *Os sobreviventes abrigaram./Os sobreviventes se abrigaram.

1.8 SUFFOCATE VERBS ('VERBOS DE SUFOCAR'): *asphyxiate* ('asfixiar'), *drown* ('afogar'), *suffocate* ('sufocar').

- (76) a. O soldado asfixiou o inimigo.
b. *O inimigo asfixiou./O inimigo se asfixiou.
- (77) a. O assassino afogou a vítima.
b. *A vítima afogou./A vítima se afogou.
- (78) a. A fumaça do carro sufocou as pessoas.
b. As pessoas sufocaram./As pessoas se sufocaram.

2. CANÇADO (1996): VERBOS PSICOLÓGICOS ALTERNANTES

2.1 CLASSE 2: abalar, aborrecer, chatear, comover, decepcionar, deprimir, magoar, traumatizar.

- (79) a. O desastre abalou a população.
b. *A população abalou./A população se abalou.
- (80) a. A discussão aborreceu Ana.
b. *Ana aborreceu./Ana se aborreceu.
- (81) a. Paulo chateou Márcia.
b. *Márcia chateou./Márcia se chateou.
- (82) a. A peça comoveu o público.
b. *O público comoveu./O público se comoveu.
- (83) a. O resultado decepcionou a torcida.
b. *A torcida decepcionou./A torcida se decepcionou.
- (84) a. A morte do paciente deprimiu o médico.
b. *O médico deprimiu./O médico se deprimiu.
- (85) a. João magoou Maria.
b. ??Maria magoou./Maria se magoou.
- (86) a. O acidente traumatizou o piloto.
b. *O piloto traumatizou./O piloto se traumatizou.

2.2 CLASSE 3: acalmar, pacificar, reconfortar, tranquilizar.

- (87) a. A mãe acalmou a filha.
b. ??A filha acalmou./A filha se acalmou.
- (88) a. O fim da guerra pacificou o país.
b. *O país pacificou./O país se pacificou.
- (89) a. A boa notícia reconfortou Paulo.
b. *Paulo reconfortou./Paulo se reconfortou.
- (90) a. Maria tranquilizou o filho.
b. *O filho tranquilizou./O filho se tranquilizou.

2.3 CLASSE 4: apavorar, animar, desiludir, entusiasmar, importunar, intimidar, motivar, seduzir.

- (91) a. O palhaço apavorou a criança.
b. *A criança apavorou./A criança se apavorou.
- (92) a. O concerto animou a platéia.
b. *A platéia animou./A platéia se animou.
- (93) a. A derrota desiludiu o treinador.
b. *O treinador desiludiu./O treinador se desiludiu.
- (94) a. O projeto entusiasmou os investidores.
b. *Os investidores entusiasmaram./Os investidores se entusiasmaram.
- (95) a. O barulho importunou os vizinhos.
b. *Os vizinhos importunaram./Os vizinhos se importunaram.
- (96) a. O tenista intimidou o adversário.
b. *O adversário intimidou./O adversário se intimidou.
- (97) a. O técnico motivou o nadador.
b. *O nadador motivou./O nadador se motivou.
- (98) a. A nova ideia seduziu os investidores.
b. *Os investidores seduziram./Os investidores se seduziram.

3. SOUZA (1999): CLASSES DE VERBOS QUE PARTICIPAM DA ALTERNÂNCIA CAUSATIVA

3.1 OBJETO AFETADO HUMANO COMO *DEFAULT*

3.1.1 Convencer: convencer, dissuadir, persuadir.

- (99) a. As desculpas de Joana convenceram Pedro.
b. *Pedro convenceu./Pedro se convenceu.
- (100) a. Paulo dissuadiu Maria de largar o emprego.
b. *Maria dissuadiu./Maria se dissuadiu.
- (101) a. Carlos persuadiu João a aceitar o emprego.
b. *João persuadiu./João se persuadiu.

3.1.2 Ferir: arranhar, ferir, machucar.

- (102) a. Os galhos da árvore arranharam Ana.
b. *Ana arranhou./Ana se arranhou.
- (103) a. O tiro feriu o policial.
b. *O policial feriu./O policial se feriu.
- (104) a. A queda da árvore machucou João.
b. *João machucou./João se machucou.

3.2 TRANSIÇÃO INESPECIFICADA

3.2.1 Transformar: modificar, transformar.

- (105) a. O revisor modificou o texto.
b. *O texto modificou./O texto se modificou.
- (106) a. Paula transformou o quarto em sala.
b. *O quarto transformou em sala./O quarto se transformou em sala.

3.3 SIMÉTRICOS

3.3.1 Juntar: conectar, juntar, misturar, unir.

- (107) a. O técnico conectou os cabos.
b. *Os cabos conectaram./Os cabos se conectaram.
- (108) a. O professor juntou as turmas.
b. *As turmas juntaram./As turmas se juntaram.
- (109) a. O jogador misturou as cartas.
b. *As cartas misturaram./As cartas se misturaram.
- (110) a. Os objetivos da escola uniram os alunos.
b. *Os alunos uniram./Os alunos se uniram.

3.3.2 Separar: despregar, distanciar, separar.

- (111) a. O terremoto despregou o quadro da parede.
b. *O quadro despregou./O quadro se despregou.
- (112) a. A eleição distanciou o governo da oposição.
b. *O governo distanciou./O governo se distanciou.
- (113) a. As brigas e o ciúme separaram o casal.
b. *O casal separou./O casal se separou.

3.3.3 Afastar: afastar, aproximar, esparramar.

- (114) a. A polícia afastou a multidão da entrada do estádio.
b. *A multidão afastou./A multidão se afastou.
- (115) a. A conversa aproximou os irmãos.

- b. *Os irmãos aproximaram./Os irmãos se aproximaram.
- (116) a. João esparramou os livros na mesa.
b. *Os livros esparramaram./Os livros se esparramaram.

3.4 COZINHAR: assar, cozinhar, refogar.

- (117) a. O cozinheiro assou a carne.
b. A carne assou./*A carne se assou.
- (118) a. Paulo cozinhou o arroz.
b. O arroz cozinhou./*O arroz se cozinhou.
- (119) a. Maria refogou os legumes.
b. Os legumes refogaram./*Os legumes se refogaram.

3.5 RESULTATIVOS

3.5.1 Formar: compor, constituir, formar.

- (120) a. Os novos professores compuseram um grupo.
b. *Um grupo compôs./Um grupo se compôs.
- (121) a. O governo constituiu um novo projeto.
b. *Um novo projeto constituiu./Um novo projeto se constituiu.
- (122) a. As nuvens carregadas formaram uma tempestade.
b. *Uma tempestade formou./Uma tempestade se formou.

3.5.2 Consumir: consumir, dissipar, esgotar.

- (123) a. O incêndio consumiu o prédio.
b. *O prédio consumiu./O prédio se consumiu.
- (124) a. O sol dissipou a cerração.
b. *A cerração dissipou./A cerração se dissipou.
- (125) a. A mineradora esgotou os recursos naturais da região.
b. Os recursos naturais esgotaram./Os recursos naturais se esgotaram.

3.6 MANTER: conservar, manter, preservar.

- (126) a. A adega conservou o vinho.
b. *O vinho conservou./O vinho se conservou.
- (127) a. A comunidade manteve os antigos costumes.
b. *Os antigos costumes mantiveram./Os antigos costumes se mantiveram.
- (128) a. O governo preservou as florestas.
b. *As florestas preservaram./As florestas se preservaram.

4. OUTROS VERBOS ANALISADOS

4.1 VERBOS DE MUDANÇA DE ESTADO

4.1.1 Verbos de mudança de estado por meio de calor: torrar.

- (129) a. O padeiro torrou o pão.
b. O pão torrou./*O pão se torrou.

4.1.2 Verbos de mudança de cor: esverdear.

- (130) a. A umidade esverdeou a parede.
b. A parede esverdeou./A parede se esverdeou.

4.2 VERBOS DE “MACHUCAR”: cortar.

- (131) a. O prego na parede cortou Carlos.
b. *Carlos cortou./Carlos se cortou.

4.3 VERBOS DE “ALOJAR”: proteger.

- (132) a. A cobertura do estádio protegeu os torcedores da chuva.
b. *Os torcedores protegeram./Os torcedores se protegeram (da chuva).